

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
ÁREA DE TEOLOGIA SISTEMÁTICA EM EXPERIÊNCIA RELIGIOSA
MESTRADO

EDSON ROBERTO PEDRON FRIZZO

**A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE DOS
UNIVERSITÁRIOS DA PONTIFÍCIA
UNIVERSIDADE CATÓLICA DO
RIO GRANDE DO SUL**

Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann

Orientador

Porto Alegre
2012

EDSON ROBERTO PEDRON FRIZZO

**A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO
RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Teologia Sistemática em Experiência Religiosa.

Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann

Porto Alegre
2012

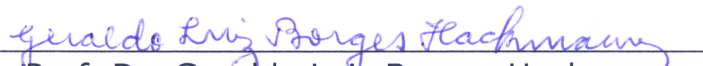
EDSON ROBERTO PEDRON FRIZZO

**A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE DOS UNIVERSITÁRIOS
DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO
GRANDE DO SUL**

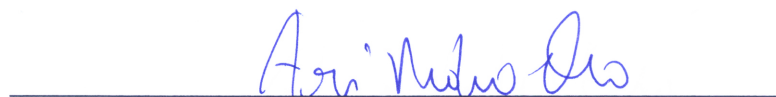
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Teologia, Área de Teologia Sistemática em Experiência Religiosa.

Aprovado em 30 de março de 2012, pela Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann
(Orientador)


Prof. Dr. Marileda Baggio


Prof. Dr. Ari Pedro Oro

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, pelo dom da vida.

A minha esposa, Ivete Maria Petroli Frizzo.

A minha filha, Rafaela Petroli Frizzo.

Ao meu filho, Eduardo Petroli Frizzo.

Que, sem o fundamental, apoio não teria sido possível este momento.

Ao Pe. Felipe Tarcísio Guerra Staudt, pela amizade sempre presente e pela imprescindível ajuda e apoio durante todo o estudo.

À amiga e colega, Genacéia da Silva Alberton, pelo carinho e ajuda nos momentos cruciais da dissertação.

Ao Coordenador do Curso de Pós-Graduação de Ciências Sociais, Dr. Prof. Emil Albert Sobottka, pelo carinho e prestimosa ajuda no programa de obtenção dos dados da pesquisa.

Ao meu orientador Prof. Dr. Pe. Geraldo Luiz Borges Hackmann, pelo carinho, paciência, ajuda na busca do melhor resultado para a pesquisa.

Ao Coordenador Prof. José Romaldo Klering, Coordenador do Departamento de Cultura Religiosa, e toda a sua equipe de professores, pela ajuda dispensada na aplicação da pesquisa.

Ao Coordenador da Pós-Graduação, Prof. Dr. Pe. Leomar Antônio Brustolin, pelo carinho e atenção dispensada a todos os Mestrandos e pelo convite a mim para cursar o Curso de Pós-Graduação.

À Flávia Cristina Leão Teixeira da equipe administrativa, pelo carinho e paciência todas as vezes que necessitei de seu auxílio.

“Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, em sua grande misericórdia, nos gerou de novo, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para a esperança viva, para herança incorruptível, imaculada e imarcescível, reservada nos céus para vós, os que, mediante a fé, fostes guardados pelo poder de Deus para a salvação prestes a revelar-se no tempo do fim”

(1Pe 1, 3-5).

RESUMO

A pesquisa visa a conhecer a religiosidade e a prática religiosa dos estudantes da PUCRS. Estamos diante da necessidade de conhecer a situação religiosa dos universitários da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e verificar se a crise de hoje sobre a fé não deixa de afetá-los também. Entendemos que os alunos da PUCRS representam a opinião dos universitários em geral, visto serem provenientes de diversos lugares do estado e até fora do Rio Grande do Sul e, por esta razão, terem recebido educação básica em ambientes diversificados, considerando o ponto de vista familiar e cultural. A sociedade passa hoje por uma profunda crise religiosa, haja vista o esvaziamento de nossas Igrejas, onde velhas certezas e hábitos se dissolvem e novas experimentações surgem titubeantes e inseguras. Assim sendo, muitos creem em Deus como uma força segura e superior, mas, sem uma pertença religiosa. A realidade das religiões no país modificou-se nas últimas décadas, com progressivo declínio do catolicismo e o aumento do pluralismo religioso na sociedade, do sincretismo, secularização, dessacralização, ateísmo, indiferentismo religioso, etc. As questões mais discutidas, como divórcio, aborto, controle da natalidade, pesquisa genética humana, inseminação artificial, união de pessoas do mesmo sexo, etc. trazem sempre novas indagações quanto à atualização da Igreja hoje. Há também um avanço na ciência e em suas descobertas, e o homem pode viver sem sentir-se ameaçado por isso. Deve e pode viver em harmonia entre fé e razão, sem que isso implique uma contradição. A pesquisa busca, portanto, identificar até que ponto estas tendências podem influenciar na compreensão da fé e que, por sua vez, também apontem para novos “movimentos pastorais” que possam responder aos atuais desafios deste momento de Pós-modernidade, no qual que estamos vivendo.

Palavras-chave: Religião. Religiosidade. Fé. Pós-modernidade. Universitários.

ABSTRACT

This research aims at getting to know religiosity and the religious practice of students at PUC University. We face the need to know the religious situation of the college students at The Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul, and how the actual crisis on faith affects them. We understand that the opinion of PUC students represent the opinion of college students in general, due to the fact they come from different places throughout the state and even from outside Rio Grande do Sul. Because of that they have received their upbringing in diversified environments, from both a family and cultural point of view. Society nowadays is going through a deep religious crisis, due to the emptying of our Churches. While old certainties and habits are being dissolved, new experimentations are coming up and they are insecure and hesitating. Therefore, many people believe in God as a superior and safe power, but don't have a religious belonging. The reality of religions in the country has changed in the last decades with the progressive decline of catholicism and the increase of religious pluralism in society, also the increase of syncretism, secularization, desacralization, atheism, religious indifference, etc. The most discussed issues, such as divorce, abortion, natality control, genetic human research, artificial insemination, the union of people from the same sex, etc bring up new questions regarding the updating of the church nowadays. There is also an advance in science and its discoveries and people can now live without feeling threatened. People can and should live in harmony between faith and reason without this being a contradiction. This research tries to identify to what extend these trends can have an influence in the understanding of faith. It also points out at new "pastoral movements" that can respond to the actual challenges of this moment of postmodernity that we are living.

Keywords: Religious. Religiosity. Faith. Post-modernity. College students.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Cursos de graduação	44
Tabela 2: Idade do participante	45
Tabela 3: Sexo do participante	46
Tabela 4: Qual a sua religião?	48
Tabela 5: Religião dos participantes.....	49
Tabela 6: Sacramento do Batismo	51
Tabela 7: Sacramento da Eucaristia	52
Tabela 8: Sacramento da Crisma.....	53
Tabela 9: Sacramento do Matrimônio	55
Tabela 10: Frequência ao culto religioso.....	56
Tabela 11: Reza/Ora	58
Tabela 12: Expectativas da religião.....	61
Tabela 13: Comunicação da religião com os fiéis.....	62
Tabela 14: Conhecimento sobre sua religião.....	65
Tabela 15: Ensino religioso até a 5ª série	66
Tabela 16: Ensino religioso da 6ª a 8ª série.....	67
Tabela 17: Ensino religioso no ensino médio.....	68
Tabela 18: Ensino religioso na escola	68
Tabela 19: Contribuição financeira para com a religião	71
Tabela 20: Participação de movimento na sua religião	73
Tabela 21: Posição sobre o divórcio.....	75
Tabela 22: Posição sobre a eutanásia	80
Tabela 23: Posição sobre o aborto.....	83
Tabela 24: Posição sobre a pena de morte.....	87
Tabela 25: Posição sobre o controle artificial da natalidade	89

Tabela 26: Casamento de religiosos(as)	92
Tabela 27: Sexo antes do casamento	93
Tabela 28: União de pessoas de mesmo sexo.....	96
Tabela 29: Fecundação artificial	99
Tabela 30: Pesquisa científica genética humana	101
Tabela 31: Crer em Deus	104
Tabela 32: Interferência de Deus em nossa vida	106
Tabela 33: Ressurreição/reencarnação/vida após morte.....	108
Tabela 34: Ser humano responsável pelo mal	113
Tabela 35: Sociedade responsável pelo mal	114
Tabela 36: A natureza do mundo responsável pelo mal.....	114
Tabela 37: O mal é castigo de Deus	115
Tabela 38: O mal é fatalidade.....	115
Tabela 39: Religião por cura	119
Tabela 40: Religião por negócios	119
Tabela 41: Religião e realização do seu ser profundo	120
Tabela 42: Religião pela conquista do amor	120
Tabela 43: Religião por segurança	121
Tabela 44: Religião por ideal de viver	121
Tabela 45: Religião e questões sociais, políticas e econômicas	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Cursos de graduação	44
Gráfico 2: Idade do participante	45
Gráfico 3: Sexo do participante	47
Gráfico 4: Qual a sua religião?	49
Gráfico 5: Religião do participante	49
Gráfico 6: Sacramento do Batismo.....	51
Gráfico 7: Sacramento da Eucaristia	52
Gráfico 8: Sacramento da Crisma.....	53
Gráfico 9: Sacramento do Matrimônio.....	56
Gráfico 10: Frequência ao culto religioso	57
Gráfico 11: Reza/Ora.....	59
Gráfico 12: Expectativas da religião	61
Gráfico 13: Comunicação da religião com os fiéis	62
Gráfico 14: Conhecimento sobre sua religião	65
Gráfico 15: Ensino religioso até a 5ª série.....	67
Gráfico 16: Ensino religioso da 6ª a 8ª série	67
Gráfico 17: Ensino religioso no ensino médio	68
Gráfico 18: Ensino religioso na escola.....	68
Gráfico 19: Contribuição financeira para com a religião	71
Gráfico 20: Participação de movimento na sua religião.....	73
Gráfico 21: Posição sobre o divórcio	75
Gráfico 22: Posição sobre a eutanásia	80
Gráfico 23: Posição sobre aborto	83
Gráfico 24: Posição sobre a pena de morte	88
Gráfico 25: Posição sobre o controle artificial da natalidade.....	90

Gráfico 26: Casamento de religiosos.....	92
Gráfico 27: Sexo antes do casamento.....	94
Gráfico 28: União de pessoas de mesmo sexo	96
Gráfico 29: Fecundação artificial	99
Gráfico 30: Pesquisa científica genética humana	102
Gráfico 31: Crer em Deus.....	104
Gráfico 32: Interferência de Deus em nossa vida.....	106
Gráfico 33: Ressurreição/reencarnação/vida após morte	109
Gráfico 34: Ser humano responsável pelo mal.....	113
Gráfico 35: Sociedade responsável pelo mal.....	114
Gráfico 36: A natureza do mundo responsável pelo mal	114
Gráfico 37: O mal é castigo de Deus.....	115
Gráfico 38: O mal é fatalidade	115
Gráfico 39: Religião por cura	119
Gráfico 40: Religião por negócios.....	119
Gráfico 41: Religião e realização do seu ser profundo.....	120
Gráfico 42: Religião pela conquista do amor	120
Gráfico 43: Religião por segurança	121
Gráfico 44: Religião por ideal de viver	121
Gráfico 45: Religião, questões sociais, políticas e econômicas	125

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cursos da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre.....	42
---	----

LISTA DE SIGLAS

CDF	Congregação Para a Doutrina da Fé
CEC	Catecismo da Igreja Católica
CELAM	Conselho Episcopal Latino Americano (Bogotá, Colômbia)
CERIS	Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (RJ, Brasil)
CF	<i>Cartas às Famílias</i> (Papa João Paulo II, 2002)
CIC	Código de Direito Canônico
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CV II	Concílio Vaticano II
DA	Documento de Aparecida (Latino-Americano e do Caribe, Brasil, 2007)
DH	Denzinger – Hünermann
EV	<i>Evangelium Vitae</i> (Papa João Paulo II, 2009)
GS	<i>Gaudium Et Spes</i> (Concílio Vaticano II, 2000)
HV	<i>Humanae Vitae</i> (Papa Paulo VI, 2010)
IM	<i>Inter Mirífica</i> (Concílio Vaticano II, 2000)
LG	<i>Lumen Gentium</i> (Concílio Vaticano II, 2000)
MM	<i>Mater et Magistra</i> (Papa João XXIII, 2004)
MF	<i>Mysterium Fidei</i> (Papa Paulo VI, 2005)
NA	<i>Nostra Aetate</i> (Concílio Vaticano II, 2000)
OT	<i>Optatam Totius</i> (Concílio Vaticano II, 2000)
PP	<i>Populorum Progressio</i> (Papa Paulo VI, 2006)
PO	<i>Presbyterorum Ordinis</i> (Concílio Vaticano II, 2000)
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
QA	<i>Quadragesimo Anno</i> (Papa Pio XI, 2004)
RM	<i>Redemptoris Missio</i> (João Paulo II, 1990)
RN	<i>Rerum Novarum</i> (Papa Leão XIII, 2010)

- SC *Sacrosanctum Concilium* (Concílio Vaticano II, 2000)
- SS *Sollicitudo Social* (Papa João Paulo II, 2003)
- UC *Universidades Católicas* (Papa João Paulo II, 2000)
- VS *Veritatis Splendor* (Papa João Paulo II, 2011)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA.....	19
1.1 REFLETINDO SOBRE A RELIGIÃO	19
1.1.1 Conceituando religião	19
1.1.2 Tipos de religião.....	23
1.2 A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE	26
1.3 CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE ATUAL.....	28
1.3.1 Secularização e secularismo.....	29
1.3.2 O Relativismo.....	31
1.3.3 O Ateísmo	32
1.3.4 O pluralismo religioso	33
1.4 A FÉ CRISTÃ	35
1.4.1 Os fundamentos da fé.....	35
1.4.2 Relação entre fé e razão	37
1.5 A UNIVERSIDADE CATÓLICA E A RELIGIÃO	39
2 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS	41
2.1 INTRODUÇÃO.....	41
2.2 RESULTADO DA PESQUISA	43
2.3 IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS RESPONDENTES	44
2.3.1 Alunos pesquisados.....	44
2.3.2 A idade dos respondentes.....	45
2.3.3 O sexo dos respondentes	46
2.4 PERTENÇA RELIGIOSA	47
2.4.1 Qual a sua religião?	47
2.4.2 Os sacramentos	51
2.4.3 Missa, culto, reunião e sessão	56
2.4.4 A vida de Oração	58

2.5 SATISFAÇÃO COM A RELIGIÃO.....	60
2.5.1 A religião e a resposta às expectativas pessoais	60
2.5.2 Dê um conceito para a comunicação da sua religião com os fiéis	62
2.6 CONHECIMENTO DA RELIGIÃO	64
2.6.1 Costuma ler publicações?	64
2.6.2 O ensino religioso.....	66
2.7 ENGAJAMENTO RELIGIOSO	70
2.7.1 Contribui financeiramente?.....	70
2.7.2 Participa/participou de algum movimento?.....	73
2.8 PRÁTICA MORAL.....	75
2.8.1 Sobre o divórcio	75
2.8.2 Eutanásia	79
2.8.3 A favor do aborto.....	83
2.8.4 Pena de morte	86
2.8.5 Controle artificial da natalidade	89
2.8.6 Casamento de religiosos	91
2.8.7 Sexo antes do casamento	93
2.8.8 União de pessoas do mesmo sexo.....	95
2.8.9 Fecundação artificial	98
2.8.10 Pesquisa da genética humana	101
2.9 A FÉ.....	103
2.9.1 Acredita em Deus?.....	103
2.9.2 Construir/Transformar sua vida.....	106
2.9.3 Ressurreição/Reencarnação/Vida após a morte	108
2.9.4 Sobre o mal.....	113
2.10 MOTIVAÇÃO PARA PERTENÇA RELIGIOSA	118
2.10.1 Sobre a Religião	118
2.10.2 Religião deve se envolver com questões sociais, políticas e econômicas?	124
CONCLUSÃO.....	129
REFERÊNCIAS	132
ANEXO A - Aprovação da Pesquisa pela Comissão de Ética	140
ANEXO B - Termo de Consentimento	141
ANEXO C - Parecer	142
ANEXO D - Questionário	143

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende fazer o levantamento de opinião sobre religião dos estudantes da PUCRS que cursam a disciplina de Humanismo e Cultura Religiosa, que está situada, normalmente, na metade do currículo da Faculdade. Assim, poder-se-á averiguar o que eles pensam, sobre religião e vivem a sua religiosidade já que terão cursado praticamente metade do tempo de duração de seu Curso Universitário e, ao mesmo tempo, poderão estar em um amadurecimento psicossocial mais avançado.

O tema a ser abordado na presente pesquisa é a identificação da religião e da religiosidade dos universitários da PUCRS. Tendo em vista a realidade que se vive na Pós-modernidade, com tantas ofertas ao nosso alcance, interessa para uma Universidade Católica conhecer qual a posição religiosa de seus alunos na atualidade. Também verificar as novas tendências religiosas e se há uma crise de fé, onde predomina o secularismo, o ateísmo, o indiferentismo religioso ou qualquer outra predominância religiosa como novo paradigma pós-moderno.

Os objetivos gerais desta pesquisa são levantar e descrever a realidade religiosa dos estudantes da PUCRS; e os objetivos específicos são: verificar a participação dos estudantes em missas, cultos, reuniões etc.; classificar os diferentes tipos de religião que se fazem presentes no meio universitário, identificar a ideia de Deus dos estudantes e verificar a aceitação da Igreja Católica.

Educar significa conduzir-se de dentro de si para fora, indo ao encontro do jovem universitário com a liberdade do adulto que ensina, e o jovem que recebe. Dentro desta dinâmica, está a Teologia que tem seu espaço na Universidade e deve guiar os estudantes para a verdadeira educação da paz e da justiça, sendo, ao mesmo tempo, testemunhas autênticas do Evangelho de Jesus Cristo. Os resultados éticos e morais dependem da formação integral do estudante tanto na dimensão espiritual quanto corporal e social.

No nosso mundo hoje, tão ameaçado pelo lucro desenfreado, pela ganância e individualismo, o homem se perde na realidade da sua existência e confunde a sua relação com Deus, perdendo a noção da sua liberdade com responsabilidade, vivendo em um horizonte, muitas vezes, relativista, na qual não consegue mais distinguir entre o que verdadeiramente é o bem e o mal.

O referencial teórico é do Pe. Andrés Torres Queiruga¹, sob o título *Fim do Cristianismo Pré-moderno*, que se refere a uma crise do Cristianismo na Pós-modernidade, e a pergunta a ser levantada é: Seremos nós os últimos cristãos? Esta deve ser uma questão para aprofundar uma reflexão mais objetiva, ou seja, não ficar em uma subjetividade religiosa, mas, a partir daí, procura-se avaliar o que é aceito e o que é descartado da vida de cada um. O questionário, elaborado para esta pesquisa, investiga sobre a fé, a religião, a fé em Deus, entre outras informações.

A metodologia da pesquisa terá duas vertentes: bibliográfica e pesquisa de campo. A bibliográfica compreenderá o levantamento de informações de autores que pesquisam na área religiosa (referências).

A pesquisa de opinião é realizada através da aplicação de questionário e do levantamento de opinião dos alunos na disciplina de Humanismo e Ensino Religioso desta Universidade, juntamente com os professores da mesma. Foi aplicado um questionário em todas as áreas da Universidade, excetuando-se a Faculdade de Teologia e Odontologia.

O método utilizado é o programa estatístico SPSS versão 15.0.

Ainda será utilizado um trabalho semelhante, realizado em 1998 e publicado em duas partes, em 1999 e 2000, pela *Revista Teocomunicação*² da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Também se faz referência a uma pesquisa em 2002 Desafios do Catolicismo na Cidade (CERIS), um estudo em regiões metropolitanas brasileiras. Os resultados da época servirão como referência para a pesquisa atual, a fim de constatar semelhanças e diferenças dos resultados obtidos, pois já se passaram uma década.

¹ Andrés Torres Queiruga é um renomado teólogo europeu da atualidade. É doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana em Roma e em Filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela na Espanha, onde leciona Filosofia da Religião. Dentre suas obras estão: *Recuperar a Criação*; *Por uma religião humanizadora* (2003); *Repensar a Ressurreição* (2004); *Creio em Deus Pai: O Deus de Jesus como afirmação plena do humano* (2005); *Repensar o Mal* (2011).

² *Revista Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 29, n. 124, p. 201-219, jun. 1999.

O presente trabalho se dividirá nas seguintes partes: o capítulo primeiro desenvolverá a fundamentação teórica para a pesquisa, tratando da questão da religião, religiosidade, secularização, relativismo, ateísmo, segundo a fé cristã.

O segundo especificará o número total de alunos matriculados na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, bem como o número dos respondentes da pesquisa na disciplina de Humanismo e Cultura Religiosa, e, também, faz uma reflexão sobre a religião e a religiosidade dos universitários da PUCRS, a partir daquilo que depreende da pesquisa (análise dos resultados contidos nas tabelas e gráficos), tendo como pano de fundo a fundamentação teórica do primeiro.

A conclusão tem o objetivo de verificar a hipótese de trabalho que é: “a constatação da religião e da religiosidade dos universitários da PUCRS, assim como a provável pouca vivência religiosa”.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEOLÓGICA

1.1 REFLETINDO SOBRE A RELIGIÃO

Este primeiro ponto visa a refletir sobre a religião e a religiosidade, buscando conceituar tanto o que é religião quanto religiosidade, não apenas como fenômeno humano, mas também, como a acolhida por parte do ser humano da automanifestação de Deus, que quer estabelecer relações pessoais com a criatura por ele criada.

1.1.1 Conceituando religião

Os primeiros vestígios de expressões religiosas, encontrados pela Arqueologia, aparecem por milhões de anos atrás. As suas primeiras manifestações se dão com o costume do homem de Neanderthal de enterrar os seus mortos em cavernas ou em fossas. Provavelmente, o fator que leva a humanidade (Neandertais) à crença em uma vida espiritual é a relação com os fenômenos naturais, como o vento, o trovão, a chuva, o sol, a lua, e os animais, que adquirem um significado religioso. A constatação era de que seres espirituais, com poderes sobrenaturais, agiam e animavam a natureza.³ Assim, ao pensar na existência do sobrenatural, as primeiras manifestações religiosas encontravam respostas seguras para a indagação sobre a origem do universo, para o sentido e a ordem da vida e a justificação para a morte.

Segundo Hans Waldenfels, quem pretende responder a pergunta sobre o que é a religião deverá ter bem claro diante de si que uma definição de religião, em sentido estritamente objetivo, não é possível, pois que o ponto de referência da religião sempre é absoluto, o sagrado, ou seja, Deus. Não está, portanto, dentro da capacidade humana, conceituar algo que é indefinível por seu objeto.⁴ Sendo assim, para se falar de religião de

³ SILVA, W. A. S. *Religião e sociedade contemporânea*, p. 33-34.

⁴ EICHER, P. *Diccionario de conceptos teológicos*, p. 367.

uma forma coerente, é necessário partir da experiência humana que aponta para a possibilidade de o ser humano estabelecer relações com Deus [...].⁵

Do ponto de vista etimológico, a palavra “religião” vem do verbo latino *Religare*, que significa “amarrar” ou “religar”, indicando uma relação do ser humano com Deus e que a pessoa se “amarra” em Deus e Deus se “amarra” no ser humano, ou seja, ambos estão “ligados”, por terem estabelecido relações interpessoais. A partir daí, a pessoa assume um novo caminho, expresso por outro verbo latino, o *Relegere*, que significa escolher um novo caminho, reunir (reler, retornar, reunir e considerar com muita atenção).⁶

Re-Eligere é tornar a escolher Deus, uma vez que a relação pessoal/Deus foi cortada pelo pecado, e a religião, independente de qual for, se refere a um relacionamento entre dois personagens.

Segundo a etimologia do termo de Cícero e de acordo com o autor Mariasusai Dhavamony, a palavra latim “*religio*” deriva de “*religere*”, que significa “estar atento, refletir, observar e manter muito junto”, em contraste com “*negligere*” (“negligenciar, enfraquecer”). Em outras palavras, religião significa cumprimento consciente do dever e reverente temor de poder superior.⁷

Contudo, é preciso advertir que, fundamentalmente, o termo “religião” não depende de da qual é referida, porquanto indica a atitude básica de relacionamento entre Deus e o ser humano, e que Deus faz parte da vida da pessoa humana. Todavia, tal relação não garante que todas as pessoas sejam religiosas, porque a religião não atinge a todos da mesma maneira e com a mesma intensidade⁸.

⁵ [...] esta experiência humana mostra que o homem está sempre situado perante si, mesmo como um todo. Ele pode questionar tudo. Em sua abertura a tudo, tudo o que se pode expressar pode transformar-se pelo menos em pergunta para ele. Ao afirmar a possibilidade de horizonte meramente finito de questionamento, essa possibilidade já se vê ultrapassada, e o homem se manifesta como ser de horizonte infinito. Ao experimentar essa finitude radicalmente, ele está atingindo para além dessa finitude e percebe-se como ser transcendente, como espírito. O horizonte infinito do questionar humano, experimentado como horizonte infinito do questionar humano, é vivenciado como horizonte que sempre se retira para mais longe quanto mais respostas o homem é capaz de dar-se (Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, p. 46).

⁶ COPPI, P.; BESEN, J. A.; HEERDT, M. L. *O Universo religioso*, p. 17.

⁷ LATOURELLE, R.; FISICHELLA, R. *Dicionário teologia fundamental*, p. 746.

⁸ “A proliferação de novas formas de religião, com as suas correspondentes espiritualidades, representa um fato tão notório, tão influente e tão maciço, que suscitou e continua suscitando numerosos estudos. Porém, dado o estado de efervescência criativa no fenômeno e a diversidade dos enfoques em seu estudo, o resultado é uma excessiva variedade de distinções, tipologias e classificações” (TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno – Desafios para um novo horizonte*, p. 107).

Nesse sentido, religião é a relação do homem de fé com o Deus, em quem ele crê (uma relação de aliança e comunhão na religião judeu-cristã) e o termo é utilizado, sobretudo, para indicar as várias formas em que esta relação se desenvolve. O conceito é, portanto, essencialmente histórico-cultural.⁹ Neste sentido, pode-se falar de história da religião e, também, de ciência da religião. Essa se ocupa em estudar o fenômeno religioso, que pode ser aprofundado, por exemplo, pela etnologia e sociologia. Constata-se, assim, que a religião é parte integrante da vida dos povos, e não se conhece nenhum povo que não tivesse uma expressão religiosa, mais ou menos aprimorada, de uma forma ou outra, mas sempre mantendo uma atitude de relação com Deus.¹⁰

Outra forma de abordar a religião é através da Teologia da Religião. De acordo com o *Dicionário Crítico de Teologia Heinz Bürkle*, a Teologia da Religião é um estudo sistemático das religiões não cristãs, que objetiva relacionar os seus conteúdos essenciais à verdade revelada do cristianismo.¹¹

Na busca de conceituar a religião, pode-se compreendê-la como a relação da pessoa humana com Deus, da qual brota uma crença. A tradição judaico-cristã entende que esta relação faz surgir uma comunhão entre Deus e a pessoa e se concretiza em uma aliança, selando uma relação de confiança, destinada a perdurar no tempo. O Cristianismo denomina esta atitude de “fé”, pois faz brotar uma relação nova entre Deus e a pessoa humana. Todavia, esta relação se dá não somente em nível pessoal, mas também cria laços entre as pessoas, fundando uma comunidade, que irá se compreender a partir desta relação nova de comunhão e da aliança com Deus.

Outro conceito possível de religião é o conjunto das pessoas que acredita nas mesmas verdades e se unem em uma instituição, que pode ser mais ou menos organizada. Estas pessoas estão ligadas por uma mesma tradição, por crenças iguais e por ritos comuns, formando um verdadeiro grupo humano distinto de outros. Além disso, elas, ao constituírem

⁹ SEBASTIANI, L. *Dicionário teológico enciclopédico*, p. 655.

¹⁰ Pode-se conceituar religião popular e religião universal ou mundial, conhecido pela ciência da religião. Histórico-religiosamente, semelhante determinação relacional de conceito “religião popular”, parece inteiramente significativo e utilizável, mas, no conceito acima mencionado, trata-se de fenômenos de religião popular dentro de uma religião universal, dentro do Cristianismo (Cf. EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 776).

¹¹ LACOSTE, J-Y. *Dicionário crítico de teologia*, p. 1514.

um mesmo projeto e participarem de uma mesma doutrina, codificada, mesmo que de forma rudimentar, se inserem na história e se tornam agentes vivos da história.¹²

A religião possui os seus ritos próprios e uma ética característica, na qual os seres humanos se encontram entre si, propondo valores e ideais que estabelecem uma relação de solidariedade e amor entre os membros da mesma comunidade religiosa.

A tradição faz parte das religiões, pois os ensinamentos são transmitidos de geração em geração de forma oral, por meio da comunicação dos pais ou do patriarca, como é o caso do judaísmo, de professores, de catequistas, etc. Além disso, podem ser transmitidos de forma escrita, através dos livros sagrados. É o caso, por exemplo, da Torá, para os judeus; da Sagrada Escritura, para os cristãos; e do Alcorão, para os muçulmanos.

Na Sociologia da Religião, afirma-se que as religiões podem ser tanto legitimadoras quanto proféticas.¹³ O jesuíta indiano, Michael Amaladoss, afirma que, em sua tentativa de se tornarem relevantes para uma situação histórica particular, as religiões podem assumir uma dimensão social e política¹⁴, influenciando, conseqüentemente, os sistemas econômicos e políticos das sociedades, ao mostrar, a partir de seu código ético, como possibilitar um mundo novo, além de promover a esperança de um mundo mais justo e fraterno.¹⁵

A religião abre a perspectiva comunitária. A partilha da mesma fé, da mesma doutrina, do mesmo código moral e dos mesmos ritos litúrgicos abrem a pessoa para a dimensão social, inserindo a individualidade em um contexto histórico. Desse modo, a religião traz ao ser humano um humanismo novo, pois ela descobre uma nova forma de viver e se realizar como criado a imagem e semelhança de Deus (*Gn 1,27*). Neste sentido, é possível afirmar que a religião humaniza.¹⁶

¹² SAMUEL, A. *As religiões hoje*, p. 18.

¹³ Segundo Max Weber, em geral, os profetas pregaram religiões de salvação de oposição a religiões ritualistas e práticas mágicas. Defendendo uma ética, criticavam tradições, substituindo tabus (puro/impuro) por princípios éticos. Os tabus tendem a ser regras particularistas, já a ética religiosa estaria vinculada a princípios fraternais universalistas (Cf. TEIXEIRA, F. (Org.). *Sociologia da religião*, p. 82).

¹⁴ SUSIN, L. C. (Org.). *Teologia para outro mundo possível*, p. 373.

¹⁵ O Hinduísmo busca liberdade do fardo do ciclo de nascimentos neste mundo, promovendo a ação justa sem apego. O Budismo procura transcender uma vida de sofrimento, extirpando o desejo ou o apego. O Cristianismo busca a libertação do pecado e de suas estruturas opressoras pelo amor e serviço desinteressado para com os outros. O Islamismo visa a promover a justiça e a comunidade universal pela obediência à lei de Deus (Cf. SUSIN, L.C. (Org.). *Teologia para outro mundo possível*, p. 373).

¹⁶ Os ateus explícitos formulam caminho próprio de realização humana, fazem questão de negar Deus, julgam tal negação necessária para a felicidade humana. A realização humana, no fundo, encontra-se na satisfação de

1.1.2 Tipos de religião

As religiões podem ser classificadas da seguinte forma:

- a) As tradicionais são as que acreditam na vida após a morte e na influência dos antepassados;
- b) As sapienciais são frutos da sabedoria humana, como o Hinduísmo e o Budismo;
- c) As proféticas são aquelas em que um profeta comunica a revelação recebida de Deus, como o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo;
- d) As espiritualistas têm como origem a revelação dos espíritos, como o Espiritismo e a Umbanda;
- e) As religiões, com uma atitude filosófica, são as filosofias de vida que assumem a forma de uma crença, embora não tenham características de uma religião, como a Yoga e a Maçonaria, por exemplo.¹⁷

Remontando às origens da Igreja, aparece clara a afirmação de que Cristo é o único salvador de todos, o único capaz de revelar e de conduzir a Deus. Às autoridades religiosas judaicas, que interrogam os apóstolos sobre a cura do aleijado realizada por Pedro, este responde: “É em nome de Jesus Nazareno, que vós crucificastes e Deus ressuscitou dos mortos; é por ele que este homem se apresenta curado diante de vós” (At 4, 5-11). E não há salvação em nenhum outro, pois não há debaixo do céu qualquer outro nome dado aos homens que nos possa salvar (RM, 5).

Jesus Cristo quer que todos os seres humanos se salvem. Por essa razão, o Cristianismo é uma religião missionária, embora nada proselitista, pois respeita a consciência de cada pessoa e a sua dinâmica pessoal na busca da verdade.

suas necessidades importantes e básicas em determinado meio ambiente. Significa que as pessoas buscam a realização de suas potencialidades, a sua plenitude humana. Vários nomes expressam-na: na individuação, na autorrealização, na integração, na saúde psicológica, na autonomia, na criatividade e na produtividade. No caminhar, em busca da própria realização, os cristãos, dentro do horizonte da fé, valorizam as realidades em relação às demandas existenciais do momento. Por mais que as ciências humanas se debrucem sobre tal experiência básica, não conseguem desvendar todas as diversidades humanas desse caminhar. As experiências de realização humana valem por si só e povoa de luz toda uma existência (Cf. LIBÂNIO, J. B. *Caminhos de existência*, p. 62-63).

¹⁷ COPPI, P.; BESEN, J. A.; HEERDT, M. L. *O universo religioso*, p. 21.

A universalidade da salvação em Cristo não significa que ela se destina apenas àqueles que, de maneira explícita, creem em Cristo. Se ela é destinada a todos, deve ser posta à disposição de todos. Nem todos hoje têm a possibilidade de conhecer e aceitar a revelação do Evangelho. Por viverem em condições socioculturais que não o permitem e ou foram educados em outras tradições religiosas. Para estes, a salvação de Cristo torna-se acessível, em virtude de uma graça que, embora dotada de uma misteriosa relação com a Igreja, todavia não introduz formalmente nela, mas ilumina convenientemente sua situação interior e ambiental. Esta graça provém de Cristo, é fruto do seu sacrifício e é comunicada pelo Espírito Santo: ela permite a cada um alcançar a salvação, com sua livre colaboração. (RM, 10)

Contudo, a Igreja Católica tem uma atitude de respeito para com as outras religiões. No seu dever de promover a unidade e a caridade entre os homens e mesmo entre os povos, entende que nelas manifestam as “sementes da verdade”. Respeita o modo de interpretar as próprias doutrinas e seus princípios éticos, buscando, com humildade e prudência, o diálogo, sem perder a identidade de sua fé.

Isto também se dá nas religiões não-cristãs, a Igreja Católica nada rejeita do que há de verdadeiro e santos nestas religiões. Ela considera com sincera atenção aqueles modos de agir e viver, aqueles preceitos e doutrinas. Se bem que, em muitos pontos, estejam em desacordo com os que ela mesma tem e anuncia, não raro, contudo, refletem lampejos daquela Verdade que ilumina a todos os homens.¹⁸

A partir dessa compreensão, é possível pensar em um encontro entre as religiões, possível e necessário em função do dinamismo salvífico, presente no coração de toda a História humana, a partir da encarnação do Verbo:

“O Verbo se fez carne e veio habitar entre nós” (Jo 1,14). De acordo com a fé cristã, Jesus é a palavra que saiu do Silêncio, aquele que sai de Deus por amor a nós e abre o mistério. A história estabelece uma aliança e abre um caminho para o seu povo rumo ao Reino prometido, um Deus que, na história da salvação, se comunica através das palavras e acontecimentos. Um Deus em carne humana é a o mesmo tempo revelado e escondido, “*revelatus in absconditate et absconditus in revelatione*”.¹⁹

Sendo assim, Deus, como puro amor sempre em ato, se revela ao ser humano na máxima medida. Os limites da revelação histórica não se devem a uma reserva divina, mas

¹⁸ CONCÍLIO VATICANO II. *Nostra Aetate*, 2.

¹⁹ FORTE, B. *A essência do cristianismo*, p. 49.

antes, a uma incapacidade humana que, como um ser finito, vai se dando conta lentamente da palavra viva que Deus lhe dirige constantemente.²⁰

Quando alguém faz a descoberta de um Deus que é amor, de acordo com a descrição de João (cf. *João* 4, 8-16), então acolhe a revelação de Deus e encontra a salvação. É a partir da dinâmica entre o chamado de Deus e a resposta da pessoa, que Deus consegue penetrar na consciência e na liberdade do ser humano disposto a acolhê-lo. Desse modo, a pessoa responde a um chamado pessoal da parte de Deus, fruto da iniciativa absoluta de Deus, como pura graça.²¹

E, assim, se estabelece um diálogo amoroso entre criador e criatura. Infelizmente, nem todas as pessoas conseguem responder ao convite de Deus. Aquelas que respondem tornam-se pessoas religiosas e passam a viver uma religiosidade característica, o que contrasta com as que optam por não dar uma resposta positiva a Deus.

A consciência permite assumir a responsabilidade dos atos praticados. Se o homem comete o mal, o julgamento justo da consciência pode continuar nele como testemunho da verdade universal do bem e, ao mesmo tempo, da malícia de sua escolha singular. O veredicto do juízo de consciência continua sendo penhor de esperança e misericórdia, atestando a falta cometida, lembrando, desta forma, a necessidade de pedir perdão, de praticar novamente o bem e de cultivar sem cessar a virtude com a graça de Deus.²²

A seguir, o foco, nesta pesquisa, está na religião e na religiosidade.

²⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a revelação*, p. 24.

²¹ Segundo Otto Hermann Pesch, a Graça é o amor de Deus, ou seja, é originária e essencialmente uma realidade em Deus e até, de acordo com o NT (*1Jo* 4,16), a própria realidade de Deus, não sendo, portanto, uma realidade no homem, uma substância invisível, um fluido divino, um potencial especial de energia, em que o amor de Deus se apresentasse meramente como sua “causa”. É um voltar-se para o homem, a saber, “amor” não somente como sinônimo da bondade infinita de Deus em si mesma, mas também, como ação livre de Deus que, de modo algum, se pode deduzir de sua “natureza” (Cf. EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 328).

²² CEC 1781.

1.2 A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE

A religiosidade é a busca de um indivíduo por formas de piedade, através de determinadas expressões, tais como as peregrinações, o uso de símbolos e as relíquias. Ainda mais, a religiosidade dá sentido à vida do ser humano, impedindo que ele vire uma mera máquina ou apenas um número. Além disso, a religiosidade também liga a pessoa à história religiosa de um determinado povo, com expressões religiosas características.

A religião e, por consequência também a religiosidade, é irreduzível a um aspecto meramente racional ou a uma evolução biológica ou a um fenômeno da natureza. A experiência de Deus, vivida por Israel, segundo o teólogo Francisco Taborda, mostra que a fonte da religião judaica é o mistério de Deus e, por isto, será sempre inexplicável em sua totalidade, pois Deus é o inexorável, o que não pode ser medido empiricamente²³.

A religiosidade, diferentemente da religião, é uma prática que implica uma visão pessoal, ou seja, cada pessoa expressa a sua prática religiosa a partir de seu entendimento próprio e age conforme aquilo que crê, mesmo que não tenha tido por fonte uma revelação.

O senso religioso do povo cristão encontrou, em todas as épocas, em forma de diversas piedades que circundam a vida sacramental da Igreja, como a veneração de relíquias, visitas a santuários, peregrinações, procissões, via-sacra, danças religiosas, o rosário, as medalhas. Há necessidade de um discernimento pastoral para sustentar e apoiar a religiosidade popular e, se for o caso, para purificar e retificar o sentido religioso que embasa essas devoções e para fazê-las progredir no conhecimento do mistério de Cristo.²⁴

A religião adquire uma dimensão pessoal, ao unir a pessoa com Aquele que sustenta todo o ser, a uma dimensão comunitária, eis que ela, necessariamente, une todos os que se

²³ Estamos acostumados com uma visão sobrenaturalista da religião, cuja tendência espontânea leva a considerá-la como algo literalmente “caído do céu”, favorecida pela propensão do religioso a se constituir em um mundo à parte, distinto da vida cotidiana e sempre tentado a perder todo contato com ela. Não obstante, por pouco que se observe, se notará que as religiões não caem do céu, mas nascem da terra. Em sua realidade histórica, são produtos estritamente culturais: como a poesia, a filosofia e a ciência (TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno – Desafios para um novo horizonte*, p. 228).

²⁴ CEC 1674, 1676.

reúnem em torno da crença no mesmo Deus.²⁵ Nesta fase, surge uma veneração ao sagrado e a religiosidade toma força comunitária e se fortalece na oração.

Mas a religião, como fonte de transcendência, orienta o ser humano para além do que é relativo e faz com que ele se dirija ao absoluto que, enfim, dá sentido último à sua vida e faz com que ele, de certa forma, vá além de suas limitações humanas e alcance certezas em meio às incertezas próprias da condição efêmera da vida humana.²⁶

O ser humano deseja, ao se abrir para uma atitude de religiosidade, viver o mais perto possível do sagrado, visto sentir necessidade dele no seu dia-a-dia.²⁷ Se ele sente Deus, o ser Supremo, próximo de si, ele vive na busca de um sentido para a vida, que se manifesta por meio de inúmeras interrogações, tais como o sentido para a vida e para a morte, além de iniciar uma relação abstrata com Deus, que é verbalizada através de frases, como “graças a Deus”, “se Deus quiser”, “vá com Deus” e muitas outras.²⁸

Contudo, este sentimento não é suficiente. O ser humano sente o ímpeto de aprofundar a sua relação com a divindade. E aí começa a religiosidade, que pode ir muito mais além, originando a atitude de fé em Deus e o engajamento em uma religião concreta e histórica, comportamento este que ajuda, muitas vezes, a superar positivamente questões pessoais, como, traumas, doenças, perdas de entes queridos e sofrimentos de uma maneira geral.

Todavia, hoje, as pessoas se ressentem de uma situação em que a religião e a religiosidade estão sendo questionadas. É fruto do modernismo, que questiona a pertença

²⁵ KONINGS, J. M. H.; ZILLES, U. *Religião e Cristianismo*, p. 26.

²⁶ O homem, enquanto ser pessoal, que goza de transcendência e liberdade, é, ao mesmo tempo, um ser inserido no mundo, no tempo e na história. Essa afirmação é fundamental para descrever os pressupostos que a mensagem cristã faz acerca do homem, pois, se o âmbito da transcendência e da salvação não se inserisse de início na própria História do homem e no seu existir no mundo e no tempo, a questão da salvação e a mensagem da salvação não poderiam acontecer historicamente nem se referir a uma realidade histórica (Cf. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*, p. 55-56).

²⁷ “Estamos acostumados com uma visão sobrenaturalista da religião, que a tendência espontânea leva a considerá-la como algo literalmente “caído do céu”. Tendência favorecida pela propensão do religioso a se constituir em um mundo à parte, distinto da vida cotidiana e sempre tentado a perder todo contato com ela. Não obstante, por pouco que se observe, se notará que as religiões na caem do céu, mas nascem da terra. Em sua realidade histórica, são produtos estritamente culturais: como a poesia, a filosofia e a ciência” (Cf. TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno*, p. 228).

²⁸ “O imaginário religioso se alimenta das verdades religiosas e as sustenta. A narração bíblica da criação já nos ensina que a grande ameaça ao ser humano se chama “caos”. Lá Deus o transformou em “cosmos”, em ordem. Infinitas vezes, ao longo da vida, o ser humano mergulha em situações tensas de sentido e não-sentido, ordem e desordem, caos e cosmos. O imaginário religioso tradicional conseguiu elaborar rede de sentido não só para os acontecimentos desta vida, como também, para além dela. Daí a sua força. E quem vive imerso nele transita com tranquilidade pela existência” (Cf. LIBÂNIO, J. B. *Caminhos de existência*, p. 22).

religiosa das pessoas e as manifestações de religiosidade, particularmente, das chamadas “religiões históricas”.²⁹

Por outro lado, de acordo com o autor Karl Gabriel, pode ter acontecido que uma pessoa tenha tido uma experiência religiosa negativa, o que acarreta pessimismo diante da religião, e tenha sido educada em determinadas formas tradicionais de culto e de fé muito frágeis, sem profundidade e convicção, por isso, facilmente suscetíveis ao tratar-se de fenômenos que claramente se vinculam com o persistir de formas societárias pré-modernas e tradicionais que parecem se sentir ameaçadas de modo especial pela modernização.³⁰

1.3 CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE ATUAL

O mundo de hoje vive um tempo de mudanças, marcado, fundamentalmente, pelas novas descobertas científicas e tecnológicas, que vão influenciando o modo de pensar e de viver das pessoas, a ponto de se falar em “mudança de época”³¹, que é muito mais profundo do que considerar que a sociedade de hoje esteja sofrendo mudanças profundas.

E a religião sofre este mesmo impacto que a sociedade está vivendo. Por isso, fala-se em características que marcam a religiosidade surgida na sociedade que está em constante mudança. Aqui se trata de analisar as características que a religião está assumindo na sociedade atual, que se distingue de formas de religião e de religiosidade anteriores, enquanto a sociedade hodierna está criando formas próprias de manifestação religiosa, totalmente

²⁹ “As eternas perguntas da existência humana. Que é o homem? Qual o sentido da dor, do mal e da morte que, apesar do enorme progresso alcançado, continuam a existir? Para que servem essas vitórias, ganhas a tão grande preço? Que pode o homem dar a sociedade, e que coisas pode dela receber? Que há para além da vida eterna? Essas e outras perguntas instigam o ser humano a construir o seu caminho na História. O ser humano necessita, diferentemente do animal, vislumbrar algo que lhe dê valor à existência. Apesar de todas as misérias e horrores que se presenciam, apesar de toda decepção com os crimes da humanidade, apesar de tantos pesares, esconde-se dentro dos humanos uma força que os impele para frente, coexistindo com os outros humanos, habitando o mesmo universo, aspirando ao infinito” (Cf. LIBÂNIO, J. B. *Caminhos de existência*, p. 53-54).

³⁰ EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 778.

³¹ O Episcopado da América Latina, reunido na 7ª. Conferência Geral, em Aparecida, em maio de 2007, apresenta a “mudança de época” como a característica mais importante da fase pela qual o Continente latino-americano e caribenho está vivendo.

diferentes.³² A seguir, passa-se a caracterizar esta nova religiosidade que está surgindo na sociedade atual.

1.3.1 Secularização e secularismo

Os termos *secularização* e *secularismo* são derivados do latim *saeculum*, que significa “mundo”, “era”, indicando, portanto, uma concentração especial da atenção humana sobre o mundo em que se vive. Atualmente, as palavras “secularização” e “secularismo” são empregadas com acepções diferentes. Secularização adquiriu um sentido mais positivo ao indicar as características próprias do mundo, ou deste século, e o respeito pela sua autonomia, ao passo que secularismo, uma conotação mais negativa, por não apenas acentuar a autonomia das realidades terrestres, mas também, a autonomia diante do transcendente, negando qualquer referência a Deus.

É incontestável que hoje existe um processo de secularização e, também, de secularismo. O Concílio Vaticano II já se referia a uma positiva secularização, ao afirmar que uma evolução tão rápida das coisas, progredindo com frequência desordenadamente, e mais ainda a própria consciência mais aguda das discrepâncias vigentes no mundo produzem ou aumentam as contradições e desequilíbrios, GS 8. Contudo, nas últimas décadas do século XX, a secularização se converteu em secularismo, o que vem sendo apontado pelo Magistério recente dos Papas. Demonstrem-se fundamentais muitas obras católicas educativas, assistenciais e hospitalares. “Percebe-se, contudo, certo enfraquecimento da vida cristã no conjunto da sociedade e da própria pertença à Igreja Católica, devido ao secularismo, ao hedonismo, ao indiferentismo e ao proselitismo de numerosas seitas, de religiões animistas e de novas expressões pseudo-religiosas”.³³

O processo da secularização, dentro e fora do cristianismo, quer manter a dialética necessária entre os valores terrestres e celestes. No entanto, há pessoas que conduzem as suas vidas dando prioridade quase exclusiva às realidades terrestres, eliminando qualquer referência do humano ao sagrado, como que indicando que o divino não tem mais nada a dizer

³² CORBÍ, M. *Para uma espiritualidade leiga*; p. 31.

³³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*, n. 2.

sobre o profano, que deve regular as suas ações unicamente por suas leis próprias. Isto é fruto, de certo modo, da tecnologia, que reivindica ação sem barreira, seja ela ética ou religiosa, aspirando um mundo unicamente governado pelas leis econômicas e científicas.³⁴

Todavia, é possível, seguindo a opinião de Johann Figl, afirmar que a “secularização” constitui um processo onde há a assunção de maneiras de comportamento, formas de linguagem e conteúdos de ideias, originariamente religiosas e cristãs, em campos que, igualmente após o processo de transição e separação, continuaram a agir e adquiriram plena autonomia fora do contexto da fé e são, por si mesmas, inteligíveis sem referência à religião.³⁵ Entretanto, isso não significa, necessariamente, negar a dimensão transcendental própria do ser humano.

O secularismo foi criando espaço na cultura ocidental, com o advento da Renascença e, mais tarde, do Iluminismo, que provocou o declínio da influência do Cristianismo na sociedade. Mais tarde, a Revolução Industrial ampliou ainda mais esta situação, iniciando um processo crescente de reivindicação de autonomia frente ao Cristianismo ou de qualquer espécie de religião ou religiosidade ditada pela fé. Assim, o pensamento religioso, a prática religiosa e as instituições religiosas perderam o seu significado social.³⁶

³⁴ “Segundo Johann Figl, a secularização designa o processo, pontualmente já iniciado na Idade Média, e que continuou a manifestar-se nos Tempos Modernos, de afastamento, separação e emancipação, praticamente de todos os campos de universo da vida humana, do contexto de sentido fornecido pela fé cristã. A compreensão do homem articula-se a olhos vistos sem apelo à oferta de interpretação da existência apresentada pelo cristianismo, de sorte que, por um lado, se chegou a um “desencantamento” do mundo, e, por outro, a uma autonomização e diferenciação de campos sociais centrais (devendo-se mencionar, sobretudo, o Estado, o etos, as relações econômicas, a consciência científica do método)” (Cf. EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 815; FIGL, J. *Secularização*).

³⁵ EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 816; FIGL, J. *Secularização*).

³⁶ O Iluminismo foi um movimento intelectual europeu que se constituiu de forma plena no século XVIII, com os enciclopedistas franceses Voltaire, Diderot, Helvétius, Rousseau e outros, o qual nasceu e se desenvolveu a partir da valorização da “luz natural” ou “razão”. A razão iluminista prometeu conhecimento da natureza através da ciência, aperfeiçoamento moral e emancipação política. A consciência de uma época se reconhece na metáfora da luz. Clareamento, Clarificação, Iluminação, Iluminismo e Esclarecimento remetem a um mundo inteiramente “iluminado”, isto é, visível. Nada deve permanecer velado ou coberto. O conhecimento da natureza se emancipa do mito, e o conhecimento da sociedade deve, também, fundar-se na razão. A razão esclarecida é uma razão emancipada. Como seres dotados de razão, devemos nos valer de nosso próprio entendimento, sem a tutela de outro. A razão esclarecida é a razão em estado de maioridade. O lema do iluminismo é: “ousar saber” (Cf. MATOS, O. C. F. *A Escola de Frankfurt*, p. 33).

1.3.2 O Relativismo

O relativismo ensina que tudo é relativo, sem referência a uma ideia absoluta ou categórica. Além disso, prega que os valores, as verdades políticas, religiosas e morais variam conforme a época, o lugar, a cultura de cada povo e a diversidade dos grupos sociais. Assim, hoje o relativismo surge também como fundamento filosófico da democracia, que se baseia no princípio de que ninguém deve pretender conhecer o caminho certo.³⁷ A ideia de fundo é que uma sociedade tem que ser livre de tudo, para que possa permanecer aberta para todas as maneiras de viver.

Existe também um relativismo cultural, no qual cada pessoa mantém a sua própria crença, mesmo que isso leve a justificar uma posição totalmente oposta a de outra pessoa. Chega-se, então, ao relativismo prático, porquanto a verdade depende de cada um. Aplicado ao Estado, chega-se a uma democracia entendida como livre forma de pensar e agir, na qual a maioria determina o que lhe convém, independente de qualquer referência valorativa ou religiosa.³⁸

O relativismo tornou-se hoje um dos problemas principais para a fé, pois não aceita uma verdade válida para todos. Aplicado ao campo da religião e da ética, o relativismo conduz ao ateísmo, enquanto nega a existência de uma verdade confiável, válida e comum para todos. Sendo assim, é racionalista e subjetivista, ao professar a liberdade absoluta na possibilidade de cada pessoa possa escolher aquilo que lhe parece melhor em cada situação que está vivendo. Sendo assim, o relativismo se aproxima da Nova Era.³⁹

Percebe-se que o relativismo não é a solução para os problemas dos dias atuais, porque leva a perder a noção dos valores e a relativização das formas de conduta e de vivência. É o que afirmava o então Cardeal Joseph Ratzinger na homília da Santa Missa de abertura do Conclave, em (19) abril de 2005, ao usar a expressão “ditadura do relativismo”, para dizer da

³⁷ RATZINGER, J. (Bento XVI). *Fé, verdade, tolerância*, p. 111.

³⁸ Paul Valadier “diz que os que privilegiam a referência ao valor são levados a avaliar em demasia a importância da escolha, quer porque pensam que a ação a inspiração nobre é insuficiente, quer porque, ao ouvi-los, escolheríamos o valor por si mesmo e para si mesmo, como se funcionássemos de certa maneira com valores” (Cf. VALADIER, P. *A Anarquia dos valores*, p. 133).

³⁹ RATZINGER, J. (Bento XVI). *Fé, verdade, tolerância*, p. 119.

indiferença diante de Deus e de qualquer valor considerado como absoluto ou verdadeiro o que, enfim, conduz ao ateísmo.

1.3.3 O Ateísmo

Helmuth Rolfes define o ateísmo, em sentido amplo, como a negação do que eventualmente se entende e publicamente se reconhece por Deus, o divino ou, também, a pluralidade dos deuses.⁴⁰

Genericamente, pode-se dizer que, em se falando de ateísmo, há quatro teorias: a primeira nega a existência de Deus; a segunda, concepção mais radical, nega não só a existência de Deus, mas também, a de qualquer realidade que não seja meramente física; a terceira provém de alguns autores que afirmam que ateus são os pertencentes a alguma religião, mas não praticantes da mesma e aqueles que têm dúvidas sobre a existência de um ser supremo (agnósticos); e a quarta é o grupo vinculado ao ateísmo moderno, aqueles que acreditam em Deus, mas não possuem vínculo com nenhuma religião ou grupo religioso.⁴¹

Ainda é possível identificar uma nova espécie de ateísmo por parte daquelas pessoas que buscam um Deus sob medida própria, isto é, um Deus que possa ser usado quando há necessidade imediata, como a doença, a pobreza, além das superstições. Isto pode ser considerado um tipo de ateísmo, no sentido de uma religião sem compromisso, ou um Deus que não exige a adesão a uma religião determinada, pois a fé em Deus não passa por uma pertença religiosa, mas se resume a uma crença individualista.

Muitas vezes, o ateísmo se funda em uma concepção falsa da autonomia humana, que chega a recusar toda a dependência em relação a Deus. Contudo,

o reconhecimento de Deus não se opõe de modo algum à dignidade do homem, já que esta dignidade se fundamenta e se aperfeiçoa no próprio Deus. A Igreja sabe perfeitamente que a sua mensagem se coaduna com as aspirações mais íntimas do coração humano.⁴²

⁴⁰ EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 24; ROLFES, H. *Ateísmo/Teísmo*.

⁴¹ COPPI, P.; BESEN, J. A.; HEERDT, M. L. *O universo religioso*, p. 220.

⁴² CEC 2126.

Isto significa que a fé em Deus corresponde à dignidade humana e, por isto, é possível chegar à constatação de que a razão humana pode chegar a conhecer e a afirmar a Deus, eis que não há incompatibilidade entre a fé em Deus e a razão humana. O Concílio Ecumênico Vaticano I já afirmava que a fé é adequada à razão. Assim, segundo Helmuth Rolfes:

[...] a possibilidade de conhecimento natural de Deus, racionalmente fundado estabelecida pelo Concílio Vaticano I e mantido como fundamental teologia católica, constitui como fundo para a tentativa de explicar e avaliarmos diferentes ateísmos em suas possibilidades de surgir de cada um dos momentos o processo do discurso filosófico sobre Deus.⁴³

Contudo, a sociedade atual, por suas características, cria dificuldade para a fé em Deus e motiva as pessoas para o ateísmo. Assim se refere Gilles Lipovetsky⁴⁴ quanto a essa problemática:

[...] viver livre e escolher sem restrições o seu existir mostra que a sociedade pós-moderna é também onde reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a autonomia privada é óbvia em que o novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso inelutável.⁴⁵

Nesse sentido, surge, atualmente, o pluralismo religioso.

1.3.4 O pluralismo religioso

Do ponto de vista empírico, o pluralismo religioso designa a multiplicidade de confissões de fé e religiões, enquanto se distingue do pluralismo de valores, no qual há convivência simultânea de vários valores, e do pluralismo social, em atuam forças políticas determinantes.

⁴³ EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 29. ROLFES, H. *Ateísmo/Teísmo*.

⁴⁴ LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*, p. 10-11.

⁴⁵ “A força corrosiva do capitalismo, ao permanecer como único sistema econômico e ao secretar a ideologia do consumismo, hedonismo e materialismo, produz um efeito semelhante de vacuidade, de falta de sentido. A presença corrosiva de valores fundamentais do ser humano permite explodir o fenômeno religioso. Difunde-se solerte nihilismo, pretende derrubar e abolir a moral, por ser nefasta e mentirosa. Faz ecoar o grito de Maio de 1968: “é proibido proibir”. Nada é verdade. Tudo é permitido” (Cf. LIBÂNIO, J.B. *Caminhos de existência*, p. 110).

Segundo o Pe. Jesus Hortal, por ocasião do 3º Seminário sobre “A Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil”, promovido pelo setor de Ecumenismo e Diálogo Inter-religioso da CNBB e realizado em Brasília, nos dias 1, 2 e 3 de março de 1994, diz que a fragmentação do nosso universo religioso parece ter se desenvolvido, nos últimos séculos, em três etapas, que poderiam ser resumidas da seguinte maneira:

Cristo, sim; Igreja, não; Deus, sim; Cristo, não; realidade espiritual sim, Deus, não. Esta última etapa parece estar dominando as novas tendências religiosas, o que conduz o ser humano a uma fragmentação pessoal, tendo por consequência a imersão no individualismo religioso, quando cada pessoa monta a sua própria religião à medida das suas necessidades, CNBB Igreja Católica diante do pluralismo religioso (III), 71.

Ainda mais, essa fragmentação religiosa traz consigo a insegurança existencial, que leva as pessoas à angústia, à tristeza e ao desespero, propiciando um campo fértil para a ação de grupos religiosos ou de indivíduos carismáticos que oferecem todo tipo de soluções espirituais, muitas vezes, associada a contribuições financeiras, perfazendo o que é denominado de “Teologia da Prosperidade”, pois o “investimento econômico” será o meio da recompensa espiritual ou da “graça” necessária.⁴⁶

Nesta época de Modernismo ou Pós-modernismo e de descoberta das culturas, ao lado da incidência social de outras religiões minoritárias, os católicos são mantidos imunes à sua influência. Como o advento da Modernidade, a emancipação da razão individual fez emergir, como o pluralismo cultural, o pluralismo religioso, fenômeno de proporções e implicações tão amplas quanto o primeiro e, para a Igreja, quem sabe ainda mais desestabilizante. Esta é, portanto, a outra face desse interpelante sinal dos tempos.

A pluralidade de religiões é tão antiga quanto a humanidade, mas, no Ocidente, durante quase dois mil anos, houve uma hegemonia do Cristianismo, em especial do Catolicismo: o contexto de teocracia e de religião oficial dos Estados anulava a incidência

⁴⁶ A causa de grande parte dos problemas das pessoas é desviada do âmbito social para o individual. Na Teologia da Prosperidade, vale a argumentação de que, se a origem dos problemas do indivíduo está na esfera espiritual, é nesta mesma esfera que se devem buscar as soluções. A pessoa doente precisa assumir, além do sofrimento da própria doença, a culpa por ter fraquejado na fé ou por ter aberto espaço para o demônio em sua vida. A Teologia da Prosperidade, devido à sua proposta individualizante, não prioriza a comunidade. A sua base doutrinária desconsidera a dimensão social e comunitária da vida cristã. As atividades de cura e bênção não incluem necessariamente compromisso de pertença a um corpo comunitário. Isto mostra a ausência do valor da solidariedade na Teologia da Prosperidade (Cf. NETO, R. G.; BRANDENBURG, L. E.; MEURER, E. J. *Teologia da prosperidade e nova era*, p. 12).

social de outras religiões minoritárias, mantendo os católicos imunes à sua influência. Como advento da Modernidade, a emancipação da razão individual fez emergir, com seriedade, a fé como uma opção pessoal. E mais: o descobrimento das culturas, além de ter legitimado o pluralismo cultural, na medida em que permitiu descobrir a religião como alma da cultura, fez emergir, com força, também o pluralismo religioso.⁴⁷

1.4 A FÉ CRISTÃ

Na busca de uma conceituação para a fé, Max Seckler/Chrisstoph Berchtold afirmam que a fé é a resposta do homem ao Deus que se revela historicamente.⁴⁸ Sendo assim, às exigências de Deus, a humanidade responde com obediência e o reconhecimento; à promessa de Deus, com confiança; à fidelidade de Deus, com a fidelidade da pessoa. A fé é objetivamente certa, mais certa do que qualquer conhecimento humano, porque se funda na própria Palavra de Deus, que não falha e mente. “Sem dúvida, as verdades reveladas pareçam obscuras à razão e à experiência humanas, a fé faz brotar uma certeza inabalável, pois é fruto da luz divina, que, por isso mesma, é maior do que a certeza dada pela luz da razão natural”.⁴⁹

A seguir, serão explicitados alguns aspectos relevantes da fé cristã.

1.4.1 Os fundamentos da fé

Para o Antigo Testamento, a fé é um termo derivado de várias raízes, como *aman*, que indica confiança, firmeza, segurança e certeza; *batah*, que descreve a atitude de confiar; *qiwwah*, que indica o esperar; *hikkah*, expressa o perseverar; e *hasah*, que quer dizer refugiar-se em Deus. A atitude de fé do povo de Israel provém de sua história, ou seja, da experiência de Deus que o povo teve ao longo de sua história, a partir da multiplicidade de suas

⁴⁷ BRIGHENTI, A. *A igreja perplexa*, p. 88-89.

⁴⁸ EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 304; SECKLER, M.; BERCHTOLD, C. *Fé*.

⁴⁹ CEC 157.

experiências históricas, sendo o êxodo a mais marcante (*Ex* 3,1-2; 13-1.5; 13,17-19), também pela polaridade das manifestações negativas e positivas de Javé e pelas reações por elas provocadas na vida das pessoas interessadas.⁵⁰ A confissão central da fé do Antigo Testamento é expressa pela fórmula “*Iahweh* que é o Deus de Israel” (*Jz* 5; *Js* 24,2), com a qual Israel professa a sua fé no Deus único e que faz história com ele. O estabelecimento da aliança do Sinai é o momento culminante da relação entre Deus e o povo (*Ex* 19,3-8).

Abraão representa a figura da fé, pois, como o “pai da fé” (*Hb* 11; *Rm* 4), ele supera uma ideia mítica primitiva de Deus, mas inicia um novo período, quando crê no Deus único, e a sua fé é provada (*Gn* 22, 11-13). A atitude de Abraão compreende os diversos elementos que compõem a nova relação consciente com Deus, designada como “fé”, a *pístis*. A frequência com que este substantivo é usado, assim como o verbo, indica que a fé é o conceito lógico central do Antigo Testamento.⁵¹

Para o Novo Testamento, a atitude de fé está em continuidade com o Antigo Testamento. Enquanto o Antigo Testamento acentua a característica de confiança em Deus, o Novo Testamento mostra que a fé é crer nas palavras de Jesus Cristo.⁵²

Um dado fundamental da fé é que ela vem pela audição, além de ser graça da parte de Deus. Por isso, o apóstolo Paulo ensinava: “pois a fé vem da pregação, e a pregação é pela palavra de Cristo” (*Rm* 10,17). “Não cheguei à fé pela procura particular da verdade e, sim, porque recebi, pois ela se antecipou, por assim dizer a mim”.⁵³ A fé é, então, uma recepção da palavra de Deus, ou seja, ela não é inventada nem pode ser provada empiricamente. Nas decisões mais existenciais de nossa vida, não nos guiamos pela ciência, mas, pela fé, pois o amor e a fidelidade nunca se podem demonstrar cientificamente.

⁵⁰ EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*, p. 304; SECKLER, M.; BERCHTOLD, C. *Fé*.

⁵¹ *Ibid.*, p. 304.

⁵² Em distinção relativamente ao AT, forma-se no NT uma concepção específica do conceito de fé. Fé é o conceito central para dizer a acolhida da mensagem salvífica de Deus em Jesus Cristo e o palmilhar da via salvífica apontada que se conhece e se reconhece na fé. O objeto da fé salvífica (*fides quae*) e, assim, conteúdo da pregação é a ação de Deus no seu Cristo, que se expressa e se confessa na fé mediante multiplicidade de fórmulas fixas (*1Cor* 15,3ss; *Rm* 10,8ss; *Ef* 1,3ss; *Jo* 20,31). Na fé, enquanto ato (*fides qua*), realiza-se a conversão e aprende-se a salvação oferecida. O acento recai sobre a mudança ocorrida na conversão e na decisão do indivíduo. A este ato de fé atribui-se consequência fatal, e nele se opera historicamente a salvação (Cf. *ibid.*, p. 304).

⁵³ RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Introdução ao Cristianismo*, p. 67.

1.4.2 Relação entre fé e razão

A relação entre fé e razão é um tema delicado, visto que nem sempre é possível mostrar e perceber a relação que existe entre ambas. Já no primeiro século da Igreja, a sua ação missionária se antevê diante desta questão. O apóstolo Paulo, como descreve o livro dos *Atos dos Apóstolos*, testemunha um primeiro e desafiante encontro com a razão grega no seu discurso, no Areópago de Atenas. Aí Paulo dialoga com os representantes das correntes filosóficas que existiam na Grécia da época, quando teve um encontro com “alguns filósofos epicuristas e estóicos” (*At* 17,18) e apresentou a mensagem cristã (*At* 17,24-28). Quando Paulo toca o cerne do cristianismo, a nova religião, ao anunciar a ressurreição dos mortos, ele é abandonado por seus interlocutores, que concebem como impossível e inconsistente o discurso do apóstolo (*At* 17,32-34).

A análise exegética do discurso no Areópago demonstra repetidas alusões a ideias populares, predominantemente de origem estóica.

Certamente, isso não se deu por acaso. Os primeiros missionários, para se fazerem compreender pelos pagãos, não podiam citar apenas a tradição judaica, ou seja, Moisés e os profetas, mas necessitaram apelar para o conhecimento natural de Deus e à voz da consciência moral de cada pessoa humana (*Rm* 1,19-21; 2, 14-15; *At* 14,16-17, CE Fé e Razão, 36).

Como se percebe, o encontro do Cristianismo com a filosofia da época não foi fácil nem imediato.⁵⁴ todavia, desde cedo, este procura adaptar-se e anunciar a sua doutrina de tal forma que pudesse ser ouvida e apreciada pelos intelectuais da época. Prova disto são as escolas teológicas de Alexandria e Constantinopla, que realizaram um profícuo encontro entre a fé e a razão e deram à Igreja e ao mundo pensadores exímios, tais como os Apologetas e os Santos Padres (Santo Agostinho, São Tomas de Aquino, São João Crisóstomos, entre outros). Também, bem mais tarde, na Idade Média, aconteceu o mesmo. Santo Tomás promoveu um encontro entre a Teologia e a Filosofia de Aristóteles, dando à Igreja diversas obras, particularmente a *Suma Teológica*.

⁵⁴ “Na realidade, o problema é antigo, e a solução seria muito simples se a religião se mantivesse nos limites da fé e a ciência, nos limites da razão. Mas, para que esses limites possam ser respeitados, é necessário que a religião abdique de considerar a razão subordinada à fé, e, portanto, renuncie a um fundamento da sua tradição que considera a Filosofia serva da Teologia” (Cf. GALIMBERTI, U. *Rastros do sagrado*, p. 29).

É por isso que o apelo à razão não é incompatível com a fé cristã, embora o ato da fé, em última análise, seja independente da razão, enquanto não é explicado por ela, mas, sim, como um ato subjetivo de confiança inabalável no Deus da fé cristã. Vale, por conseguinte, apelar para as ciências naturais para ilustrar a fé.

O então teólogo, Joseph Ratzinger, assim se expressava a respeito desse tema: “As ciências naturais são, de certo modo, a maneira como defrontamos o lado objetivo da realidade. A fé religiosa, ao contrário, é a expressão de uma decisão subjetiva, com a qual fixamos os valores que hão de guiar a nossa vida”.⁵⁵

Hoje, o tema da relação entre a fé e a razão tornou-se delicado, pois muitas pessoas não são capazes de compreender tal ligação. Para uma mentalidade tecnocientífica e tecnocrata, há uma barreira intransponível entre ambas, visto que a ciência experimental qualifica tudo aquilo que não é experimentável como irreal e irracional, o que dificulta a atitude de fé pessoal e comunitária. É certo que a fé comporta a dúvida, e a razão não é capaz de trazer uma certeza definitiva sobre questões da fé. Contudo, faz parte da configuração fundamental do destino humano poder encontrar o caráter definitivo de sua existência na fé, que supera o dilema entre a dúvida e a fé.⁵⁶

Atualmente, são necessárias algumas condições para que a efetivação do diálogo entre fé e razão possa acontecer. É necessário não só um novo clima, capaz de transcender os monismos e outros preconceitos, como também, pessoas abertas para o diálogo e capazes de libertar-se de seus estreitamentos e que saibam escutar, refletir e compartilhar com respeito e humildade. Além disso, é preciso competência linguística, a fim de superar impasses, tensões e choques, e possa ser buscada a verdade.⁵⁷

A Pós-modernidade está aí. A *Internet*, como cultura da tecnologia digital, por meio de *bits* e *bytes*, estende enorme rede física de comunicações que interconecta milhares de nodos, com maior ou menor potência, integrada por grandes computadores, capazes de encaminhar mensagens entre escritórios, bibliotecas, centros docentes, casas e milhões de usuários.

⁵⁵ RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Fé, verdade, tolerância*, p. 129.

⁵⁶ Idem. *Introdução ao cristianismo*, p. 36.

⁵⁷ PIVATTO, P. S. *Fé e cultura*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 27; PERGENTINO, P. S. *Ciência e Fé*.

Somos ponto de partida e chegada de infinitas mensagens que circulam por espaços e velocidades incalculáveis. Quando se estabelece uma ansiedade, estresse, impaciência, torna-se difícil manter a serenidade de um diálogo combinando a fé com a razão.⁵⁸

1.5 A UNIVERSIDADE CATÓLICA E A RELIGIÃO

A Universidade Católica, deve contribuir no desenvolvimento do bem comum e na dignidade da pessoa humana, promovendo o desenvolvimento profissional do universitário dentro da ética, e do respeito humano.

A Universidade Católica insere-se no sulco da tradição que remonta à própria origem da Universidade como instituição, pois é, no coração da Igreja, que ela nasceu, visto que, historicamente, surgiu por meio da iniciativa da Igreja. Assim, ela revelou-se sempre como um centro incomparável de criatividade e de irradiação do saber para o bem da humanidade.⁵⁹

Ela tem a missão fundamental de continuamente buscar a verdade, descobri-la e comunicá-la. É assim que ela, com fecundidade e esperança, poderá enfrentar os grandes desafios do tempo atual. Essa busca da verdade implica uma pluralidade de conhecimentos, (no qual, ao lado de fomentar o crescimento científico e econômico na Universidade), ela está de forma inalienável comprometida com a busca da verdade acerca da natureza humana, a fim de mostrar o significado da existência humana.

Desse modo, a Universidade se torna um espaço privilegiado de debate de questões importantes que dizem respeito ao ser humano e, assim, mantém como centro da educação a busca da verdade, cuja referência é sempre Jesus Cristo, por ser ele a Verdade plena (Jo 14,6). Assim, a Universidade Católica não pode ser considerada um espaço da relativização da fé, porque não é despropositado esclarecer o que é e como viver a fé em Jesus Cristo no ambiente universitário e fazer com que todos os setores da vida acadêmica se inspirem no Evangelho de Jesus Cristo.

⁵⁸ LIBÂNIO, J. B. *Caminhos de existência*, p. 165.

⁵⁹ Cf. JOÃO PAULO II. *Constituição Apostólica Ex Corde Ecclesiae*, 1.

Com efeito, convém à Universidade Católica, mediante a investigação e o ensino, ajudar a encontrar, de maneira adequada aos tempos modernos, os tesouros antigos e os novos da cultura, segundo a palavra de Jesus.

A comunidade universitária é levada a respeitar as diversas áreas que a compõem, com caridade, liberdade e diálogo aberto, colaborando, pois, para o crescimento científico, moral e espiritual. Os professores universitários, por sua vez, devem esforçar-se para sempre melhorar a sua formação intelectual, ao mesmo tempo em que são chamados a dar o seu testemunho de educadores autênticos e conscientes, para poderem construir uma justa e adequada relação entre a fé e a cultura, inspirando-se, assim, em ideais e princípios de uma vida autenticamente humana.

Os leigos sempre tiveram um papel muito importante na Igreja Católica e na Universidade Católica, o que não poderia ser diferente. Eles podem trazer uma reconhecida contribuição em todas as áreas e setores da Universidade, mesmo que pertençam a outras confissões de fé ou que não professem nenhuma. Ainda assim, prestam uma ajuda importante nas diversas disciplinas acadêmicas e na realização de inúmeras tarefas universitárias. Já os leigos católicos são uma presença crescente da Igreja Católica na Universidade e, por isto, sinal vivo de esperança para o mundo, como contribuirão para o estabelecimento de uma ordem humana que se realize, segundo o que Cristo ensinou.

Portanto, a Universidade Católica é fundamental para a sociedade de hoje, pois a busca incessantemente da verdade a leva a se comprometer com a formação dos homens e das mulheres. Assim, a comunidade universitária, inspirada pelos princípios cristãos, poderá viver a sua profissão com responsabilidade em defesa da ética, promovendo a justiça, a qualidade de vida das pessoas, a proteção da natureza e a construção da paz. A Igreja, precisamente porque está cada vez mais consciente da sua missão salvífica neste mundo, quer se sentir próxima destes centros, quer tê-los presentes e operantes na difusão da mensagem autêntica de Cristo. Como afirma o apóstolo, “anunciar o evangelho não é título de glória para mim; é, antes, necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1Cor 9,16).

2 ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS

2.1 INTRODUÇÃO

A mensagem universal pode ser: “já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher” (Gl 3,28). Com esta proposta e com total liberdade, a pesquisa foi realizada com os alunos de graduação (segue nomenclatura abaixo), com exceção da faculdade de Teologia, na qual a pesquisa não ocorreu e na da Odontologia, cuja disciplina de Humanismo e Cultura Religiosa só é cursada no 2º semestre. O questionário foi aplicado com total liberdade, ou seja, tanto aos universitários de todas as faculdades quanto aos de diferentes semestres. Por esta razão, conseguiu-se uma visão panorâmica dos estudantes, sem que houvesse nenhuma exclusão ou tendência e ideologia de qualquer aluno.

A pesquisa tem por objetivo verificar se existe uma crise religiosa que também afeta os universitários⁶⁰, qual a sua prática religiosa desses alunos, se ela existe, como se manifesta em nossos dias.⁶¹ Portanto, objetiva verificar qual a religião, a religiosidade dos universitários e a provável pouca vivência religiosa.

Este estudo também buscou conhecer o pensamento dos universitários quanto à sua ideia de Deus, à sua percepção religiosa, percepção da própria religião, motivação religiosa, assim como o que pensam da doutrina e prática moral.⁶²

O questionário contém vinte e cinco (25) questões, com respostas objetivas e quatro (4) com a possibilidade de mais de uma resposta⁶³. Os dados foram analisados no programa SPSS for Windows (versão 15.0).

⁶⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do Cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*.

⁶¹ No primeiro semestre de 2011, estavam matriculados 24380 alunos, sendo que 12476 do sexo masculino e 11904, do sexo feminino. Na disciplina de Humanismo e Cultura Religiosa do primeiro semestre de 2011, estavam matriculados 2001 alunos, sendo que 199 cancelaram a matrícula, 95 do sexo masculino e 104 do sexo feminino (dados fornecidos pela PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA). Responderam o questionário 1104 alunos.

⁶² SOUZA, L. A. G.; FERNANDES, S. R. A.; ANTONIAZZI, A. et al. *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*.

⁶³ Cf. ANEXO D.

O participante mais novo tem idade de 17 anos e o mais velho, 68 anos. A média de idade ficou em 23,05 anos. Os alunos pesquisados são, em sua maioria, jovens (72,0%), por isso muitas vezes é utilizada a palavra “jovens”, para designar os estudantes, participantes da pesquisa. A partir do questionário, aplicado aos universitários, procurou-se saber qual a sua religião destes, se ela responde às suas expectativas, quais os sacramentos recebidos e a frequência à missa ou culto, se eles procuram estar atualizados quanto às leituras de livros e/ou periódicos sobre sua religião, se a oração faz parte da sua vida diária, se teve ensino religioso durante o período que antecede à faculdade, o que pensa a respeito da comunicação da sua religião e também se participa ou participou que algum movimento da mesma. Entramos igualmente nas questões morais, como divórcio, eutanásia, aborto, pena de morte e controle artificial da natalidade e averiguamos ainda se Deus poderia hoje transformar suas vidas, tratamos também com os jovens sobre a questão crucial que se refere a morte, ressurreição ou reencarnação ou se, para eles, não há nada após a morte.

Perguntamos ainda sobre o mal que gera uma indagação, e a responsabilidade por ele; se a religião pode resolver todos os anseios do ser humano; como curar doenças, negócios, amor e outros; as questões matrimoniais dos religiosos, bem como as uniões de pessoas do mesmo sexo; também acerca das relações sexuais antes do casamento; e as pesquisas científicas e as questões sociais políticas e econômicas do nosso tempo. Todas estas formulações serão apresentadas nesta pesquisa quantitativa e detalhadas neste Capítulo.

Quadro 1: Cursos da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre

01. Administração	21. Filosofia
02. Arquitetura e Urbanismo	22. Física
03. Ciência da Computação	23. Fisioterapia
04. Ciências Aeronáuticas	24. Geografia
05. Ciências Biológicas	25. Gestão de Turismo
06. Ciências Contábeis	26. História
07. Ciências Econômicas	27. Hotelaria
08. Ciências Sociais	28. Letras
09. Comunicação Social	29. Matemática
10. Direito	30. Medicina
11. Educação Física	31. Nutrição
12. Enfermagem	32. Odontologia
13. Engenharia Civil	33. Pedagogia
14. Engenharia de Computação	34. Produção Audiovisual
15. Engenharia de Controle e Automação	35. Psicologia
16. Engenharia Elétrica-Eletrônica	36. Química
17. Engenharia Mecânica	37. Serviço Social
18. Engenharia de Produção	38. Sistemas de Informação
19. Engenharia Química	39. Teologia
20. Farmácia	

Fonte: Guia Acadêmico, Cursos de Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pró-Reitoria de Graduação, 2011.

Os cursos de Administração de Empresas, Comércio Internacional, Empreendedorismo e Sucessão e Gestão de Tecnologia da Informação estão incluídos no item 01; e os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, no item 09.

2.2 RESULTADO DA PESQUISA

Os relatórios foram analisados minuciosamente neste capítulo, mas algumas questões nos levam a refletir mais cuidadosamente sobre a religião. Por exemplo, se o resultado da pesquisa foi de 61,2% de católicos, percebemos que, ao mesmo tempo não há um conhecimento quanto à doutrina e “fé” praticada, propriamente dita, ou seja, quanto à ressurreição, pois 19,2% dizem crer nela e 44,0%, na reencarnação, e isto se torna contraditório quanto à doutrina da Igreja Católica. Uma contradição do homem perante a própria morte. Aceitar a morte, por um lado, e, pelo outro, uma vontade imanente de viver.⁶⁴ A questão catorze (14), “crer em Deus”, apresentou um resultado positivo de 84,1%, porém identificamos um crer em Deus, sem pertencer a uma religião respectivamente. Na questão acerca da moral, que trata da vida propriamente dita, como eutanásia, aborto, pena de morte, há uma contradição em relação a crer e a não defender a vida, seja qual for o seu estágio. Na questão sobre o mal, o resultado mostra que a responsabilidade é do ser humano e da sociedade, isentando-se Deus da responsabilidade pelo mal no mundo. “Deus não pode ser onipotente e perfeitamente bom. Ou é perfeitamente bom e incapaz de prevenir o mal, ou então ele é onipotente e capaz de prevenir o mal, mas não quer fazê-lo, o que mostra que não é perfeitamente bom”.⁶⁵

“A vocação à santidade e a certeza de que a juventude é um lugar teológico da comunicação de Deus” é o que diz o documento CNBB Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais, 93.

No Anexo A e C, a Aprovação da Pesquisa pela Comissão de Ética; No Anexo B, o Termo de Consentimento; no Anexo D, apresenta-se o questionário aplicado.

⁶⁴ BLANK, R. J. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. Escatologia I, p. 13.

⁶⁵ EVANS, G. R. *Agostinho sobre o mal*, p. 168.

2.3 IDENTIFICAÇÃO DOS ALUNOS RESPONDENTES

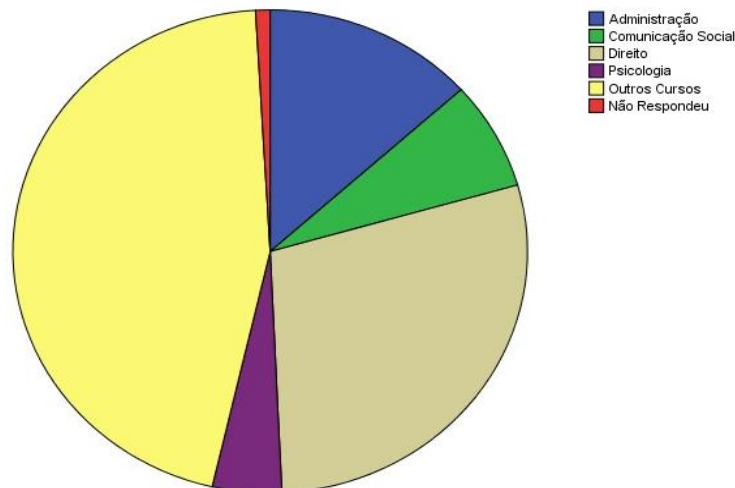
2.3.1 Alunos pesquisados

De acordo com a pesquisa de 2011, demonstrada no Gráfico 1, dos 1104 pesquisados, alguns cursos tiveram um número mais expressivo de alunos. Responderam o questionário 317 alunos (28,7%) do curso de Direito; 147 alunos (13,3%), do curso de Administração (que engloba o curso de Comércio Internacional, Empreendedorismo e Sucessão, Gestão de Tecnologia da Informação), 80 alunos (7,2%), 48 alunos (4,3%), do curso de Comunicação Social (que engloba os cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas), do curso de Psicologia, Se somarmos os alunos dos cursos citados, estes perfazem a quantidade de 592 alunos, representando a metade dos 1104. Isto significa que há um sinal de mudança hoje na procura dos cursos na Universidade.

Tabela 1: Cursos de Graduação

Curso	Frequência	Percentual
Administração	147	13,3
Comunicação Social	80	7,2
Direito	317	28,7
Psicologia	48	4,3
Outros Cursos	502	45,5
Não Respondeu	10	0,9
Total	1104	100,0

Gráfico 1: Cursos de Graduação



2.3.2 A idade dos respondentes

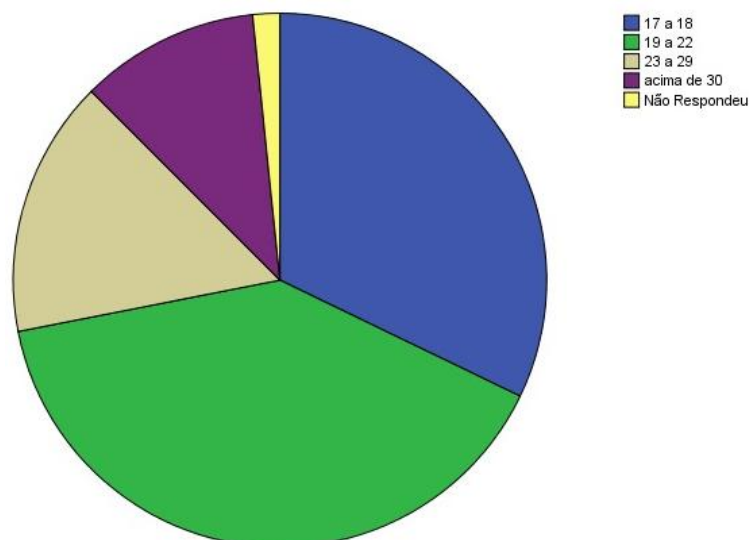
Constata-se que a maioria dos alunos pesquisados é jovem e que o ingresso na Universidade acontece tão logo os alunos concluem o ensino médio ou, em média, até um ano depois. De 17 a 18 anos, 355 alunos (32,2%) responderam o questionário; de 19 a 22 anos, 439 alunos (39,8%). Somando-se ficam 72,0% da idade entre 17 a 22 anos.

A idade de maior número de alunos é a de 20 anos (20,3%), seguido dos 21 anos (15,2%) e 19 anos (15,0%), perfazendo um total de 50,5%. Dos que responderam a pesquisa, o aluno mais jovem tem 17 anos e o mais velho, 68 anos, como demonstrado no Gráfico 2.

Tabela 2: Idade do participante

Faixa de Idade	Frequência	Percentual
17 a 18	355	32,2
19 a 22	439	39,8
23 a 29	172	15,6
Acima de 30	120	10,9
Não Respondeu	18	1,6
Total	1104	100,0

Gráfico 2: Idade do participante



É importante observar que os alunos estão em uma faixa etária baixa e buscam adquirir conhecimento na Universidade, tendo em vista a sua futura profissão. É fato que todo jovem possui o desejo permanente de buscar a sua realização profissional, e, muitas vezes, a

escolha realizada não está em consonância com a sua opção. Salienta-se, entretanto, que, para os estudantes, a Universidade oferece várias oportunidades para que estes possam ter experiências em outras áreas e cursos, com os quais possam se identificar e assim fazer a escolha de sua profissão.

Neste período da vida, o jovem tende a ter comportamento e uma postura mais vulnerável e, desta forma, muitas vezes, coloca-se em situações de riscos, por influências negativas. Portanto, se faz necessário que a própria Universidade atue neste campo pessoal, não só preocupando em transmitir conhecimento, mas também ajudando em sua formação pessoal, para que possa exercer a sua profissão com ética, responsabilidade e respeito à dignidade humana.

2.3.3 O sexo dos respondentes

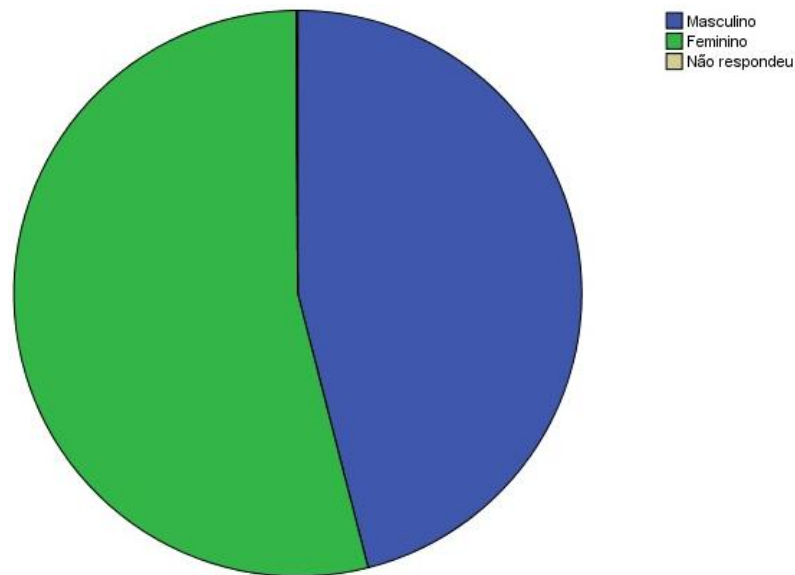
Dos alunos que responderam o questionário, apenas um não se pronunciou sobre o seu sexo. No Gráfico 3, constata-se que 508 (46,0%) dos participantes são do sexo masculino e 595 (53,95%), do sexo feminino. Há um maior número de jovens do sexo feminino, e isto demonstra que as mulheres vêm participando ativamente em todas as áreas de formação universitária, bem como se destacando em vários cursos e trabalhos dentro da própria Universidade. Mostra ainda um crescimento profissional e a busca pela realização pessoal que há algum tempo não lhes era permitida nem disponibilizada.

Observando o questionário respondido pelos alunos, verifica-se que a maioria das mulheres é jovem e está frequentando os cursos ligados às áreas humanas, embora também seja significativa a presença delas na área técnica, como Administração.

Tabela 3: Sexo do participante

Sexo	Frequência	Percentual
Masculino	508	46,0
Feminino	595	53,9
Não respondeu	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 3: Sexo do participante



2.4 PERTENÇA RELIGIOSA

2.4.1 Qual a sua religião?

Os pesquisados foram questionados em relação à sua crença religiosa, a qual representa o universo religioso de cada indivíduo. Segundo A. Torres Queiruga, “as novas formas de religião, com as suas correspondentes espiritualidades, representam um fato tão notório, que suscitam contínuos estudos”.⁶⁶

De acordo com o Gráfico 4, 676 (61,2%), responderam ser católicos; 122 (11,1%), espíritas; 59 (5,3%), evangélicos; 148 (13,4%), que seguem “outra” religião; 57 (5,2%) não possui religião; 35 (3,2%) são ateus; e 7 (0,6%) não responderam à pergunta. Então, pode-se dizer que mais de a metade dos universitários pertence à religião Católica.

⁶⁶ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*, p. 107.

Tabela 4: Qual a sua religião?

Religião	Frequência	Percentual
Católica	676	61,2
Evangélica	59	5,3
Espírita	122	11,1
Outra	41	3,7
Judeu	5	0,5
Umbanda	8	0,7
Não tem religião	57	5,2
Ateu	35	3,2
Agnóstico	17	1,5
Católico/Espírita	15	1,4
Não respondeu	7	0,6
Não sabe	4	0,4
Crença particular	3	0,3
Cristão	7	0,6
Luterana	8	0,7
Religiosa	1	0,1
Metodista	3	0,3
Budismo	4	0,4
Adventista	1	0,1
Humanista Secular	1	0,1
Jedi	1	0,1
Católico/Outra	1	0,1
Católico/Espírita/Outra	1	0,1
Ateu/Espírita	1	0,1
Acredita em todas	1	0,1
Testemunha de Jeová	1	0,1
Mista	1	0,1
Cocktail religioso	1	0,1
Espiritualista	2	0,2
Evangélica/Espírita	1	0,1
Mórmon	2	0,2
Não tenho religião definida	2	0,2
Católico/Umbanda	1	0,1
Católico/Evangélico	1	0,1
Cientificista	1	0,1
Acredito em Deus de uma forma pessoal	2	0,2
Tenho minha própria religião	2	0,2
Paganismo	1	0,1
Panteísta	1	0,1
Rastafári	1	0,1
Deísta	1	0,1
Xamanismo	1	0,1
Judeu/Católico	1	0,1
Afro	1	0,1
Nenhuma de família católica	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 4: Qual a sua religião?

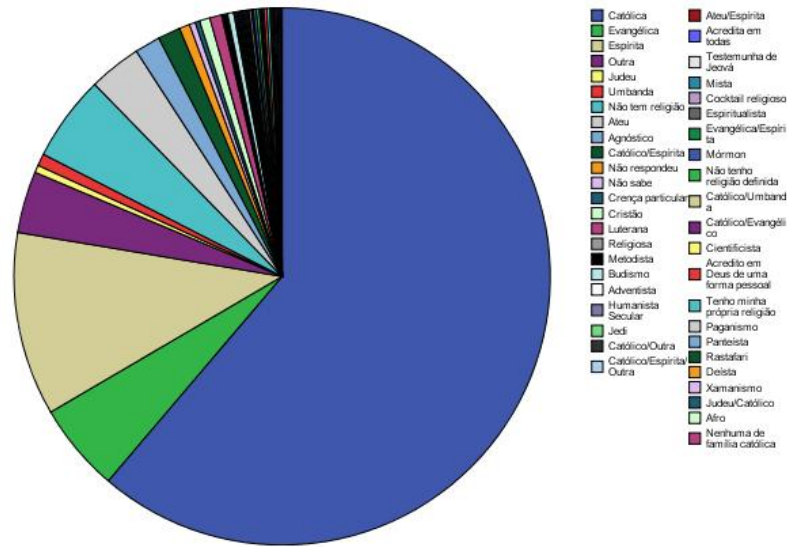
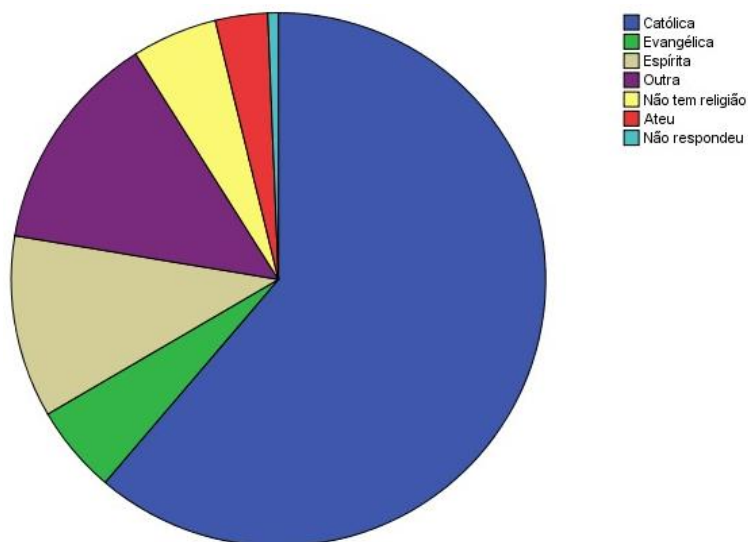


Tabela 5: Religião dos participantes

Religião	Frequência	Percentual
Católica	676	61,2
Evangélica	59	5,3
Espírita	122	11,1
Outra	148	13,4
Não tem religião	57	5,2
Ateu	35	3,2
Não respondeu	7	0,6
Total	1104	100,0

Gráfico 5: Religião do participante



Na pesquisa de 1998, a de G. Hackmann e J. Bastiani, verificou-se uma pertença proporcionalmente idêntica à atual, no que diz respeito à religião Católica.⁶⁷ Nessa pesquisa, participaram 1012 alunos, sendo 22.132 matriculados na PUCRS. Na época, responderam como sendo da religião Católica 74,45%, 5%, da espírita e 6,9% consideram-se ateus.

No Censo do IBGE de 1991⁶⁸ constatou-se uma queda dos que se declaram católicos, e isto foi reafirmado pelo próprio Censo do IBGE no ano 2000⁶⁹. Na pesquisa atual, na Universidade (2011), observou-se também uma queda daqueles que dizem ser a sua religião a Católica. Um dado relevante sobre esta pesquisa foi a possibilidade de comparar o percentual de estudantes que se declararam ateus em 1998, sendo estes 6,9%, enquanto o resultado visto na pesquisa de 2011 decaiu para 3,2% ateus.

Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, responderam ser espíritas 5% dos participantes, enquanto, na pesquisa de 2011, declararam-se dessa religião 11,1%. Neste caso, houve um decréscimo em relação ao Ateísmo contrariamente ao que pensa o autor A. Torres Queiruga que diz ser este, teologicamente, o grande problema de nosso tempo. É considerado não só um grande problema, como também se apresenta como um problema que vai crescendo.⁷⁰

Acredita-se, na realidade, que hoje a grande questão não é o Ateísmo, mas, sim, o indiferentismo religioso, o qual realmente mostra um crescimento entre as camadas sociais do “tanto faz, como tanto fez”. Acredita-se que há uma transferência do sagrado. Deixa-se de acreditar em Deus, mas se transfere para algo que transcende e pode ser ou serve como paradigma, algo que vai além do ser humano (uma pirâmide, um objeto, um astro, etc.).

Portanto, isto não significa que não há uma busca pelo transcendente. De acordo com a atual pesquisa (2011), são mais de 20 denominações “religiosas” que aparecem entre os pesquisados e das mais variadas formas. Segundo o autor Libânio, “flutuam bens simbólicos espirituais por todas as partes. E eles alimentam-nos a curiosidade, a sede espiritual”.⁷¹

⁶⁷ HACKMANN, G. L. B.; BASTIANI, J. L. O perfil religioso dos estudantes da PUC. *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 29, n. 124, p. 211-212, jun. 1999.

⁶⁸ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo de 1991. *Novo mapa das religiões*. 2001, p. 7.

⁶⁹ Idem. Censo de 2000. *Nova mapa das religiões*, 2001, p. 7.

⁷⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, p. 11.

⁷¹ LIBÂNIO, J. B. *Caminhos de existência*, p. 116-117.

Cada religião ou denominação religiosa possui a sua butique a oferecer mercadorias espirituais; as pessoas escolhem-nas e fazem o próprio *Kit*. É necessária a comparação com os resultados acima mencionados, porque se trata de uma pesquisa no âmbito universitário, em que a sua escolaridade corresponde ao grau de uma população que tem acesso ao saber. Além disso, os alunos pesquisados (na disciplina Humanismo e Ensino Religioso) estão cursando, na sua maioria, o terceiro ano letivo. Demonstra-se, assim, um maior amadurecimento pessoal e também da própria formação intelectual.

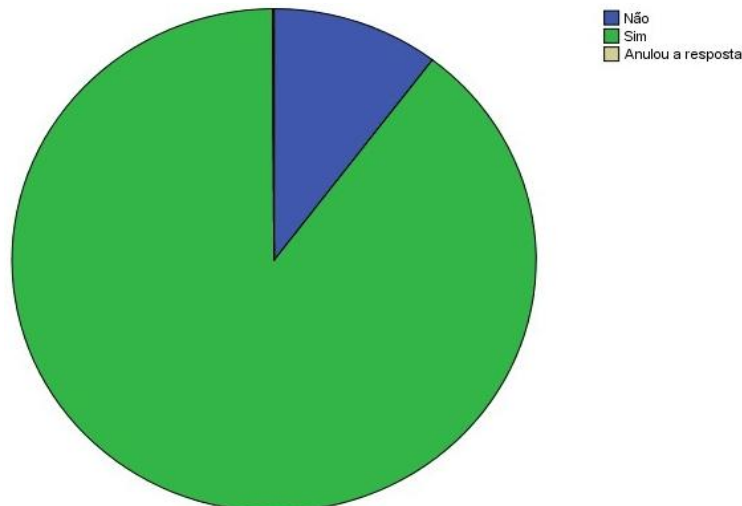
2.4.2 Os sacramentos

De acordo com a pesquisa, fica claro que a grande maioria recebeu o sacramento do batismo, conforme representado no Gráfico 6. Dos 1104 pesquisados, foram batizados 989 (89,6%) e 114 (10,3%) dizem não ter recebido o sacramento do batismo. Isto mostra uma coerência com a resposta anterior na opção “religião Católica”. Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, na pergunta que indagava se o estudante era batizado, foram obtidas 94,17% de respostas positivas e 5,42%, de respostas negativas.

Tabela 6: Sacramento do Batismo

Recebeu o sacramento do batismo?	Frequência	Percentual
Não	114	10,3
Sim	989	89,6
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 6: Sacramento do Batismo



Quanto ao sacramento da Eucaristia (1ª comunhão), conforme apresentado no Gráfico 7, 681 (61,7%) disseram que receberam o sacramento e 422 (38,2%), não ter recebido. Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, 72,26% dizem ter recebido o sacramento da Eucaristia, enquanto 27,32%, não ter recebido. Percebe-se uma relativa diminuição em relação à pesquisa de 1998 com a atual de 2011 daqueles que, a partir do batismo, deram continuidade à prática religiosa.

Quanto ao sacramento da crisma, conforme o Gráfico 8, a situação se inverte, mais de a metade não recebeu o sacramento. Responderam, de forma afirmativa, 425 (38,5%) e, dos que declararam não ter recebido este sacramento, somam-se 678 participantes (61,4%). Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, 24,43% disseram que receberam o sacramento e 73,92%, que não receberam.

Tabela 7: Sacramento da Eucaristia

Recebeu o sacramento da eucaristia?	Frequência	Percentual
Não	422	38,2
Sim	681	61,7
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 7: Sacramento da Eucaristia

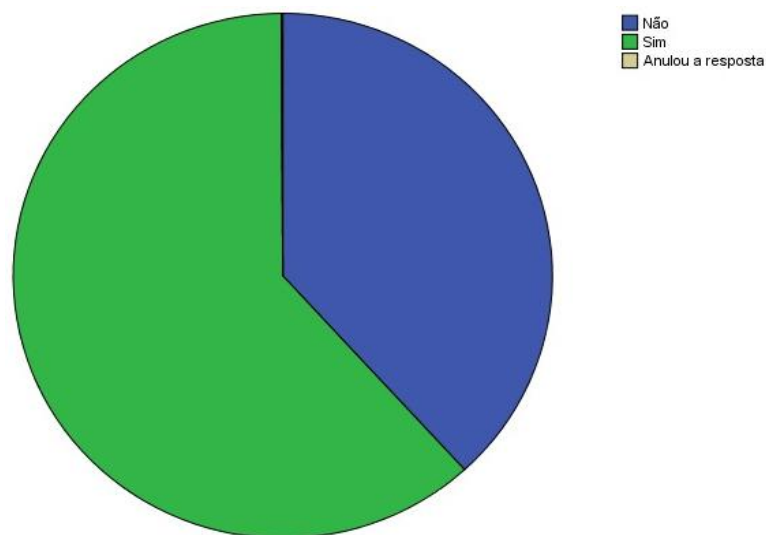
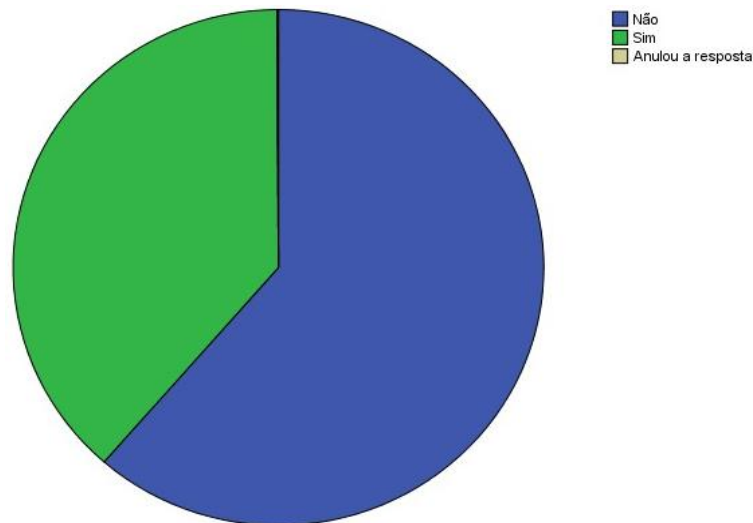


Tabela 8: Sacramento da Crisma

Recebeu o sacramento da crisma?	Frequência	Percentual
Não	678	61,4
Sim	425	38,5
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 8: Sacramento da Crisma



Os sacramentos, assim chamados de iniciação cristã, compreendem o Batismo, Eucaristia e a Crisma.⁷²

Seguindo com o sacramento da reconciliação (penitência), unção dos enfermos, ordem e matrimônio, todos foram instituídos por nosso senhor Jesus Cristo, e são em número de sete, nem mais nem menos.

Se alguém disser que os sacramentos da Nova Lei não foram instituídos por nosso Senhor Jesus Cristo; ou que são mais ou menos do que sete, a saber: batismo, confirmação, Eucaristia, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio; ou também que algum destes sete não é sacramento no sentido verdadeiro e próprio; seja anátema.⁷³

⁷² “*Sacramentum* tem o significado básico do radical latino *sacr* e designa a esfera do sagrado, religioso; *sacrare* significa: destinar algo ou alguém à esfera do sagrado, “consagrar”; *sacramentum* é tanto o ato de consagração como também o meio consagrador. No uso linguístico concreto da Antiguidade latina, o vocábulo tem colorido acentuadamente jurídico: são denominados *sacramentum* o juramento no processo civil, o juramento à bandeira no exército e a quantia de dinheiro que os partidos em litígio tinham que depositar como caução no processo. Em todos os três casos, o aspecto jurídico tem conotação religiosa: juramento e juramento à bandeira entregam a pessoa ao juízo da divindade, a caução processual é destinada a um santuário no caso de uma derrota” (SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*, p. 178).

⁷³ DH 1601.

Analisando a tendência da prática religiosa, percebe-se que a religiosidade ainda está ligada ao sacramento do Batismo, que é recebido, mas, sem incidência na vida prática. Apenas uma parte dos batizados dá, efetivamente, continuidade ao primeiro sacramento.

Considerando que a maioria diz ter sido batizada quando muito criança e levada por seus pais, isto revela uma característica da cultura, pois aponta para uma vivência tradicional e não, uma prática religiosa. Leva-se como uma obrigação, independente de seguirem ou não a religião Católica, e os motivos que levam os pais a batizarem seus filhos são os mais variados, como, por exemplo: excessivas preocupações exteriores, como almoços, fotos, festa ou ainda para que a criança possa ter um padrinho forte (rico), ou ainda para se cumprir um preceito da Igreja, etc.

Assim, o Batismo, para tantos, é realizado, sem ter o seu significado teológico. Podemos, apesar dos dados obtidos sobre qual a sua religião, mostrar que 61,2% pertencem à religião Católica, os quais são denominados, nesta pesquisa, os católicos “verdadeiros”, os que praticam e vivem o seu batismo, e o Católico de “batismo”, o que, culturalmente, vive o Batismo, sem ter assumido nenhum compromisso com a prática e vivência religiosa. Esta constatação provém também de observações registradas por ocasião da pesquisa no próprio questionário que os alunos responderam.

Levando-se em conta que o sacramento da Eucaristia, teve como resposta afirmativa 61,7% dos que a receberam. Percebe-se, portanto, que há uma diminuição na busca por este sacramento à medida que a criança vai se desenvolvendo. Muitas vezes, as famílias só participam do sacramento da Eucaristia e levam as suas crianças tal qual, quando das celebrações de formaturas, do sétimo dia, trigésimo dia etc., ou por motivos meramente sociais.

Segundo a pesquisa, atribui-se a isto à diminuição da frequência dos pais (famílias) nas Igrejas devido ao pouco estímulo dado à criança no que tange à religião pela família. Quando as crianças vão fazer a catequese, se não é pelos pais que vivem a prática religiosa, isto ocorre, no geral, pela amizade, pelo coleguismo das próprias crianças que, juntas, costumam fazer as mesmas coisas e são levadas umas pelas outras.

O terceiro e último sacramento da iniciação cristã, a Crisma, nos mostra um dado significativo, sendo o percentual negativo maior que o positivo, ou seja, 61,4% disseram que não receberam o sacramento. Atribui-se a isto a idade na qual os jovens atingem a maturidade. O jovem que deveria buscar o sacramento da Crisma normalmente tem aproximadamente 14

anos. No documento *Pastoral da Confirmação*, a CNBB não fixou nenhuma idade para o país, não há uma exigência específica para a Crisma, e a idade pode ser mais flexível tanto que a maioria das dioceses do Brasil estabelece a idade de 12 a 16 anos. Nesta fase da adolescência, não há envolvimento dos pais ou padrinhos. A maioria dos jovens busca o sacramento de forma individual, e dificilmente será levado pela família a não ser que esta esteja engajada na Igreja. Mas pode o jovem ser levado pelos outros jovens que, por sua vez, participam da Igreja e também, às vezes, de alguns movimentos católicos.

Nesta fase da juventude, as ofertas são muito variadas, e os jovens são “bombardeados” com inúmeras propostas, como lazer, esportes, festas, divertimentos entre outros. Destaca-se, assim, que o despertar religioso fica em segundo plano. A agilidade do convite para tantas atividades disparam na frente das nossas Igrejas. Conforme explanado no capítulo I, o ser humano está ligado ao transcendente, e isto nos leva a uma realização humana. Segundo Gilles Lipovetsky, autor do livro “A Era do Vazio”, o jovem não deve viver com as ilusões de consumo imediato ou em uma sociedade do “prazer” ou do individualismo.⁷⁴

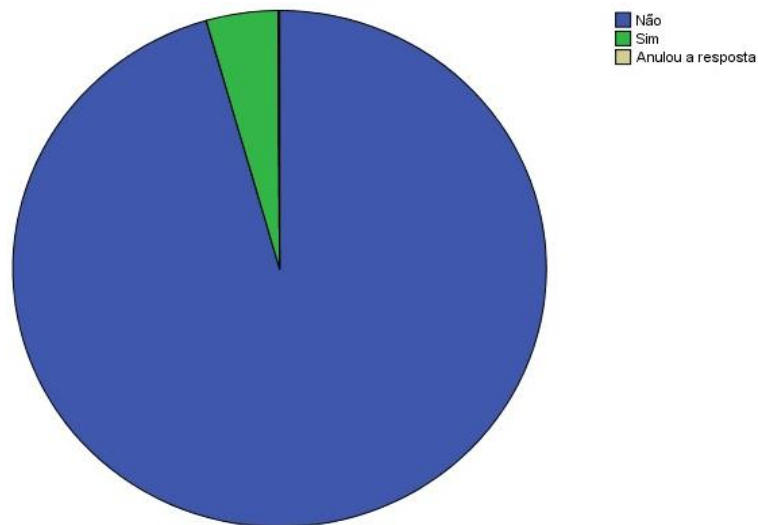
Quanto ao sacramento do Matrimônio, de acordo com o Gráfico 9, a resposta, em parte, é coerente, pois a grande maioria dos entrevistados está na faixa dos 17 aos 22 anos. Chama a atenção apenas que 4,3% responderam que receberam o sacramento, quando 10,9% têm idade acima dos 30 anos. Mas não se pode afirmar, com segurança, que estas pessoas estão unidas sem o sacramento, pois não foi aprofundada esta questão.

Tabela 9: Sacramento do Matrimônio

Recebeu o sacramento do matrimônio?	Frequência	Percentual
Não	1055	95,6
Sim	48	4,3
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

⁷⁴ LIPOVETSKY, G. *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*, p. 13.

Gráfico 9: Sacramento do Matrimônio



2.4.3 Missa, culto, reunião e sessão

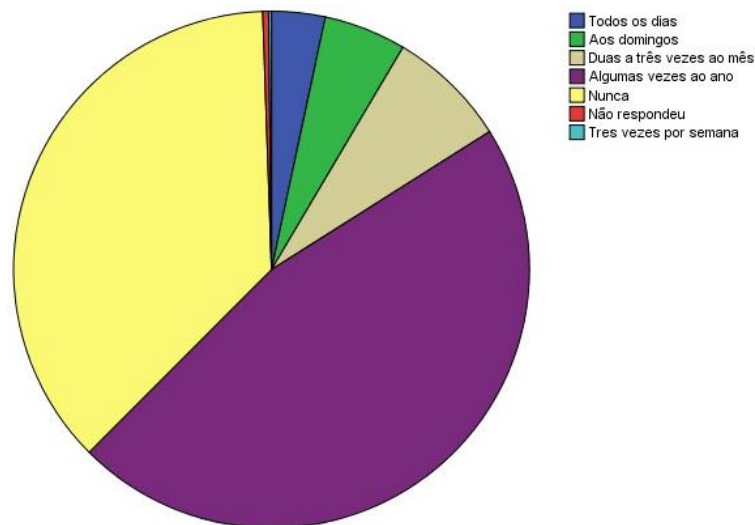
Conforme demonstrado no Gráfico 10, 513 alunos (46,5%) responderam que frequentam algumas vezes ao ano: missa, culto, reunião, sessão e 408 (37,0%), que nunca frequentam. Somando-se os dois dados, ficam 921 (83,5%). O número apresentado representa a realidade do jovem hoje no que concerne à participação na sua religião.

Percebe-se que, em nossas Igrejas, tem diminuído a quantidade de fiéis, e o motivo que nos leva a pensar a respeito disso provavelmente se deve à desmotivação religiosa.

Tabela 10: Frequência ao culto religioso

Frequência ao culto religioso	Frequência	Percentual
Todos os dias	37	3,4
Aos domingos	57	5,2
Duas a três vezes ao mês	83	7,5
Algumas vezes ao ano	513	46,5
Nunca	408	37,0
Não respondeu	4	0,4
Três vezes por semana	2	0,2
Total	1104	100,0

Gráfico 10: Frequência ao culto religioso



A Sagrada Liturgia ocupa o primeiro lugar na vida da Igreja, o Mistério Eucarístico, pode-se dizer, é o coração e o centro da Sagrada Liturgia, constituindo a fonte da vida que nos purifica e robustece, de modo que já não vivamos para nós, mas para Deus, e nos unamos uns com os outros pelo vínculo mais íntimo da caridade (MF, 3).

Fora da Igreja, é possível àqueles que desejam receber a eucaristia também comungar, mas a celebração se dá na Igreja. Assim como as sessões, as reuniões e os cultos de outras religiões que se dão nos seus templos, as celebrações, nestes encontros (locais), concentram na comunidade e, muitas vezes, na família inteira, tendo o local como um centro de pessoas com a mesma finalidade. Salienta-se também o trabalho semanal que impossibilita este encontro, e, neste dia, surge a possibilidade da união e a comunhão de todos os fiéis.

É importante que tenhamos uma celebração, visando à comunidade presente. Se ela é jovem, tem-se que preparar a celebração (culto, sessão, reunião), para que esta possa participar ativamente, seja na música, nas atividades próprias da celebração.

Acredita-se que as celebrações devam ser organizadas de modos diferentes, se for para jovens, de uma maneira, para crianças, de outra, para adultos e idosos de outra, quando se trata de celebrações específicas.

A participação dos fiéis seja na missa, no culto, na sessão ou na reunião não dispensa, de forma nenhuma, o grande encontro da comunidade. Particularmente, na Igreja Católica, a participação na Missa, na Eucaristia e na Catequese, é o penhor mais seguro da obra da

redenção. Quando partimos o pão, este é o remédio para a imortalidade, ou seja, o “antídoto não para a morte, mas, para a vida eterna em Jesus Cristo”.⁷⁵

A Constituição *Sacrosanctum Concilium* recomenda com a finalidade de mais ricamente preparar a mesa da Palavra de Deus para os fiéis, os tesouros bíblicos devem ser mais largamente abertos, de tal forma que, dentro de um ciclo de tempo estabelecido, se leiam ao povo as partes mais importantes da Sagrada Escritura⁷⁶. Os que assim procedem demonstram sinais da presença de Deus em suas vidas, dando seu testemunho vivo e credibilidade ao Cristo, fonte de amor para a sociedade.

“Todo aquele, portanto, que se declarar por mim diante dos homens, também eu me declararei por ele diante de meu Pai que está nos Céus” (*Mt 10, 32*).

2.4.4 A vida de Oração

Conforme demonstrado no Gráfico 11, responderam que rezam ou oram diariamente 375 (34,0%). Às vezes, 452 (40,0%) e nunca, 223 (20,2%). Somando-se os que responderam às vezes e nunca, tem-se 675 (60,2%). Conclui-se que mais da metade não tem o hábito da oração frequente ou diária.

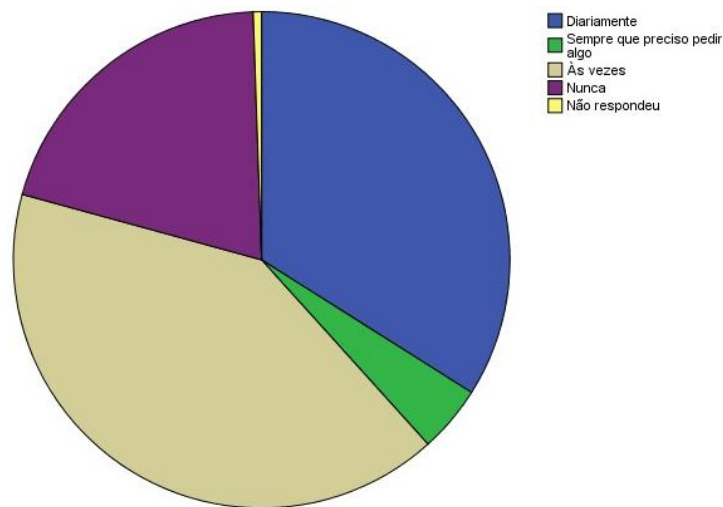
Tabela 11: Reza/Ora

Reza/Ora	Frequência	Percentual
Diariamente	375	34,0
Sempre que preciso pedir algo	48	4,3
Às vezes	452	40,9
Nunca	223	20,2
Não respondeu	6	0,5
Total	1104	100,0

⁷⁵ CEC 1405.

⁷⁶ Concílio Vaticano II. SC 51

Gráfico 11: Reza/Ora



Acredita-se que a busca pela oração se deve a quatro situações. Para a adoração, a súplica, o agradecimento ou a reparação de algo ou alguma coisa. Também, o consolo muitas vezes é objeto da oração. Quando se tem a prática eventual, acredita-se que seja esta a oração de petição, e isto indica que estes só conhecem Deus, quando necessitam Dele. Mas aquele que nunca reza é realmente porque não acredita que ela possa resolver qualquer coisa.

De acordo com John L. Mckenzie, a oração é uma atitude profunda de conversa com Deus, de entrar em sintonia e deixar-se encontrar por Ele, de orientar-se pela Sua vontade e sentir-se ouvido e acolhido. Jesus ensina que o cristão deve orar com plena confiança de que a sua oração será atendida; o Pai trata conosco como um pai trata os seus filhos (*Mt 7,7-11; Lc 11.9-13*). Os cristãos devem orar, portanto, com insistência, como um homem que sabe que seu vizinho o ajudará ainda que fosse para se livrar da importunação da petição (*Lc 11,5-8*). Jesus recorre à parábola do juiz desonesto que cede à petição da viúva, porque ela o aborrece; e os cristãos devem perseverar em suas petições e não desistir (*Lc 18,1-8*).⁷⁷

Os alunos que responderam “nunca” ou “às vezes” oram sentem um Deus emudecido ou poucas vezes presente na escuta do pedinte. No mundo moderno, tem-se a impressão de que a oração não tem espaço para a vida de cada um e que ela não daria uma resposta imediata para este mundo acelerado e de mudanças rápidas. Igualmente, não se pode dizer que a oração seja uma fuga das responsabilidades humanas, mas, sim, uma ajuda que o pedinte necessita.

⁷⁷ MCKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*, p. 670-671.

Possivelmente, o que pode levar o aluno a desacreditar da oração ou a recorrer a ela é a má interpretação da própria Sagrada Escritura, “por isso vos digo: tudo quanto suplicardes e pedirdes, crede que já o recebestes, e assim será para vós” (*Mc 11,24*). O entendimento de pedir e não ser atendido naquilo que se pensa ser o melhor para cada um leva ao descrédito da oração (para àquele que não tem a vivência religiosa compreendida).

Entretanto, há uma parcela, e que não é pequena, de 375 (34,%) que reza, ora diariamente, tendo por hábito estar em contato com Deus permanente. O Catecismo da Igreja Católica diz que “a oração e vida cristã são inseparáveis, pois se trata do mesmo amor e da mesma renúncia que procede do amor. Trata-se da mesma conformidade filial e amorosa ao plano de amor. Um espírito que nos transforma e nos conforma a Cristo.”⁷⁸

Do Evangelho de Jesus Cristo vem: “Tudo que pedirdes ao meu Pai em meu nome ele vos dê. Isto vos mando: amai-vos uns aos outros” (*Jo 15, 16-17*).

2.5 SATISFAÇÃO COM A RELIGIÃO

2.5.1 A religião e a resposta as expectativas pessoais

No Gráfico 12, as respostas indicam uma satisfação relativa à religião. Verifica-se que, dos respondentes, 450 (40,8%) responderam que sim, que estão satisfeitos com a sua religião e 435 (39,4%), que a sua religião responde apenas em parte. A pergunta não aprofunda a questão para identificar as razões da satisfação ou não, contudo se pode constatar que a religião Católica (61,2%) continua respondendo, mesmo que às vezes, só em parte, as expectativas dos universitários. Na situação atual, podemos considerar outras manifestações de satisfação com crenças, como o Espiritismo, Judaísmo, Pentecostalismo etc. Há uma diversidade de confissões de fé que, se o catolicismo prevalece entre as novas expressões religiosas, estas, por sua vez, também incontestavelmente seguem em crescimento.⁷⁹

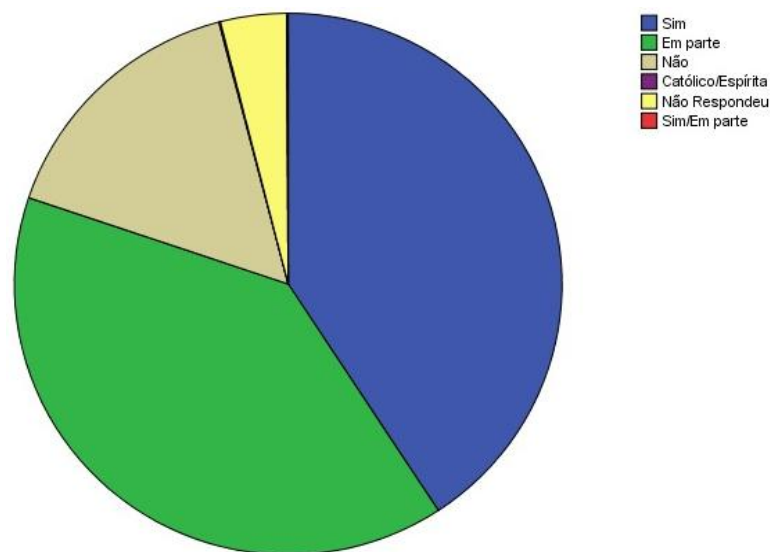
⁷⁸ CEC 1405.

⁷⁹ BITTENCOURT FILHO, J. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*, p. 182.

Tabela 12: Expectativas da religião

Religião responde às expectativas?	Frequência	Percentual
Sim	450	40,8
Em parte	435	39,4
Não	174	15,8
Católico/Espírita	1	0,1
Não respondeu	43	3,9
Sim/Em parte	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 12: Expectativas da religião



“Sem os abalos da modernidade e pós-modernidade diante das perspectivas sobre religiosidade e nenhuma insatisfação generalizada da religião que herdamos do passado”⁸⁰ seja qual for a sua crença, especificamente, pode estar havendo algum descontentamento pessoal. As religiões devem propor a todos perspectivas que os levem a ter uma estrutura pessoal de formação que os impulsionem ao futuro, partilhando a sua vida em comunidade. Aqui entra a presença do jovem universitário também dentro das mudanças socioeconômicas da sociedade, na qual os valores da pessoa são substituídos por um materialismo e individualismo, e a religião deve apontar para um caminho para a construção de um mundo melhor. A proposta deve levar todos e, principalmente, o jovem a um encontro consigo, com Deus e com o outro.

⁸⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*, p. 108.

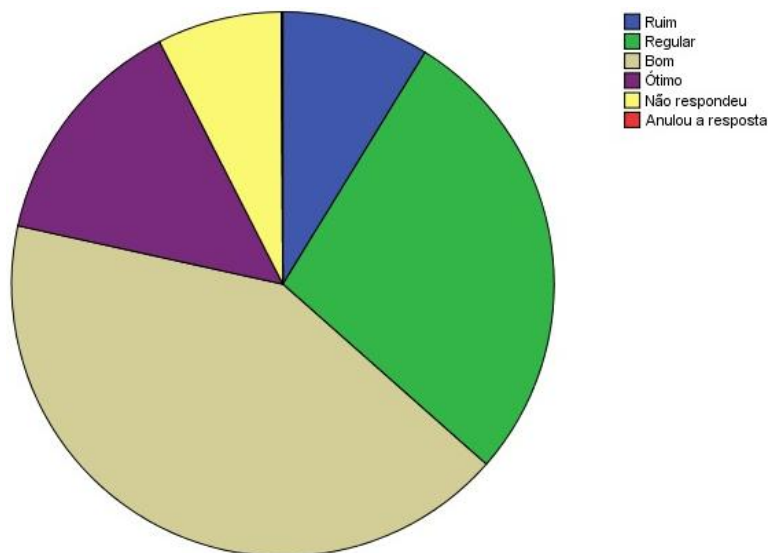
2.5.2 Dê um conceito para a comunicação da sua religião com os fiéis

Dos alunos pesquisados, conforme o Gráfico 13, 463 (41,9%) responderam que a comunicação de sua religião com os fiéis é boa, e 155 (14,0%), ótimo. Somando os dois, perfazem 55,9%, logo mais de a metade aprova a comunicação da sua religião com os seus fiéis. Relataram que a comunicação está ruim 97 (8,8%) e regular, 306 (27, %). Somando os dois, o percentual fica de 35,7%, ou seja, estas são as pessoas que não estão totalmente satisfeitos com a comunicação da sua religião com os seus fiéis.

Tabela 13: Comunicação da religião com os fiéis

Comunicação da religião com os fiéis	Frequência	Percentual
Ruim	97	8,8
Regular	306	27,7
Bom	463	41,9
Ótimo	155	14,0
Não respondeu	82	7,4
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 13: Comunicação da religião com os fiéis



Nos últimos anos, a comunicação tem sido muito usada pelas Igrejas, para a divulgação do seu trabalho das mesmas. Ganhou força a partir do final dos anos 40, quando a televisão avançou com áudio e imagem, tomando a preferência do rádio, considerada veículo de comunicação de massa. Nas últimas décadas, observou-se um traço comum nas Igrejas, as

quais foram chamadas de “Igrejas Eletrônicas”, conforme Hugo Assmann, pelas Igrejas Pentecostais, com programas religiosos veiculados na mídia eletrônica. Considerando a religião e a comunicação respectivamente, podemos compará-la a primeira ao emissor e a segunda, o receptor.⁸¹ Este receptor pode ser um fiel engajado ou um pretense convertido.

É a partir do Concílio Vaticano II que a comunicação na Igreja Católica, considerando o percentual de 61,2%, passa a adquirir maior relevância, percebendo que há uma grande necessidade de utilizar novos métodos, para se comunicar com seus fiéis e com os que não o são, como missão cristã, superando os limites que se estendia apenas a suas Igrejas por conta das suas celebrações. Mas, na sociedade moderna, o papel da comunicação tem uma importância fundamental quanto à informação transmitida e a influência que ela exerce, como diz o Concílio Vaticano II. Consequentemente, é preciso preocupar-se com a utilização dos meios de comunicação.

Quanto ao correto uso dos meios de comunicação social, importante obrigação moral compreendem os jornalistas, os escritores, os atores, os teatrólogos, os produtores, os vendedores, os distribuidores, os gerentes e patrocinadores, os críticos e outros mais que, de alguma forma, tomam parte na confecção e transmissão das comunicações. Claramente se evidencia, nas atuais condições humanas, que deveres e quão importantes incumbem levar o gênero humano para o caminho certo ou para o abismo.⁸²

Outro aspecto a considerar são as missas, cultos e programações religiosas pelas emissoras de televisão, como Rede Vida, Aparecida e outras, assim como algumas conhecidas emissoras de rádio. Algumas críticas a esta forma de comunicação é a de não permitir a formação de comunidades, não havendo, portanto, a participação dos fiéis. Devemos entender a relação que existe entre “crer”, “praticar”, “participar” até onde no fiel, seja qual for a sua religião, existe um comprometimento pessoal com a mesma. Então, o fiel vive o som e a imagem sem caráter comunitário, na Era da Igreja digital.

Estimulados pelo papa Bento XVI, sacerdotes gaúchos recorreram a *tablets*, *smartphones* e às redes sociais, para arrebanhar novos fiéis. Este artigo se encontra no jornal *Zero Hora*, do dia 20 de novembro de 2011 na página 24, escrito pelo jornalista Itamar Melo, sob o título “A era dos IPadres”. A reportagem começa dizendo que a Igreja Católica ingressou na era dos iPadres e dos facebispos. “Instigados” pelo próprio Papa, que lançou uma conta no *Twitter* e exortou os seus comandados a marcar presença na *Internet*, os

⁸¹ ASSMANN, H. *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*, p. 10.

⁸² CV II Decreto *Inter Mirífica*, 11.

sacerdotes brasileiros agora pregam o evangelho a partir de *smartphones* e *tablets* e usam redes sociais para orientar o seu rebanho e conquistar novos fiéis.

Neste campo, não se deve limitar só às homilias, conferências, cursos de bíblia ou teologia, mas é preciso também recorrer aos meios de comunicação: imprensa, rádio e televisão, sites da *internet*, foros e tantos outros sistemas para comunicar eficazmente a mensagem de Cristo a um grande número de pessoas.⁸³

Não se trata apenas da Igreja Católica que usa desses meios de comunicação. Outras religiões também buscam, através de meios modernos, atingir os seus fiéis e a população que mais tem acesso a eles. Dessa forma, atingem os jovens, pois são os mais "conectados". Se levarmos em conta a possibilidade de chegar ao fiel através das missas, culto e celebrações, iremos constatar que o público atingido é muito inferior do que aquele que está conectado a qualquer um desses meios anteriormente citados. Então, o próprio papa Bento XVI chama a nosso tempo de a nova Era da Evangelização na *Internet*. Essa passou a ser uma exigência para os padres e os pastores. Este acesso facilita a evangelização chegar em locais em que não se chegava antes, porém é preciso ter sempre o cuidado de não substituir o encontro comunitário.

2.6 CONHECIMENTO DA RELIGIÃO

2.6.1 Costuma ler publicações?

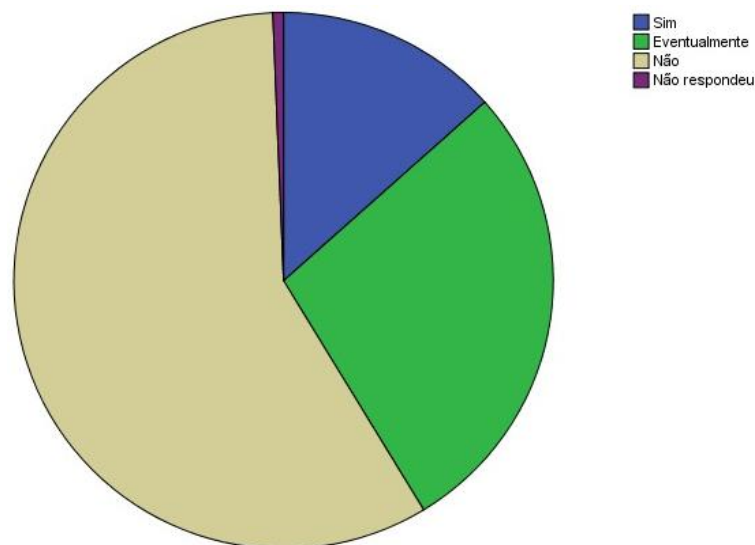
Dos pesquisados, 148 (13,4%), conforme mostra o Gráfico 13, lêem artigos, livros ou periódicos sobre sua religião, enquanto 308 (27,9%) leem eventualmente, e mais de a metade 641 (58, 1%) responderam que não leem. Devemos estimular o jovem a buscar o hábito da leitura de livros, artigos e revistas que tratam especificamente de assuntos religiosos, além da leitura habitual de seu curso universitário. Nas escolas e na própria família, deve-se fomentar o hábito da leitura, como conhecimento geral.

⁸³ DA, p. 256.

Tabela 14: Conhecimento sobre sua religião

Conhece sua religião?	Frequência	Percentual
Sim	148	13,4
Eventualmente	308	27,9
Não	641	58,1
Não respondeu	7	0,6
Total	1104	100,0

Gráfico 14: Conhecimento sobre sua religião



Quanto à busca pela leitura da própria religião, segundo a pesquisa, os temas e as informações são de certa maneira repetitivos, faltando algo novo que traga informação mais atualizada e com uma linguagem mais moderna.

O jovem deve ser estimulado para a leitura, e o que o motiva para esta atividade é a busca da novidade, do moderno. Entretanto, é certo que a verdade que deve conter nas leituras é única, todavia o método de transmiti-la pode ser adaptado sob um prisma diferente.

Outro motivo observado é que os livros religiosos, como artigos, livros, entre outros, são repetitivos, embora de autores e livros diferentes, tratando do Natal, Quaresma, Semana Santa e outras devoções a Santos e Santas (referindo-se à religião Católica), como algo monótono. Os assuntos, muitas vezes, não acrescentam novas mensagens ou informações que identifiquem estes temas em uma ordem mais moderna. Esta tendência é também percebida em outras religiões.

Segundo o documento da CNBB, Evangelização da Juventude.

a pós-modernidade não substitui a modernidade. Os valores da modernidade continuam sendo importantes para os jovens: a democracia, o diálogo, a busca de felicidade humana, a transparência, os direitos individuais, a liberdade, a justiça, a sexualidade, a igualdade e o respeito à diversidade.⁸⁴

Os jovens de hoje e a religião que praticam, portanto, são influenciados pelo impacto da Modernidade e da Pós-modernidade.

Segundo A. Torres Queiruga, “o conservadorismo eclesiástico e teológico, por um lado, e a crítica secularista e ateia, por outro, polarizam a marcha da cultura, carregando-a por ambas as partes agressividades e mal-entendidos”.⁸⁵ Por isso, além da comunicação eletrônica, as publicações devem modernizar-se em busca do jovem e incentivá-lo à boa leitura para sua formação tanto profissional como humana, e isto compreende todas as religiões.

2.6.2 O ensino religioso

Analisando os Gráficos 15, 16 e 17, verifica-se, respectivamente, que mais de a metade não teve ensino religioso nas escolas. Ou seja, até a 5ª série, 791 (71,6%) não tiveram; da 6ª a 8ª série, 743 (67,3%) não tiveram; e, no ensino médio, 569 (51,5%) também não tiveram ensino religioso nas escolas. Positivamente, responderam os pesquisados que tiveram ensino religioso nas escolas até a 5ª série 310 (28,1%); da 6ª a 8ª série, 358 (32,4%), tiveram; e 532 (48,2%), no ensino médio, tiveram ensino religioso nas escolas. No Gráfico 18, a pesquisa revela que 1016 (92,0%) nunca tiveram ensino religioso nas escolas. Portanto, constata-se que no somatório grande parte não teve ensino religioso nas escolas (ou, pelo menos, algum contato com ele).

Tabela 15: Ensino religioso até a 5ª série

Ensino religioso até a 5ª série	Frequência	Percentual
Sim	310	28,1
Não	791	71,6
Não respondeu	3	0,3
Total	1104	100,0

⁸⁴ CNBB, 85.

⁸⁵ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*, p. 23.

Gráfico 15: Ensino religioso até a 5ª série

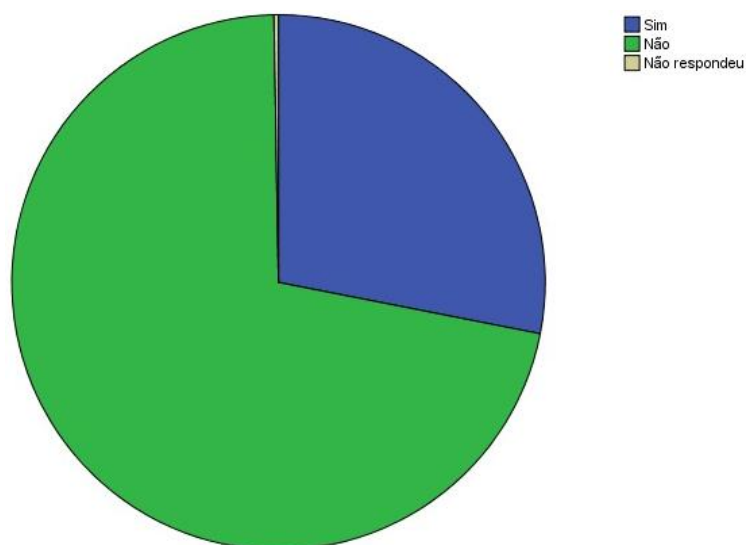


Tabela 16: Ensino religioso da 6ª a 8ª série

Ensino religioso da 6ª a 8ª série	Frequência	Percentual
Sim	358	32,4
Não	743	67,3
Não respondeu	3	0,3
Total	1104	100,0

Gráfico 16: Ensino religioso da 6ª a 8ª série

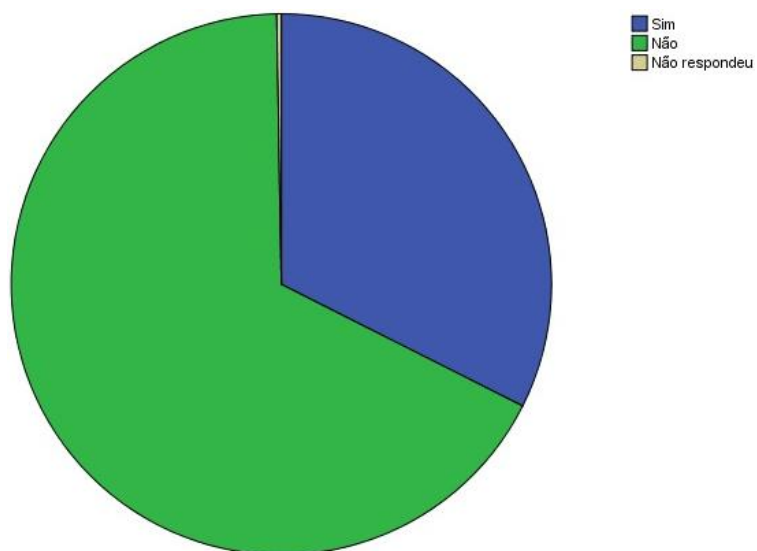


Tabela 17: Ensino religioso no ensino médio

Ensino religioso no ensino médio	Frequência	Percentual
Sim	532	48,2
Não	569	51,5
Não respondeu	3	0,3
Total	1104	100,0

Gráfico 17: Ensino religioso no ensino médio

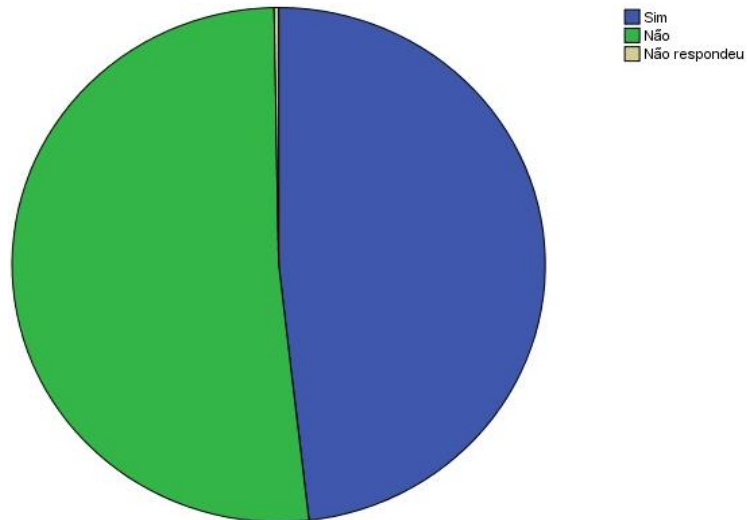
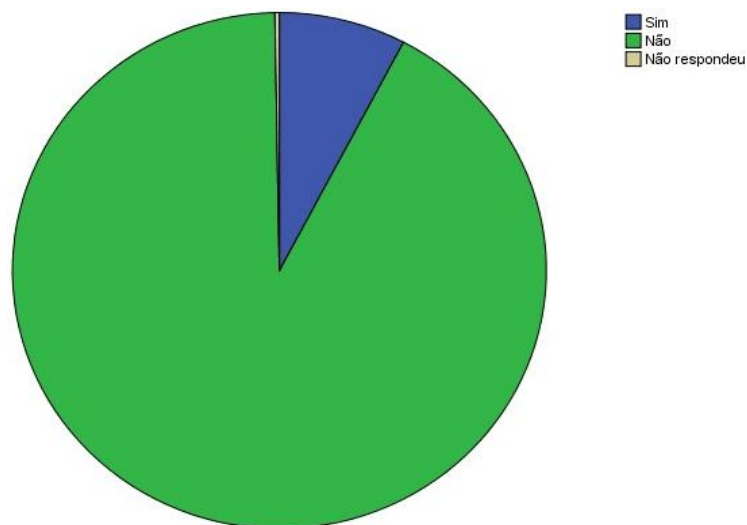


Tabela 18: Ensino religioso na escola

Ensino religioso na escola	Frequência	Percentual
Sim	85	7,7
Não	1016	92,0
Não respondeu	3	0,3
Total	1104	100,0

Gráfico 18: Ensino religioso na escola



A Constituição da República Federativa do Brasil, que foi promulgada no dia 5 de outubro de 1988, determina, no Art. 219 § 2, que “o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”. Contudo, a atual Constituição deixa aberta várias opções: o Ensino Religioso confessional, ecumênico, não confessional. Sendo assim, se a lei não faz restrições à escolha da religião, também não poderemos fazê-lo. O Ensino Religioso hoje deve ter um caráter plural, em que as questões devem ser analisadas e ensinadas a partir da vida, para que as pessoas superem a consciência primitiva ou até alienada, para se chegar a uma consciência de critérios e críticas construtivas.

Por experiência, sabe-se que o Ensino Religioso, em escolas do estado, não vinga, porque, de um lado, aparecem preconceitos e, muitas vezes, incompreensões tanto de alunos como também de professores, rotulando a religião como se fosse apenas “*dar comida aos pobres*”. E, nas escolas particulares, não há praticamente um ensino religioso (questões históricas, revelação, doutrina, etc.), mas, sim, mais uma cultura religiosa (conhecimento apenas a um culto), do que propriamente um ensino sobre religião. Por isso, é necessário ter método que trate especificamente do Ensino da Religião, dos seus fundamentos e do conteúdo para a vida. Além disso, ao professor de Ensino Religioso exige-se uma formação na área e o seu testemunho, mesmo sendo ele de qualquer religião.

Segundo W. Gruen,

o aprofundamento do Ensino Religioso envolve o estudo de uma série de premissas, como conceito de religiosidade, religião e fé [tratados no Capítulo I], bem como as diferenças mútuas entre religiões, modelos e métodos de ensino, política educacional, tradição, conceito confessional e outros.⁸⁶

Evitam-se, assim, o proselitismo de alguns e a falta de escrúpulos ecumênicos de respeito à consciência religiosa dos outros.

Segundo a pesquisa, o jovem demonstra muito interesse nas questões religiosas, ao contrário do que muitos pensam. O jovem não está distante destas questões e também não é um alienado, pelo contrário quer discutir estas relações religiosas do cotidiano e do sentido da sua vida e busca gerar expectativas de ordem pessoal, tanto para sua vida profissional quanto espiritual. Não devemos dizer ao jovem, conforme diz o livro dos Atos dos Apóstolos, “Tudo isto para que procurassem a divindade e, mesmo, se às apalpadelas, se esforçassem por

⁸⁶ GRUEN, W. *O ensino religioso na escola*, p. 17.

encontrá-la, ainda que não esteja longe de cada um de nós” (At 17, 27), bem como que procurem a Deus e se esforcem por encontrá-lo.

O Ensino Religioso não é uma catequese. A escola tem a função de ajudar a vivenciar as práticas que podem transformar o pensamento sobre fé, evitar a secularização e o ateísmo embora, respeitando a livre escolha de cada um, sabendo que a universidade é um lugar privilegiado para o debate e o encontro de várias ciências (cf. cap. I). Em outras palavras, o aluno poderá questionar o sentido de sua existência, amadurecendo a sua crença, obtendo as suas respostas e, ao mesmo tempo, aprendendo a respeitar as diversas expressões religiosas e também preparando o jovem para um engajamento mais responsável. Na sua estada em Porto Alegre, o papa João Paulo II fez o seguinte pronunciamento:

Na escola, o cidadão se forma através da cultura e da preparação profissional. A educação da consciência religiosa é um direito da pessoa humana. O jovem exige ser encaminhado para todas as dimensões da cultura e quer também encontrar na escola a possibilidade de tomar conhecimento dos problemas fundamentais da existência. Entre estes, ocupa o primeiro lugar o problema da resposta que ele deve dar a Deus. É impossível chegar a autênticas opções de vida, quando se pretende ignorar a religião, que tanto tem a dizer, ou então quando se quer restringi-la a um ensino vago e neutro e, por conseguinte, inútil, por ser destituído de relação a modelos concretos e coerentes com a tradição e a cultura de um povo. [...] A Igreja, ao defender esta incumbência da escola, não tem pensado nem pensa em privilégios; ela propugna por uma educação integral ampla e pelos direitos da família e da pessoa.⁸⁷

O engajamento religioso será o centro da subseção.

2.7 ENGAJAMENTO RELIGIOSO

2.7.1 Contribui financeiramente?

Somos livres para retribuir ou não?

Quando chegaram a Cafarnaum, os coletores da didracma aproximaram-se de Pedro e lhe perguntaram: 'Vosso mestre não paga o didracma?' Pedro respondeu: 'Sim'. Ao entrar em casa, Jesus antecipou-se-lhe, dizendo: 'Que te parece, Simão? De

⁸⁷ JOÃO PAULO II. *Homilia do Papa João Paulo II para os Catequistas em Porto Alegre.*

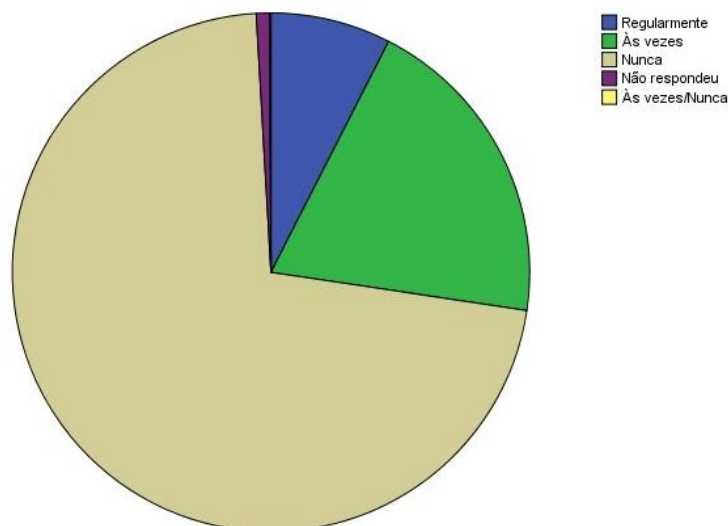
quem recebem os reis da terra tributos ou impostos? Dos seus filhos ou dos estranhos?’ Como ele respondesse ‘Dos estranhos’, Jesus lhe disse: ‘Logo, os filhos estão isentos. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar e joga o anzol. O primeiro peixe que subir, segura-o e abre-lhe a boca. Acharás aí um estáter. Pega-o e entrega-o a eles por mim e por ti’ (Mt 17, 24-27).

Os dados do Gráfico 19 mostram que 792 (71,7%) dos alunos não contribuem financeiramente com sua religião, e 219 (19,8%) contribuem às vezes. Apenas 83 (7,5%) dos alunos responderam que contribuem financeiramente com sua religião, e não é de hoje que as questões financeiras das religiões causam alguma estranheza. Muitas vezes, não há contribuição, devido à desconfiança quanto à finalidade destas contribuições, ou seja, à falta de informação de onde são aplicados os recursos recebidos por estas instituições.

Tabela 19: Contribuição financeira com a religião

Contribui financeiramente com sua religião?	Frequência	Percentual
Regularmente	83	7,5
Às vezes	219	19,8
Nunca	792	71,7
Não respondeu	9	0,8
Às vezes/Nunca	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 19: Contribuição financeira com a religião



É conhecido dos fiéis que as contribuições financeiras para as instituições religiosas, em sua maioria, são destinadas a ajudar os mais necessitados, bem como a preparar e formar seus padres, pastores, missionários etc. “Há também as chamadas coletas que os fiéis gestam

espontaneamente às instituições. Há também os patrocinadores, colaboradores e outros. Na Sagrada Escritura, temos o que chamamos de dízimo bíblico”.⁸⁸ Esta é apenas uma das formas ou expressões de uma realidade que aparece também de outras maneiras. Temos na Sagrada Escritura os livros; (*Lv* 27, 30-33) (*Nm* 18, 20-24) e segundo dízimo (*Dt* 14, 22-27). O primeiro é dado sobre os produtos da terra, e, se alguém quiser resgatar o seu dízimo da terra, deverá acrescentar mais um quinto. O segundo prescreve a separação de um dízimo de grãos, vinho e azeite, e este poderá ser convertido em dinheiro e gasto na refeição, prevendo as dificuldades. Então, o primeiro deve ser para entregar ao Santuário e o segundo, para consumo próprio.

Isso nos leva a entender a questão sociológica da contribuição não ocasional, mas constante do dízimo, sendo que a característica da religião, seja ela cristã ou não, em forma de missa ou culto, leva a um senso comunitário, estreitando as relações sociais. A concepção do dízimo, como um sistema de contribuição sistemática (não ocasional), por um lado, e de contribuição livre, fruto de obrigação moral (e não legal ou jurídica) de outro, impõe a busca de caminhos próprios de implantação, que não desdiguem, na prática, os valores pastorais que se querem realizar. O dízimo é, portanto, fruto do reconhecimento do amor de Deus a cada um de nós.

Contudo, fica atento a ti mesmo, para que não esqueças a Iahweh teu Deus, e não deixes de cumprir seus mandamentos, normas e estatutos que hoje te ordeno! Não aconteça que, havendo comido e estando saciado, havendo construído casas boas e habitando nelas, havendo-se multiplicado teus bois e tuas ovelhas, tendo aumentado, e multiplicando-se também tua prata e teu ouro, e tudo o que tiveres, que teu coração se eleve e te esqueças de Iahweh teu Deus, que te fez sair da terra do Egito, da casa da escravidão; que te conduziu através daquele grande e terrível deserto, cheio de serpentes abrasadoras, escorpiões e sede; e que, onde não havia água para ti, fez jorrar água da mais dura pedra; que te sustentava no deserto com o maná que teus pais não conheceram, para te humilhar e te experimentar, a fim de te fazer bem no futuro! Portanto, não vás dizer no teu coração: ‘Foi minha força e o poder das minhas mãos que me proporcionaram estas riquezas’ (*Dt* 8, 11-17).

A outra questão analisada é a referente à participação em movimentos religiosos.

⁸⁸ CNBB Pastoral do Dízimo, 8.

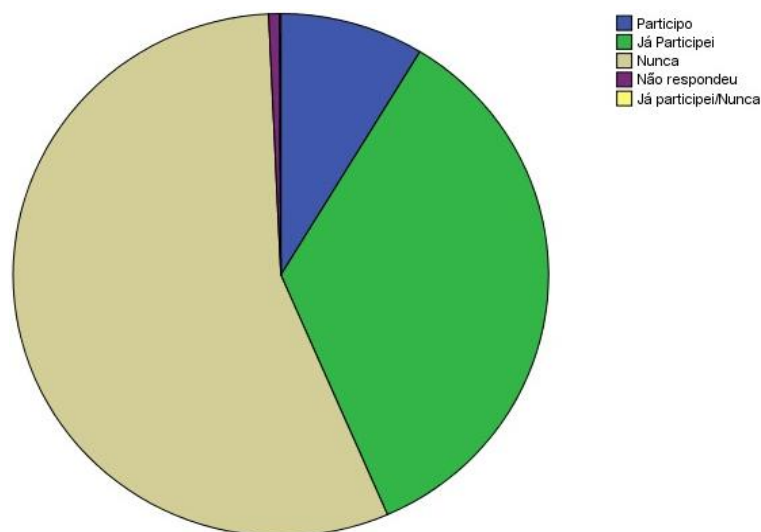
2.7.2 Participa/participou de algum movimento?

Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, as respostas à pergunta acerca da sua participação em movimento eclesial foram as seguintes: 21,86% disseram que participam ou participaram; e a grande maioria, 77,32%, respondeu que não. Na pesquisa de 2011, conforme o Gráfico 20, 96 (8,7%) relataram que participam; 384 (34,8%) que já participaram; e 616 (55,8%), que nunca. Somando-se os que participam e participaram, os percentuais são de 42,5%, havendo, assim, um acréscimo no engajamento efetivo nos movimentos eclesiais no meio jovem. Não foi explicitado em qual religião o jovem está engajado, mas, segundo o Gráfico 4, há uma associação com a religião Católica. Como 55,8%, ou seja, mais da metade respondeu nunca, e pode-se apontar para um individualismo, que é característico das comunidades urbanas.

Tabela 20: Participação de movimento na sua religião

Participa de algum movimento na religião	Frequência	Percentual
Participo	96	8,7
Já participei	384	34,8
Nunca	616	55,8
Não respondeu	7	0,6
Já participei/Nunca	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 20: Participação de movimento na sua religião



De acordo com A. Brighenti, ocorrem profundas transformações no campo científico-técnico.⁸⁹ Estamos passando da civilização industrial para a cibernética. O mundo tem pressa, coisas surgem rapidamente, tudo é informatizado e automatizado, e as mudanças acontecem com muita intensidade e velocidade.⁹⁰ Isto mostra uma transformação em nossa época, porque o universitário está intimamente ligado às transformações de seu tempo. Pode se deduzir que, a partir do resultado de 34,8% que disseram que já participaram de movimento, mostra justamente o comprometimento com a sua situação atual.

Outra característica do não envolvimento em algum movimento de sua religião é a quantidade de transformações veiculadas hoje no meio dos jovens. As novas descobertas, somadas à tecnologia, particularmente a robótica⁹¹, permitem avanços contínuos em um espaço de tempo cada vez menor (o rito é mais rápido que o seu desenvolvimento biológico). O jovem sempre necessita de desafios e, ao mesmo tempo, ter tempo para enfrentá-lo. Hoje há um comodismo, já que as coisas acontecem automaticamente, basta apenas teclar.

Para dar respostas a novas perguntas, é necessário se engajar sem inseguranças e assumir uma posição frente a elas, com coragem. Nesta pesquisa, percebeu-se que os universitários, na sua maioria, ou seja, os jovens de hoje não são tão superficiais como dizem deles. Eles estão conscientes de suas crenças, portanto por que não incentivá-los a tornar real a construção de uma sociedade mais fraterna, através de movimentos religiosos responsáveis que caminhem na busca de um modernismo menos capitalista que individualiza e privatiza, inviabilizando a especificidade humana? “O amor vem de Deus, e todo aquele que ama nasceu de Deus e conhece a Deus”. (1 Jo 4,7)

Quando se encontram adultos ou os próprios jovens universitários e se comenta acerca dos movimentos aos quais estiveram engajados no passado, a resposta é de alegria e de certa nostalgia. Raramente, alguém dirá que teria tido uma experiência negativa ou má. O Pe. Libânio diz, no seu livro, “a trilha mais procurada vai na direção da religião, como consolo e sentido para a vida”,⁹² e esta vivência traz alegria e prazer. O ser humano que se realiza fazendo o bem para o outro e também tem essa experiência religiosa experimenta, quando

⁸⁹ BRIGHENTI, A. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*, p. 18.

⁹⁰ DREIFUSS, R. A. *A época das perplexidades: mundialização, globalização e planetarização: novos desafios*, p. 18.

⁹¹ BRIGHENTI, op. cit., p. 22.

⁹² LIBÂNIO, J. B. *Caminhos de existência*, p. 114.

jovem, uma alegria de se colocar a serviço dos outros. No entanto, quando deixa de participar, passa por um sentimento de nostalgia e de que nunca deveria ter crescido.

2.8 PRÁTICA MORAL

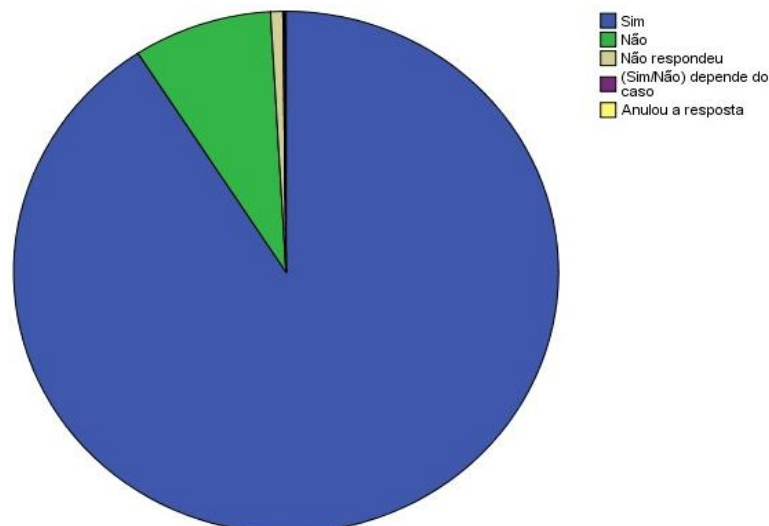
2.8.1 Sobre o divórcio

Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, observou-se, na pergunta sobre estar ou não de acordo com a orientação da Igreja quanto ao divórcio (entenda-se contra), que 15,47% foi a favor da Igreja (contra o divórcio), e 74,74% disseram que não concordam com a Igreja (são a favor do divórcio). Na pesquisa de 2011, como demonstrado no Gráfico 21, em relação ao fato de ser a favor do divórcio, 1003 (90,9%) afirmaram que são favoráveis a ele e 91 (8,2%) que contra.

Tabela 21: Posição sobre o divórcio

A favor do divórcio?	Frequência	Percentual
Sim	1003	90,9
Não	91	8,2
Não respondeu	8	0,7
(Sim/Não) depende do caso	1	0,1
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 21: Posição sobre o divórcio



Na pesquisa Coleção CERIS, foram entrevistados, ao todo, 5218 em cinco regiões. Em Porto Alegre, foram 861 entrevistados dos 18 aos 66 anos de idade, com 393 homens e 468 mulheres. Homens, acima de 66 anos, foram 22 (2,4%) e mulheres, acima de 66 anos, foram 35 (3,8%), totalizando 918, e 65,0% responderam que são a favor ao divórcio.⁹³

Para a Igreja Católica, o matrimônio é um sacramento, instituído por Jesus Cristo (DH 1601), e o Concílio de Trento (1545-1563) defende a doutrina da sacramentalidade (Gn 2,24; Mt 19,5-6; Ef 5, 21-28) do matrimônio.⁹⁴ Para outras religiões, também o matrimônio é uma bênção ou um compromisso entre um homem e uma mulher. De acordo com o Catecismo da Igreja Católica, “Como gesto sacramental de santificação, a celebração litúrgica do Matrimônio [...] deve ser válida por si mesma, digna e frutuosa, CEC 1622”. Segundo o *Compêndio dos Símbolos Definições e Declarações de Fé Moral*:

Se alguém disser que os sacramentos da Nova Lei não foram todos instituídos por nosso Senhor Jesus Cristo; ou que são mais ou menos do que sete, a saber: batismo, confirmação, Eucaristia, penitência, extrema-unção, ordem e matrimônio; ou também que algum destes sete não é sacramento no sentido verdadeiro e próprio: seja anátema. Se alguém disser que o matrimônio não é, verdadeira e propriamente, um dos sete sacramentos da Lei evangélica instituído por Jesus Cristo Senhor, mas inventado por homens na Igreja, e que não confere a graça: seja anátema.⁹⁵

Na Sagrada Escritura em (Gn 2,18-25), está implícito que a união perfeita entre os dois sexos é a união monogâmica. “Sexo e matrimônio são instituições divinas, por meio das quais o homem encontra a sua plenitude”.⁹⁶ Então, a Igreja Católica se posiciona contra o divórcio, pois aceitar o divórcio seria aceitar a dissolução do casamento. A tendência da sociedade vai ao encontro do resultado da pesquisa, isto é, os jovens universitários apoiam o divórcio como se fosse um compromisso/contrato que pode ser desfeito sem maiores problemas.

No primeiro capítulo, foi tratado da questão do secularismo na modernidade que estabelece uma oposição entre os valores humanos e os divinos: “Deus se tornou supérfluo e

⁹³ SOUZA, L. A. G.; FERNANDES, S. R. A.; ANTONIAZZI, A. et al. *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*, p. 216.

⁹⁴ SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*, p. 332.

⁹⁵ DENZINGER, H. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*, nota 1601-1801, p. 416-445.

⁹⁶ MCKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*, p. 592.

embaraçante”.⁹⁷ O comportamento pessoal, fundado no secularismo e na indiferença religiosa, pode produzir como grave consequência para a sociedade e para a família uma conduta social baseada no relativismo (Capítulo I). Há casais que, apesar de praticarem sua fé e atuarem em comunidades cristãs, não conseguem vivenciar uma espiritualidade conjugal, produzindo, assim, um relativismo. Com o pluralismo religioso, muitos jovens deixam de acreditar na doutrina Católica, para se engajar onde podem viver uma situação conjugal sem o compromisso assumido definitivamente, transitando de uma religião para outra, assim como “se troca de roupa”, por priorizar uma “liberdade” que, por vezes, destrói as famílias.

João Paulo II, em sua *Carta Às Famílias*, coloca que:

no qual o homem e a mulher mutuamente se dão e recebem um ao outro.⁹⁸ a família é realmente uma comunidade de pessoas para quem o modo próprio de existir e viver juntas é a comunhão de pessoas, João Paulo II Carta às Famílias, 7. E que promove o caráter indissolúvel do matrimônio,

O livro do Gênesis mostra-nos a construção da família, a partir da leitura (*Gn 2,24*). “O homem deixará o pai e a mãe para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne”. O Evangelho de Jesus Cristo destaca que: “De modo que já não são dois, mas uma só carne” (*Mt 19,6*). A família, assim constituída, manifesta uma relação de unidade.

Segundo a pesquisa entre os universitários, percebeu-se que a preparação para o sacramento do matrimônio é mais necessária hoje que tempos atrás. A preparação deve ser constituída por todos, a começar pela família com o seu testemunho, dirigindo-se até a universidade, só assim o casamento será vivido com as devidas virtudes morais necessárias para um bom desenvolvimento familiar.

Demonstrou-se também nesta pesquisa que o jovem hoje, devido ao seu trabalho (e o gráfico mostra tanto homens como mulheres buscando o mercado de trabalho) se torna mais independente para construir a sua vida financeiramente e prover o seu próprio sustento, sem necessitar partilhar com o cônjuge. Mas, com toda a liberdade e independência, busca, muitas vezes, não o compromisso sério de uma relação conjugal, mas, um relacionamento descompromissado, conduzindo a sua vida segundo o seu entendimento, com total

⁹⁷ CNBB Diretório da Pastoral Familiar, 26.

⁹⁸ CV II, GS 48.

“liberdade”. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* é bem clara quando explicita a liberdade de cada ser humano (A Grandeza da Liberdade).

O homem, porém, não pode voltar-se para o bem a não ser livremente. Os nossos contemporâneos exaltam e defendem com ardor esta liberdade. E de fato com razão. Contudo, eles a fomentam, muitas vezes, de maneira viciada, como uma licença de fazer tudo que agrada, mesmo o mal. A verdadeira liberdade, porém, é um sinal eminente da imagem de Deus no homem. Pois Deus quis “deixar ao homem o poder de decidir”, para que assim procure espontaneamente o seu Criador, a Ele adira livremente e chegue à perfeição plena e feliz. Portanto, a dignidade do homem exige que possa agir de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal e não por força de um impulso interno cego ou debaixo de mera coação externa. O homem consegue esta dignidade quando, liberado de todo o cativeiro das paixões, caminha para o seu fim pela escolha livre do bem e procura eficazmente os meios aptos com diligente aplicação. A liberdade do homem, vulnerada pelo pecado, só com o auxílio da graça divina, pode tornar plenamente ativa esta ordenação a Deus. Cada um, porém, perante o tribunal de Deus, prestará contas da própria vida, segundo o bem e o mal que tiver feito.⁹⁹

No seu livro, *Casamento, Amor e Sexo*, Dom Dadeus Grings coloca três razões que levam os casais a se separarem. A questão do adultério, a incompatibilidade de gênios e a violência doméstica,¹⁰⁰ aos quais, certamente, existem outros fatores agregados.

Para isso, existe na Igreja Católica o Tribunal Eclesiástico prescrito pelo Código de Direito Canônico, que analisa os acontecimentos, através de juristas qualificados, e, dependendo do caso, poderá haver uma declaração de nulidade do matrimônio.

Em casos de separação com permanência do vínculo, o Código de Direito Canônico (CIC) estabelece que:

Embora se recomende vivamente que o cônjuge, movido pela caridade cristã e pela solicitude do bem da família, não negue o perdão ao outro cônjuge adúltero e não interrompa a vida conjugal, se não tiver expressa ou tacitamente perdoado sua culpa, ele tem o direito de dissolver a convivência conjugal, a não ser que tenha consentido no adultério, lhe tenha dado causa ou tenha também cometido adultério.¹⁰¹

Portanto, a Igreja Católica, através de seus fiéis, aprofunda-se nas questões morais, a fim de estar sempre em conformidade com a sua doutrina, buscando o bem comum de todos, respeitando sempre a sua filiação divina.

⁹⁹ GS 17.

¹⁰⁰ GRINGS, D. *Casamento, amor e sexo*, p. 70.

¹⁰¹ *Código de Direito Canônico*, 1152.

2.8.2 Eutanásia

“É melhor a morte do que a vida cruel, o repouso eterno do que a doença constante” (*Eclo* 30,17).

Na pesquisa com os universitários de 2011, na questão “você é a favor da eutanásia?” cf. Gráfico 21, 708 (64,1%) responderam que são a favor; e 328 (29,7%), que não são a favor.

Na pesquisa da CERIS de 2002, na cidade de Porto Alegre, 35,1% disseram que a religião deveria se colocar contrária à prática da eutanásia.

Primeiro é necessário refletirmos sobre o que se entende por eutanásia. Este termo “eutanásia” passa por uma evolução ao longo dos séculos. O seu significado etimológico (do grego *eu*, “boa”, e *thanatos*, “morte”) é a morte boa, sem dores e angústias. O conceito clássico de eutanásia é tirar a vida do ser humano, por considerações humanitárias para a pessoa ou a sociedade (deficientes, anciãos, enfermos incuráveis, etc.). Distingue-se entre eutanásia ativa (positiva ou direta) de um lado, e passiva, de outro.

No primeiro caso, trata-se de uma ação médica pela qual se põe fim à vida de uma pessoa enferma, por um pedido do paciente ou a sua revelia. É também chamada de morte piedosa ou suicídio assistido. ”A eutanásia passiva ou negativa não consistiria em uma ação médica, mas, omissão. Isso quer dizer a não aplicação de uma terapia médica com a qual se poderia prolongar a vida da pessoa enferma”.¹⁰²

Neste tempo hodierno, a vida deve ser vivida com total prazer e com toda saúde, e o sofrimento aparece como uma dor insuportável que não vale a nossa luta contra ele. Então, fica cada vez mais forte a tentação à prática da eutanásia, isto é, apoderar-se da morte, provocando-a antes do tempo e, deste modo, pondo fim à vida própria ou alheia (EV, 64).

Deste modo, põe-se fim à sua própria vida ou a do outro. “E agora, vede bem: eu, sou eu, e fora de mim não há outro Deus! Sou eu que mato e faço viver, sou eu que firo e torno a curar” (*Dt* 32,39). O ser humano esquece a sua relação fundamental com Deus, toma critério e norma de si mesmo e decide sobre a vida como e quando deve interrompê-la. Normalmente, isto acontece nas áreas mais desenvolvidas, onde o conhecimento intelectual é mais aprimorado, mais

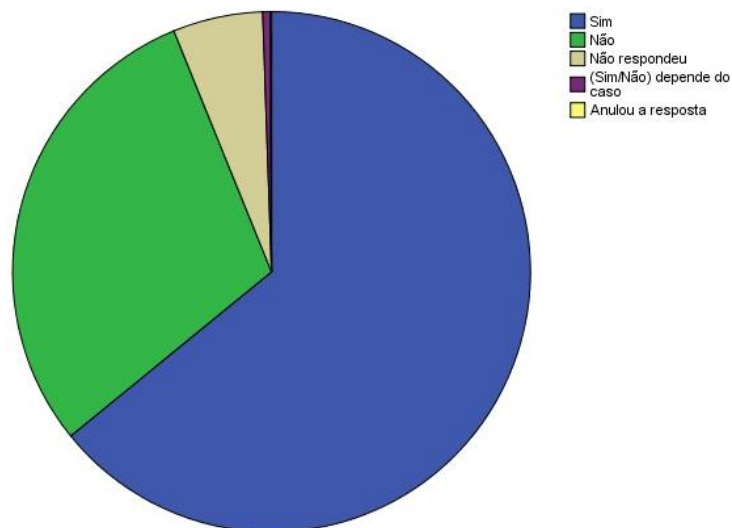
¹⁰² PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*, p. 293.

desenvolvido, com contínuos progressos da medicina moderna, com as suas técnicas avançadas. Com recursos avançados da medicina, é possível prolongar a vida em situações que antes eram praticamente impossíveis, e este prolongamento pode ser sem sofrimento e dor.

Tabela 22: Posição sobre eutanásia

A favor da eutanásia?	Frequência	Percentual
Sim	708	64,1
Não	328	29,7
Não respondeu	62	5,6
(Sim/Não) depende do caso	5	0,5
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 22: Posição sobre eutanásia



“A decisão da eutanásia torna-se grave quando ela se configura como um homicídio”, segundo João Paulo II, EV 65. Este ato é praticado sobre um ser humano que não consentiu, em momento algum, que isto pudesse ser feito.

Quando alguns médicos ou as próprias leis se dão o direito de decidir quem deve morrer e quem vai viver com total e independente poder de decisão, devemos questionar onde está o discernimento, qual é a lógica? Para entender esta atitude, formulamos algumas hipóteses.

Seria por causa da dispendiosa situação econômica ao ponto de concluírem que não vale continuar promovendo a vida, ou seria por uma decisão arbitrária, onde se conclui que não tendo condições de recuperar este doente, a melhor solução é eliminá-lo. Mas onde fica o caminho do amor e compaixão?

A constituição Pastoral diz:

Descendo às consequências práticas e mais urgentes, o Concílio inculta o respeito ao homem; que cada um respeite o próximo como – outro eu, sem excetuar nenhum, levando em consideração, antes de tudo, a sua vida e os meios necessários para mantê-la dignamente.¹⁰³

A carta encíclica ainda se refere à exigência de uma legitimação jurídica, atribuindo este direito ao estado, considerando que a vida daquele que está debilitado pode ser um bem apenas relativo. Nas opiniões mais radicais, chega-se mesmo a defender que,

numa sociedade moderna e pluralista, deveria ser reconhecida a cada pessoa total autonomia para dispor da própria vida e da vida de quem ainda não nasceu não seria competência de a lei fazer a escolha entre as diversas opiniões morais, e menos ainda poderia ela pretender impor uma opinião particular em detrimento das outras (EV, 68).

Segundo os princípios éticos da Comissão Governamental Comissão Nacional para a proteção dos seres humanos da pesquisa biomédica e comportamental, 1974, na América do Norte que consta no livro *Problemas Atuais de Bioética*, são: autonomia, beneficência e justiça. A condição da autonomia diz respeito à capacidade ou competência do paciente em tomar decisões. Existem enfermidades que tiram completamente o uso da razão total, e outras que a deterioram de modo muito sensível. O princípio da justiça exige que todos os homens gozem de uma igualdade básica; todos os seres humanos têm direito a iguais considerações e respeito. Conforme este princípio, todos os homens devem ser respeitados e tratados de forma igual, ainda que explicitamente renunciem a isso.

A prioridade da justiça sobre a autonomia é tal que nada pode causar dano aos demais, mesmo no caso de ser pedido. Nisso é que consiste o chamando princípio de “não maleficência”. Não estamos obrigados a fazer o bem a uma pessoa contra a sua vontade, porém não devemos fazer o mal, ainda que ela se oponha a isso. A justiça é inseparável da não maleficência, da mesma maneira que a autonomia o é da beneficência.

O Código de Ética Médica declara, no Capítulo I, no artigo 6º, que o médico deve guardar absoluto respeito pela vida humana, atuando sempre em benefício do paciente. Jamais

¹⁰³ CV II, GS, 27.

utilizará os seus conhecimentos para gerar sofrimento físico ou moral, para o extermínio do ser humano ou para permitir e acobertar tentativa contra a sua dignidade e integridade.

No documento da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, (*L'Osservatore Romano*) de 3 de agosto de 1980, está afirmado:

Ora, é necessário declarar, uma vez mais, com toda a firmeza, que nada ou ninguém pode autorizar a que se dê a morte a um ser humano inocente, seja ele feto ou embrião, criança ou adulto, velho, doente incurável ou agonizante. E também a ninguém é permitido requerer este gesto homicida para si ou para um outro confiado à sua responsabilidade, nem sequer consenti-lo explícita ou implicitamente. Não há autoridade alguma que possa legitimamente impor ou permitir. Trata-se, com efeito, de uma violação da lei divina, de uma ofensa à dignidade da pessoa humana, de um crime contra a vida e de um atentado contra a humanidade.¹⁰⁴

Ainda se lê no Catecismo da Igreja Católica,

Aqueles, cuja vida está diminuída ou enfraquecida, necessitam de um respeito especial. As pessoas doentes ou deficientes devem ser amparadas, para levar uma vida tão normal quanto possível. Sejam quais forem os motivos e os meios, a eutanásia direta consiste em colocar um fim à vida de pessoas deficientes, doentes ou moribundas, sendo moralmente inadmissível.¹⁰⁵

Dos alunos que responderam o questionário 64,1%, disseram que são a favor da eutanásia. Assim, eles estão contradizendo qualquer religião à que possam pertencer, pois não estão de acordo com sua doutrina, eis que todas e todos os que são crentes devem estar a favor da vida e não apressar a morte. Muitas das religiões, inclusive, realizam "curas e milagres" quase que instantaneamente, por isto a resposta fica incoerente com o que deveria ser a prática. Percebe-se que quando não se tem uma prática e visão religiosa, não se consegue vivenciar o mistério da dor do sofrimento.

"É preciso obedecer antes a Deus do que aos homens". (*At 5,29*)

¹⁰⁴ JOÃO PAULO II. Sagrada congregação para a doutrina da fé. In: PESSINI, L. *Distanásia: até quando prolongar a vida?*, p. 409.

¹⁰⁵ CEC 2276- 2277.

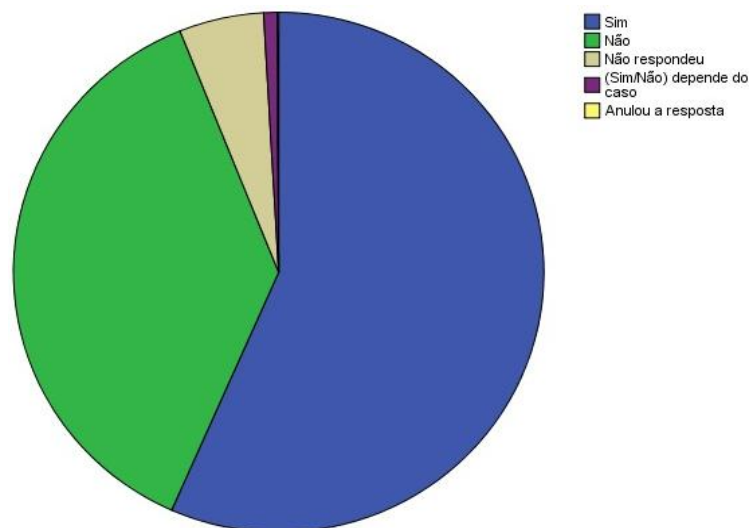
2.8.3 A favor do aborto

Na pesquisa de 2011, o Gráfico 23 demonstra que 625 (56,6%) dos pesquisados responderam que são a favor do aborto e 412 (37,3%), contra. Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, responderam que são a favor do aborto 73,76 % e 19,42%, contra. Na pesquisa CERIS 2002, mostraram-se contra o aborto 56,7 % e 28,8 %, a favor. Então, a partir das três pesquisas, conclui-se que, de 1998 para 2002, houve uma diminuição dos entrevistados que são a favor do aborto e, de 2002 para 2011, houve um aumento das pessoas que são favoráveis a esta prática.

Tabela 23: Posição sobre aborto

A favor do aborto?	Frequência	Percentual
Sim	625	56,6
Não	412	37,3
Não respondeu	57	5,2
(Sim/Não) depende do caso	9	0,8
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 23: Posição sobre aborto



A juventude hoje é muito sensível às questões sociais e, se não são bem orientadas, incorrem em danos morais para a família e o comportamento sexual. É do conhecimento de todos que há um incentivo ao uso da “camisinha”, ao invés de educar o jovem para relacionamentos maduros e afetivos. A Igreja Católica tem por doutrina ensinar a todos e

especialmente aos jovens o namoro cristão, com vistas ao matrimônio, como sacramento, bem como nas outras religiões.

Há uma enorme preocupação com os valores morais como um todo. A partir de condutas sexuais não recomendadas, surgem “problemas”, como, por exemplo, a gravidez “indesejada” e, conseqüentemente, recorre-se ao aborto como solução. Além disso, a realidade de hoje “protege” alguns casos, e o indivíduo está amparado pela lei.

Aborto (*ab-ortus*), etimologicamente, significa “*mal nascido ou nascido antes do tempo*”.¹⁰⁶

O verbo latino *aboriri*, do qual deriva o substantivo *abortus*, significa também *matar*. No sentido real, é a expulsão do embrião ou do feto antes que possa viver fora do seio materno. Por isso, quem procura o aborto mata a vida.

Hoje os dados da ciência garantem que, em um tempo concreto, se configura o corpo humano e que, muito cedo, goza de algumas sensibilidades próprias da vida psíquica, e a conclusão é que abortar é matar um corpo humano com características muito precisas. A partir da fecundação, o óvulo tem um código genético diferenciado, de forma que, desde o primeiro momento, existe uma individualização do gameta. A ciência garante que o aborto provoca a morte de um indivíduo da espécie humana.¹⁰⁷

O questionamento a respeito do começo da vida humana é difícil de ser decidido, pois existem muitas discussões acerca do tema, em função da falta de dados convincentes de quando se dá o início da vida humana ou da pessoa humana. A Igreja, nestes tempos de modernidade, toma uma posição e considera mais seguro o fato de a pessoa existir desde a fecundação (fusão dos gametas que dá origem ao zigoto), quando aparece um genótipo distinto do pai e da mãe. A vida humana começa desde a concepção, e este é um postulado admitido sem ser provado, ou seja, não se pode demonstrar que a realidade não seja assim. Com a fecundação, começa um processo que não somente comporta etapas, mas também, uma incontestável continuidade.¹⁰⁸

A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* diz que:

¹⁰⁶ FERNÁNDEZ, A. *Compendio de teología moral*, p. 436.

¹⁰⁷ *Ibid.*, p. 437.

¹⁰⁸ PESSINI, L; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*, p. 235.

Soluções que destroem a vida são lembradas pela Igreja que não pode haver verdadeira contradição entre as leis divinas sobre a transmissão da vida e o cultivo do autêntico amor conjugal. Deus, com efeito, que é o Senhor da vida, confiou aos homens o nobre encargo de preservar a vida para ser exercido de maneira condigna do homem. Por isso, a vida deve ser protegida com o máximo cuidado desde a concepção. Tanto quanto o aborto como o infanticídio são crimes nefandos.¹⁰⁹

Na pesquisa com os alunos em 2011, 62,1% responderam que pertencem à religião Católica, ou seja, mais de a metade são da religião Católica; 56,6% são favoráveis ao aborto, isto é, mais da metade. Com as considerações feitas acima, compreende-se que vivemos em um momento, no qual os pesquisados não vivem a orientação da própria religião que dizem pertencer. Além disso, mesmo que os respondentes pertençam a outras religiões, não estão promovendo a vida, dando a entender que a mesma é relativa (Cap. I) e secularizada, em que a sacralidade da vida troca o seu valor por outro de importância material, econômica, sem compromisso com ela mesma, que é um bem maior.

O catecismo jovem da Igreja Católica (*YouCat*) deixa bem claro que:

Os direitos inalienáveis da pessoa devem ser reconhecidos e respeitados pela sociedade civil e pela autoridade política. Os direitos do homem não dependem nem dos indivíduos, nem dos pais, e também não representam uma concessão da sociedade e do Estado: pertencem à natureza humana e são inerentes à pessoa em razão do ato criador do qual esta se origina. Entre estes direitos fundamentais é preciso citar a vida e a integridade física de todo ser humano, desde a concepção até a morte.¹¹⁰

O catecismo jovem da Igreja Católica coloca:

a esta missão, destrói ele próprio os alicerces do Estado de direito. Só Deus é o Senhor da vida e da morte. Nem sequer a “minha” vida me pertence. Cada criança tem direito à vida desde a sua concepção. Desde o início, o nascituro é uma pessoa própria, cujo círculo de direitos ninguém deve violentar, nem o Estado, nem o médico, nem mesmo a mãe. A posição da Igreja não é carente de misericórdia; aliás, ela pretende alertar para os danos que são causados à criança morta, aos pais e a toda a sociedade, e que nunca mais poderão ser reparados. Proteger a vida inocente pertence às mais nobres tarefas do Estado; se ele se furtar a esta missão, destrói ele próprio os alicerces do Estado de direito.¹¹¹

¹⁰⁹ CV II, GS 51.

¹¹⁰ CEC 2227.

¹¹¹ YOUCAT 383.

“Que fizeste! Ouço o sangue do teu irmão, do solo clamar para mim!” (*Gn 4,10*). Diz o Papa João Paulo II “Quem atenta contra a vida do homem, de algum modo, atenta contra o próprio Deus.” João Paulo II, EV 9. Para que o homem moderno hoje tome consciência da gravidade da atitude em favor do aborto, ou seja, sendo ele um atentado contra a vida, não se pode, em uma consciência coletiva, entender que deixa de ser um crime para passar para um direito pessoal e reconhecer-se dono da vida e, além disso, amparado legalmente e com o consentimento e ajuda do profissional da saúde que deve promover a vida e não, a morte.

Importante ressaltar, ainda, que se trata de um ser indefeso e que está sendo atentado contra os valores da própria família. Alguns dos pesquisados disseram que seriam a favor do aborto, em parte, quando se trata de estupro. Mesmo nos casos de violência, a vida humana é inviolável e nem nestes casos nos é permitido tirá-la. Sabe-se que, muitas vezes, a mulher sofre individualmente nestes casos e outros tantos em que o parceiro não assume a sua responsabilidade. Existem situações também de pobreza, em que as pessoas preferem se “livrar” do embrião antes que este venha a dar despesas econômicas à mulher e à sua família. Em qualquer caso, a vida é inviolável, “quem atenta contra a vida do homem, de algum modo, atenta contra a vida do próprio Deus”. (EV, 9) Não existe nenhuma justificativa para se eliminar o embrião humano. Mesmo com os debates ou as pseudos justificativas não se admite a morte do embrião, e ao mesmo deve ter garantida a sua vida na sua totalidade, na unidade corporal e espiritual. “Antes mesmo de te modelar no ventre materno, eu te conheci; antes mesmo que saísse do seio, eu te consagrei. Eu te constituí profeta das nações” (*Jr 1, 5*).

2.8.4 Pena de morte

Conforme apresentado no Gráfico 24, 560 (50,7%) dos pesquisados responderam que são a favor da pena de morte e 494 (44,7%), contra. Como na questão do aborto, alguns também responderam que depende do caso. Os entrevistados, tanto católicos, espíritas, evangélicos e de outras denominações religiosas, responderam que são favoráveis à pena de morte. Os que se disseram ser ateus são 3,2% dos entrevistados, segundo foi apresentado no Gráfico 4. Quase a totalidade dos entrevistados é contra a pena de morte. Na pesquisa em 2002 CERIS, em Porto Alegre, 53,3% dos católicos mostraram-se contra a pena de morte e 27,8%, a favor.

A pena de morte provoca grandes controvérsias e suscita muitas perguntas: A vida humana goza de dignidade, sendo assim pode o Estado dispor da vida do cidadão? E um homem pode chegar a ser tão indigno a ponto de merecer a morte? Uma geração tão sensível ao valor da vida pode tolerar a legitimidade jurídica de permitir a pena de morte? A Igreja, com tanta sensibilidade contra o aborto, não condena com igual veemência a pena de morte?¹¹² Alguns textos do Antigo Testamento da Sagrada Escritura impõem a pena de morte, como se vê a seguir:

“Aquele que blasfemar o nome de Iahweh deverá morrer, e toda comunidade o apedrejará. Quer seja estrangeiro ou natural, morrerá, caso blasfeme o Nome” (*Lev 24,16*). “Se um homem golpear um ser humano, quem quer que seja, deverá morrer” (*Lev 24,17*). “Fratura por fratura, olho por olho, dente por dente. O dano que se causa a alguém, assim também se sofrerá” (*Lev 24,20*). “Quem matar um animal deverá dar compensação por ele, e quem matar um homem deve morrer” (*Lev 24,21*).

No Novo Testamento, destaca-se o “não matarás” (*Mt 19,18*). “Ouviste o que foi dito aos antigos: Não matarás; aquele que matar terá de responder no tribunal” (*Mt 5,21*). No mandamento não matarás, contido e aprofundado no mandamento positivo do amor do próximo, é confirmada a sua validade pelo Senhor Jesus. (EV, 41)

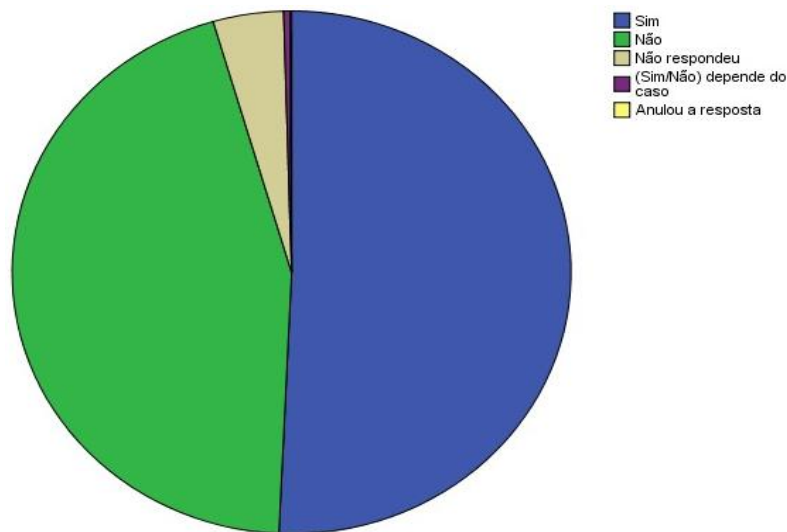
Quando o jovem rico (*Mt 19,16-22*) pergunta ao Mestre o que ele deve fazer de bom para alcançar a vida eterna, e Ele responde a ele para cumprir os mandamentos e logo cita o “não matarás”. No Sermão da Montanha, Jesus exige dos discípulos uma justiça superior. Ouviste o que foi dito aos antigos *não matarás*. Com estas palavras, Jesus explicita a inviolabilidade da vida.

Tabela 24: Posição sobre a pena de morte

A favor da pena de morte?	Frequência	Percentual
Sim	560	50,7
Não	494	44,7
Não respondeu	45	4,1
(Sim/Não) depende do caso	4	0,4
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

¹¹² FERNÁNDEZ, A. *Compendio de teología moral*, p. 447.

Gráfico 24: Posição sobre a pena de morte



Não há a possibilidade de contrariar o mandamento de Deus, pois Ele é o dono da vida. Porém, há situações em que os valores, propostos pela Lei de Deus, criam um paradoxo que é a legítima defesa, na qual o direito de proteger a própria vida está acima do outro, e esta se trata de um amor a si mesmo. Está escrito “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mc 12,31), sendo este o amor a si mesmo. Segundo a Carta Encíclica de João Paulo II, “a legítima defesa pode ser não somente um direito, mas também, um dever grave para aquele que é responsável pela vida de outrem, do bem comum da família ou da sociedade”. (EV, 41) Há necessidade de colocar o agressor em condições de não feri-lo e matá-lo, e isto implica, muitas vezes, em sua eliminação.

O Catecismo da Igreja Católica coloca que:

a legítima defesa pode ser não somente um direito, mas também, um dever grave, para aquele que é responsável pela vida de outros. Preservar o bem comum da sociedade exige que o agressor seja impossibilitado de prejudicar a outrem. A este título os legítimos detentores da autoridade têm o direito de repelir pelas armas os agressores da comunidade civil pela qual são responsáveis.¹¹³

Nesta linha, também se vai de encontro da questão da pena de morte, e a autoridade deve procurar alcançar o objetivo da defesa da ordem pública e a segurança das pessoas, não deixando de atender ao próprio réu, para que ele possa corrigir e arrepender-se. Portanto, não se deve chegar à medida extrema, a menos que em absoluta necessidade. Hoje, os casos de pena de morte já são muito raros, quase inexistentes (Estados Unidos e Afeganistão).

¹¹³ CEC 2265.

O Catecismo Da Igreja Católica coloca que,

a legítima defesa das pessoas e das sociedades não é uma exceção à proibição de matar o inocente, que constitui o homicídio voluntário. A ação de defender-se pode acarretar um duplo efeito: um é a conservação da própria vida, o outro é a morte do agressor. Só se quer o primeiro; o outro, não.¹¹⁴

“O amor a si mesmo permanece um princípio fundamental da moralidade. Portanto, é legítimo fazer respeitar seu próprio direito à vida. Quem defende sua vida não é culpável de homicídio, mesmo se for obrigado a matar o agressor”.¹¹⁵

2.8.5 Controle artificial da natalidade

De acordo com o Gráfico 25, 795 (72,0%) dos entrevistados responderam que são a favor do controle artificial da natalidade e 255 (23,1 %), contra. Nesta questão, não foram especificados quais os métodos utilizados, nem se perguntou se concordavam com o método que a Igreja Católica sugere (método natural). Constatou-se que a grande maioria é a favor do método artificial de controle, e, com as campanhas que se faz, principalmente, através dos meios de comunicação, entende-se que o método artificial mais utilizado seria o preservativo. Na pesquisa de 2002 CERIS, os católicos, em Porto Alegre (40,5 %), responderam que a Igreja Católica não deveria se envolver na questão dos métodos contraceptivos, por ser exclusivamente de foro íntimo. Isto mostra que houve um crescimento de lá para cá a favor dos métodos artificiais.

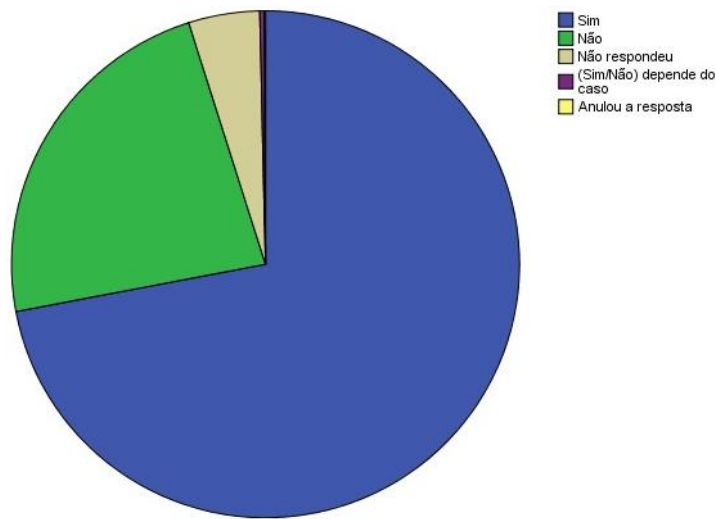
Tabela 25: Posição sobre controle artificial da natalidade

A favor do controle artificial da natalidade?	Frequência	Percentual
Sim	795	72,0
Não	255	23,1
Não respondeu	50	4,5
(Sim/Não) depende do caso	3	0,3
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

¹¹⁴ CEC 2263.

¹¹⁵ CEC 2264.

Gráfico 25: Posição sobre controle artificial da natalidade



“E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Crescei, multiplica-vos, encheis a terra e submetei-a; dominai os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que se movem sobre a terra”. (Gn 1,28) Este versículo sempre causou alguma discussão, sendo que vivemos em condições socioeconômicas ruins, com uma taxa elevada de analfabetismo, educação adequada e com uma pobreza acentuada.

Quando a Igreja Católica diz aprovar apenas o método natural não está sendo contrária à paternidade e maternidade responsável. Não é sem motivo que a Constituição *Gaudium et Spes* enfatiza:

A Harmonia do Amor Conjugal com o Respeito à Vida Humana, 51. A paternidade e maternidade responsável referem-se diretamente ao momento em que o homem e a mulher, unindo-se numa só carne, podem tornar-se pais. João Paulo II Carta às Famílias,12. Pai e mãe comunicam a vida a um novo ser humano. As duas dimensões da união conjugal, a unitiva e procriadora, não podem ser separadas artificialmente sem atentar contra a verdade íntima do próprio ato conjugal. (HV,12)

A Carta diz ainda que o amor fecundo não se deve esgotar na comunhão entre os cônjuges, pois está destinado a continuar suscitando novas vidas.

Os jovens especialmente tão vulneráveis neste ponto precisam de estímulo para ser fiéis. É ainda de rezear que o homem, habituando-se ao uso das práticas anticoncepcionais, acabe por perder o respeito pela mulher e, sem se preocupar mais com o equilíbrio físico e psicológico dela, chegue a considerá-la como simples instrumento de prazer egoísta e não mais como a sua companheira, respeitada e amada. (HV, 17)

A Igreja Católica é coerente quando o casal pensa em evitar ou distanciar o nascimento, promovendo a tranquilidade e harmonia do casal, buscando melhores condições para a educação dos filhos já nascidos. A Igreja é a primeira a elogiar e a

recomendar a intervenção da inteligência, numa obra que tão de perto associa a criatura racional com o seu Criador; mas afirma também que isso se deve fazer respeitando sempre a ordem estabelecida por Deus. (HV, 16)

A Igreja é coerente consigo própria, quando assim considera lícito o recurso aos períodos infecundos, ao mesmo tempo em que condena sempre como ilícito o uso dos meios diretamente contrários à fecundação, mesmo que tal uso seja inspirado em razões que possam parecer convincentes. Na realidade, entre os dois casos, existe uma diferença essencial: no primeiro, os cônjuges usufruem legitimamente de uma disposição natural; enquanto, no segundo, eles impedem o desenvolvimento dos processos naturais. É verdade que em ambos os casos os cônjuges estão de acordo na vontade positiva de evitar a prole, por razões plausíveis, procurando ter a segurança de que ela não virá; mas é verdade também que somente no primeiro caso eles sabem renunciar ao uso do matrimônio nos períodos fecundos, quando, por motivos justos, a procriação não é desejável, dele usando depois nos períodos agênicos (incapaz de gerar). Contudo, isso não impede a manifestação de afeto e como salvaguarda da fidelidade mútua. Procedendo assim, eles dão prova de amor verdadeiro e integralmente honesto. (HV,16).

O foco, a seguir, está no casamento religioso.

2.8.6 Casamento de religiosos

De acordo com a pesquisa de 2011, demonstrada no Gráfico 26, 65 (59,3%) dos entrevistados responderam que são a favor dos casamentos de religiosos, e 393 (35,6%), indiferentes. Isto demonstra que estes, que são indiferentes a esta questão, provavelmente assim o fazem, em razão da conduta interna de cada religião. Não vivem esta questão, nem se torna foco da própria religião para tantos. Isso é mais fortemente tratado pela Igreja Católica. Na pesquisa de 2002 CERIS, 34,9% dos católicos responderam que a Igreja não deveria se envolver nesta questão e que o casamento dos religiosos deveria ser uma escolha pessoal.

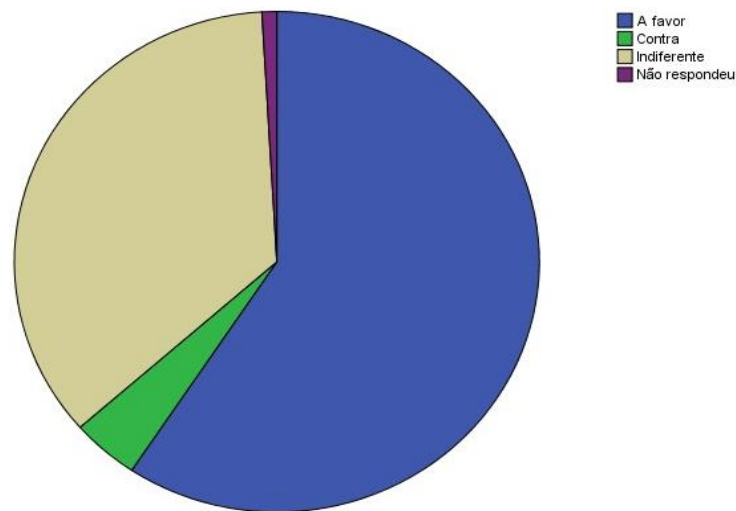
A Igreja Católica possui uma organização que é fundamental. Se não fosse assim, haveria uma desordem na instituição, em que cada presbítero ou religioso poderia escolher como realizar sua vida pessoal. A vinculação de celibato (e revestir-vos do Homem Novo, criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade *Ef* 4,24), I Concílio de Latrão, ano 1123, cân. 3. “A vinculação do celibato e sacerdócio somente se tornou regra no decorrer de uma história de mil anos, vale somente na Igreja católico-romana, e também nela não sem exceções”.¹¹⁶

¹¹⁶ SCHNEIDER, T. *Manual de dogmática*. v. II, p. 320.

Tabela 26: Casamento de religiosos(as)

A favor do casamento de religiosos(as)?	Frequência	Percentual
A favor	655	59,3
Contra	46	4,2
Indiferente	393	35,6
Não respondeu	10	0,9
Total	1104	100,0

Gráfico 26: Casamento de religiosos



Pergunta-se se essa vinculação obrigatória corresponde à natureza do ministério e se é conveniente para a atual situação da Igreja. A *favor* da conveniência citam-se argumentos cristológicos e escatológicos, bem como razões práticas que, por meio do seu celibato, o sacerdote dá um testemunho expresso a favor de Jesus Cristo, sem temer que, por causa dessa opção, não conseguisse encontrar plenitude de vida.

O celibato proporcionaria ao sacerdote a disponibilidade integral para qualquer serviço na Igreja e a favor de todos os homens *Contra à vinculação* de ofício sacerdotal e celibato, apontam-se ao lado de aspectos antropológicos, sobretudo a necessidade das comunidades que, em consequência da falta de sacerdotes, têm que prescindir da Celebração Eucarística.¹¹⁷

O Decreto Presbyterorum Ordinis do Vaticano II coloca que o celibato se ajusta de mil modos ao sacerdócio, pois a missão do sacerdote está dedicada ao serviço da nova humanidade. Diz ainda que, pela virgindade, porém, ou seja, pelo celibato, guardado por

¹¹⁷ SCHNEIDER, T. (Org.). *Manual de dogmática*, p. 320-321.

amor ao Reino dos Céus, os Presbíteros se consagram a Cristo de maneira nova e privilegiada, a ele mais facilmente a aderem de coração indiviso.

Fundamentado no ministério de Cristo e Sua missão, o celibato, que de início era recomendado aos sacerdotes, foi depois adaptado por lei na Igreja Latina a todos os que iriam ser promovidos à Ordem sacra. O Sacrossanto Sínodo torna a reconhecer e a confirmar esta legislação para os que se destinam ao Presbiterato, confiando no Espírito que o dom do celibato é coerente com o sacerdócio do Novo Testamento.

“Roga, pois este Sacrossanto Sínodo não somente aos sacerdotes, mas também, a todos os fiéis, que o precioso dom do celibato sacerdotal lhes mereça o apreço e que todos peçam a Deus conceda Ele sempre e com abundância tal dom à Sua Igreja”.¹¹⁸

2.8.7 Sexo antes do casamento

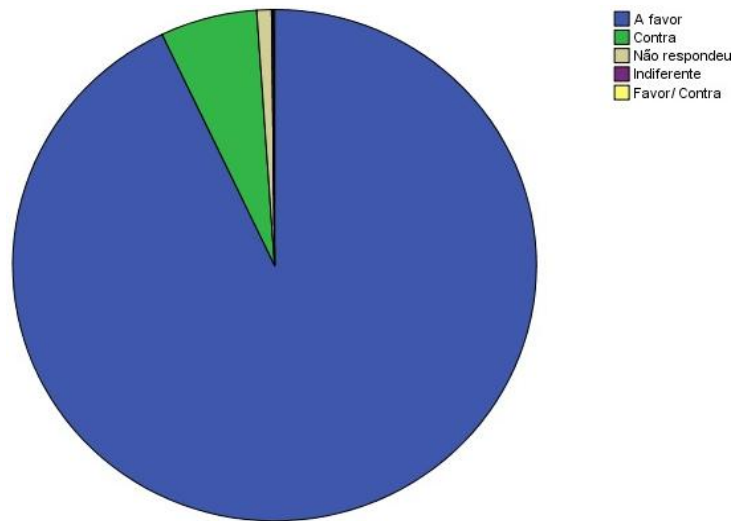
Na pesquisa de 2011, no Gráfico 27, perguntou-se se os jovens eram a favor do sexo antes do casamento, e 1026 (92,9%) responderam que são a favor; e 66 (6,0%), que são contra. A pesquisa não visa a questionar quanto à aprovação ou não do “amor livre”, do sexo apenas por sexo. Entende-se que a resposta dos pesquisados dirige-se à preparação do próprio casamento em suas experiências antes do mesmo. Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, a pergunta foi: Você está de acordo com a orientação da Igreja sobre sexo? E 83,76% responderam que não; e 8,69% que não. Na pesquisa de 2002 CERIS, 49,6% dos católicos disseram que a Igreja não deveria se envolver nesta questão.

Tabela 27: Sexo antes do casamento

A favor do sexo antes do casamento?	Frequência	Percentual
A favor	1026	92,9
Contra	66	6,0
Não respondeu	10	0,9
Indiferente	1	0,1
Favor/Contra	1	0,1
Total	1104	100,0

¹¹⁸ CV II, *Presbyterorum Ordini*, 16.

Gráfico 27: Sexo antes do casamento



“A sexualidade sempre trouxe um fascínio sobre os seres humanos, independente da classe social, raça ou cultura. Ela se torna um assunto obrigatório desde as conversas mais cotidianas até as mais científicas”.¹¹⁹ Esta não se vincula só a transmissão da vida, mas a acompanha como um componente inseparável. De alguma forma, ela se torna sinônimo da própria vida.

“É evidente que a vida sexual converge diretamente nas relações entre homem e mulher. Esta relação completa alguns aspectos: genital, afetivo, cognoscitivo, placentário e procriador”.¹²⁰ A sexualidade tem um sentido positivo para a fé católica, a qual representa um dom que constitui o ser humano como homem e mulher. Ao mesmo tempo em que valoriza positivamente a sexualidade humana, é também, como professa o CEC, um exercício de domínio da própria sexualidade: a castidade comporta uma aprendizagem do domínio de si, que é uma pedagogia da liberdade humana. A alternativa é clara: ou o homem e mulher comandam as suas paixões e obtêm a paz, ou se deixam subjugar por elas e se tornam infelizes.

A dignidade do homem exige que ele possa agir de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal e não por força de um impulso interno cego ou debaixo de mera coação externa. Conseguem homens e mulheres esta dignidade quando, libertado de todo cativeiro das paixões, caminham para o seu fim pela escolha livre do bem e procuram eficazmente os meios aptos com diligente aplicação.¹²¹

¹¹⁹ MOSER, A. *O enigma da esfinge: a sexualidade*, p. 16.

¹²⁰ FERNÁNDEZ, A. *Compendio de teologia moral*, p. 380-381.

¹²¹ CEC 2339.

Aqueles que consideram demasiado exigentes as normas éticas cristãs devem pensar que, precisamente, a paixão sexual produz não poucas perturbações psíquicas, levam a cometer verdadeiras aberrações e são motivo de crimes passionais. Ademais, no exercício responsável da sexualidade, encontra no homem uma nova fonte de prazer mais plena e humana que o que ocasiona a simples satisfação do instinto.¹²²

Na modernidade hoje, se corre o risco de banalizar o sexo e as relações afetivas tão importantes para o desenvolvimento maduro dos jovens. Estas transformações aceleradas e profundas carregam consigo componentes como a industrialização e a urbanização, os fatos econômicos e, junto com eles, aparecem a secularização (Capítulo I) e a dessacralização. É fácil perceber que muda a escala de valores, e estas podem ser multiplicadas. Em um passado relativamente recente, valia “aquilo que meu pai ou minha mãe me ensinaram”. Na nova escala de valores, os pais e as pessoas mais velhas são vistos como ultrapassados em todos os planos, sobretudo no plano moral. O dito “normal” é utilizar contraceptivos e proteger-se na hora da relação sexual.¹²³

Nesse período é muito significativo criar condições para a formação integral dos adolescentes e jovens para a educação da afetividade e da sexualidade humana. Também é importante aproveitar a oportunidade daqueles que já frequentam os movimentos e grupo de jovens da comunidade, para lhes oferecer um fundamento da preparação para o matrimônio. À luz dos ensinamentos do Evangelho e do Magistério da Igreja, formem a identidade do matrimônio e da família segundo o projeto de Deus. Nessa matéria, é preciso ser claro: sem medo, colocar no seu devido lugar atitudes e mentalidades comuns no meio social, mas contrárias à lógica do Evangelho. Jesus também não foi aceito com facilidade. As suas exigências desafiavam e chocavam as pessoas de sua época.¹²⁴

Questionou-se igualmente, nesta pesquisa, quanto à união de pessoas do mesmo sexo.

2.8.8 União de pessoas do mesmo sexo

A partir da pesquisa de 2011, verifica-se, no Gráfico 28, que 584 (52,9%) são a favor da união de pessoas do mesmo sexo, 204 (18,5%), contra; 315 (28,5%) são indiferentes. Na

¹²² FERNÁNDEZ, A. *Compêndio de teologia moral*, p. 383.

¹²³ MOSER, A. *O pecado: do descrédito ao aprofundamento*, p. 18-19.

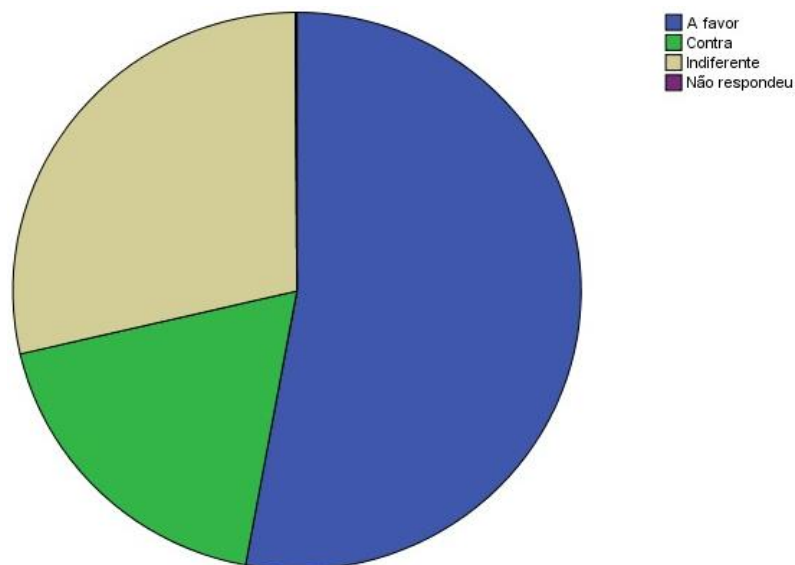
¹²⁴ CNBB, *Diretório da Pastoral Familiar*, 266.

pesquisa de 2002 CERIS sobre o papel institucional da homossexualidade, em Porto Alegre, 36% dos católicos responderam que a religião não deveria se envolver neste assunto.

Tabela 28: União de pessoas de mesmo sexo

A favor da união de pessoas de mesmo sexo?	Frequência	Percentual
A favor	584	52,9
Contra	204	18,5
Indiferente	315	28,5
Não respondeu	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 28: União de pessoas de mesmo sexo



Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou. Deus os abençoou e lhes disse: Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a; dominai sobre os peixes do mar, as aves do céu e todos os animais que rastejam sobre a terra. (Gn 1,27-28)

O homem foi criado à imagem de Deus, “homem e mulher”. São iguais, enquanto pessoas e complementares, como homem e mulher. A sexualidade, portanto, faz parte da esfera biológica e, por outro lado, é elevada na criatura humana a um novo nível, o pessoal, em que corpo e espírito se unem.

Deus quis dar à união do homem e da mulher uma participação especial na sua obra criadora. Por isso, abençoou o homem e a mulher com as palavras: “Sede fecundos e multiplicai-vos” (Gn 1,28). No plano do Criador, a complementaridade dos sexos e a fecundidade pertencem, portanto, à própria natureza da instituição do matrimônio.¹²⁵

¹²⁵ Congregação para a Doutrina da Fé, *considerações da união entre pessoas homossexuais*, 2.

A Igreja ensina que o ato matrimonial deve permanecer aberto à transmissão da vida. Esta doutrina está fundada sobre a conexão inseparável de que Deus quis e que o homem não pode alterar por sua iniciativa, entre os significados do ato conjugal: o significado unitivo e o significado procriador. (HV, 12)

Não existe nenhum fundamento, para equiparar ou estabelecer analogias, entre as uniões homossexuais e o plano de Deus sobre o matrimônio e a família.

A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo. Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a tradição sempre declarou que os atos homossexuais são intrinsecamente desordenados (*Rm* 1,24-27; *1Cor* 6,9; *1Tm* 1,10).

“São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva sexual verdadeira e, em caso algum, podem ser aprovados”.¹²⁶

A sobrevivência da família que é fundamentada no matrimônio pode ter distorções e consequências drásticas quanto a sua essência na função procriadora e educadora. Quando as autoridades civis assumem diversas atitudes, colocando a união homossexual no plano jurídico igual ao do matrimônio, promovendo o reconhecimento legal dessas uniões, favorecendo a equivalências destas com o matrimônio e, ao mesmo tempo, reconhecendo a capacidade jurídica de vir adotar filhos.¹²⁷

Quanto às manifestações de movimentos ou eventos de grupos homossexuais, o fato de gerar um erotismo exacerbado se manifesta tanto mais ameaçador quanto mais é reduzido ao sexual, em uma espécie de “cultura de reduções”, como é a nossa. “O erótico é reduzido ao sexual, o sexual é reduzido ao genital, e o genital é reduzido ao descartável. Nesse processo de reduções, começamos como pessoa e terminamos como coisa”.¹²⁸

No que se refere à pessoa do homossexual, a Igreja ensina que devemos ter respeito por elas como criaturas de Deus, mas não a de aprovar o seu comportamento nem reconhecer como união matrimonial, como base de família. Segundo o dicionário Aurélio, família significa “pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a

¹²⁶ CEC 2357.

¹²⁷ *Congregação para a Doutrina da Fé, considerações da união entre pessoas homossexuais, 5.*

¹²⁸ MOSER, A. *O enigma da esfinge: a sexualidade*, p. 203.

mãe e os filhos”.¹²⁹ Para não convertê-lo em um modelo para a sociedade moderna. Conforme o Catecismo da Igreja Católica, o homossexual deve ser acolhido com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles todo sinal de discriminação injusta. “As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, pela oração e pela graça sacramental, devem buscar a perfeição cristã”.¹³⁰

2.8.9 Fecundação artificial

O Gráfico 29 mostra que 843 (76,4%) afirmaram ser a favor da fecundação artificial humana responderam; 64 (5,8%), contra; e 190 (17,2%), indiferentes. A questão não aprofundou como e quais seriam as consequências morais após a inseminação artificial embrionária, bem como se houvessem e fossem descartados os embriões não utilizados na fecundação embrionária. Tampouco se perguntou se seria uma pessoa estranha ao casal que emprestaria o seu útero. Na pesquisa da CERIS, a pergunta foi em relação ao Papel Institucional da Manipulação Genética Humana. Dentre os católicos, em Porto Alegre, as opiniões se dividiram entre duas opiniões: a religião deveria impor a sua visão de conduta (30,4%) e a outra parte, que a religião não deveria se envolver (29,1%).

“A biogenética é a ciência que, etimologicamente, significa origem (*genesis*) e vida (*bios*). Há um longo tempo que se estudam as ações que podem gerar vida, independentemente do ato natural conjugal procriador”.¹³¹ Quando o homem e a mulher, no casamento, que, através da relação natural, não conseguem gerar um filho, utilizam-se muitas vezes da inseminação artificial, conhecida como assistida.

¹²⁹ FERREIRA, A. B. H. *Novo dicionário da língua portuguesa*, p. 609.

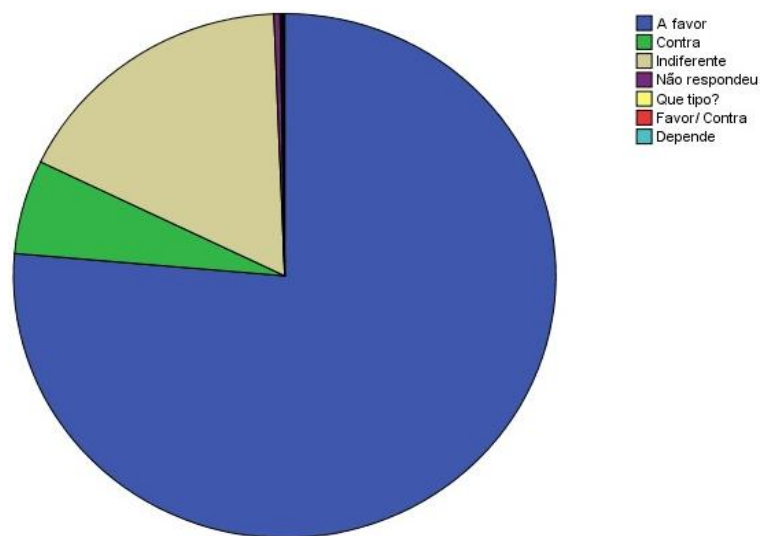
¹³⁰ CEC 2359.

¹³¹ FERNÁNDEZ, A. *Compendio de teologia moral*, p. 428.

Tabela 29: Fecundação artificial

A favor da fecundação artificial humana?	Frequência	Percentual
A favor	843	76,4
Contra	64	5,8
Indiferente	190	17,2
Não respondeu	4	0,4
Que tipo?	1	0,1
Favor/Contra	1	0,1
Depende	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 29: Fecundação artificial



Busca-se, em geral, a fecundação natural entre o casal. No caso da inviabilidade, busca-se o auxílio de técnicas médicas, tentando resolver o problema. A isto se denomina não exatamente “inseminação artificial”, mas, sim, “fecundação assistida”, pois goza de juízo ético positivo. Esta doutrina está no discurso do Papa Pio XII: “A consciência moral não proíbe necessariamente o uso de alguns meios artificiais destinados exclusivamente a facilitar o ato natural, desde que a procura do ato natural seja realizado para este fim”.¹³²

Para o que se chama de “inseminação artificial”, existem duas maneiras de ocorrer: a forma *homóloga* que se utiliza do sêmen do próprio esposo facilitando o encontro com o óvulo da esposa. O sêmen é colocado no corpo da mesma mulher, chamado assim “*in vivo*”. Outra forma existente, denominada “heteróloga”, se trata da inseminação artificial, alcançada

¹³² PIO XII. *Discurso de Su Santidad PÍO XII*. A los participantes en el IV CONGRESO INTERNACIONAL DE MÉDICOS CATÓLICOS, Roma, 17 abr. 1939.

com o sêmen de outro que não o esposo, ou de um esposo e do óvulo de outra mulher que não seja sua esposa, diretamente ou se for em laboratório, se denomina “*in vitro*”.

Há ainda casos em que a mulher não consegue ou não quer engravidar, sendo possível recorrer às “mães de aluguel”, as quais se comprometem a suportar a gravidez e, depois do parto, a entregar a criança ao casal. É utilizado, de forma frequente, o espermatozoide do elemento masculino do casal, e a mãe de aluguel contribui com seu óvulo. Neste processo, o número de óvulos, obtido em consequência da estimulação hormonal, é alto e variável. Não é fácil saber quantos óvulos serão fecundados e quantos embriões originados.¹³³

A Igreja se coloca nesta questão, conforme o Papa João Paulo II, na Carta Encíclica *Evangelium Vitae*, da seguinte forma;

várias técnicas de reprodução artificial, que pareciam estar a serviço da vida e que, não raro, são praticadas com essa intenção, na realidade, abrem a porta a novos atentados contra a vida. Além disso, esses atos são moralmente inaceitáveis, porquanto separa a procriação do contexto integralmente humano do ato conjugal, essas técnicas registram altas percentagens de insucesso. Isso diz respeito não tanto à fecundação, como, sobretudo, ao desenvolvimento sucessivo do embrião, sujeito ao risco de morte em tempos geralmente muito breves. Além disso, são produzidos às vezes embriões em número superior ao necessário para a implantação no útero da mulher e esses, chamados embriões supranumerários, são depois suprimidos ou utilizados para pesquisa que, a pretexto de progresso científico ou médico, na realidade, reduzem a vida humana a simples material biológico, de que se pode livremente dispor. (EV, 14)

Segundo o CEC as técnicas que provocam uma dissociação do parentesco, pela intervenção de uma pessoa estranha ao casal (doação de esperma ou de óvulo, empréstimo de útero), são gravemente desonestas. Estas técnicas (inseminação e fecundação artificiais heterólogas) lesam o direito da criança de nascer de um pai e uma mãe conhecidos dela e ligados entre si pelo casamento.¹³⁴

“Praticadas entre o casal, estas técnicas (homólogas e/ou heterólogas) são talvez menos claras e continuam moralmente inaceitáveis, dissocia o ato sexual procriador. A procriação é moralmente privada de sua perfeição, gesto específico da união dos esposos”.¹³⁵

O matrimônio, porém, não foi instituído apenas para o fim da procriação. Mas a própria índole do pacto indissolúvel entre pessoas e o bem da prole exige que

¹³³ PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*, p. 195.

¹³⁴ CEC 2377.

¹³⁵ Ibid.

também o amor recíproco se realize com reta ordem, que cresça e que amadureça. Por isso, embora os filhos muitas vezes tão desejados faltem, continua o matrimônio como íntima comunhão de toda a vida, conservando seu valor e sua indissolubilidade.¹³⁶

No que tange à pesquisa genética humana, também nos debruçamos para investigá-la.

2.8.10 Pesquisa da genética humana

No Gráfico 30, observa-se que são a favor da pesquisa científica 986 (89,3%); contra, 27 (2,4%); e indiferentes, 82 (7,4%). Como no gráfico anterior, o número dos indiferentes é maior do que aqueles que são contra. A pergunta não se aprofundou quanto aos objetivos da pesquisa científica.

*“O princípio da moralidade médica e cirúrgica consiste em nunca executar no homem uma experiência que possa produzir nele maléfico de qualquer espécie, mesmo que o resultado possa ser altamente vantajoso para a ciência, isto é, para a saúde de outros”.*¹³⁷

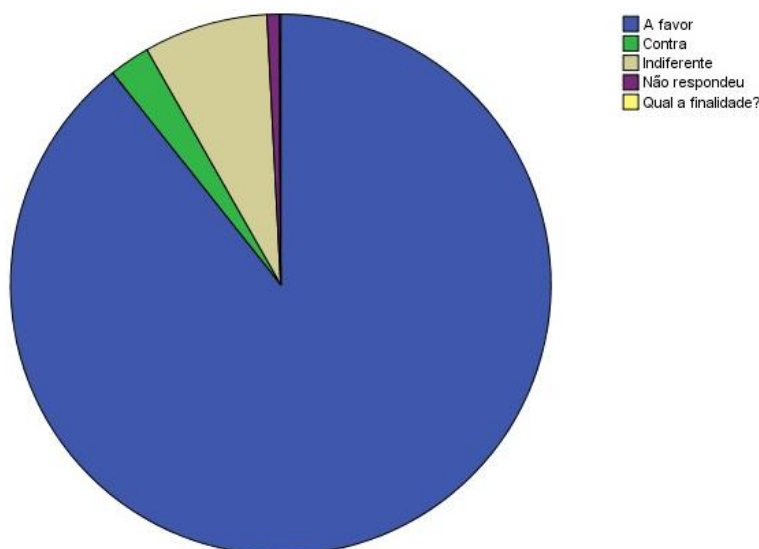
Tabela 30: Pesquisa científica genética humana

A favor da pesquisa científica da genética humana?	Frequência	Percentual
A favor	986	89,3
Contra	27	2,4
Indiferente	82	7,4
Não respondeu	8	0,7
Com qual finalidade?	1	0,1
Total	1104	100,0

¹³⁶ CV II GS 50.

¹³⁷ BERNARD, C. *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. Paris: J. B. Baillière et Fils, 185.

Gráfico 30: Pesquisa científica genética humana



Com a evolução do mundo e os progressos da medicina, a população sente-se insegura com os métodos e os meios aplicados pela bioética, mas que tem como objetivo atingir, cada vez mais, metas na busca de resultados positivos na melhoria da saúde e no desenvolvimento da medicina.

A preocupação da sociedade é em relação aos abusos e à falta de ética nas investigações científicas e na metodologia da pesquisa que é experimentada. Ela surge a partir das aberrações surgidas e noticiadas na mídia em relação aos erros médicos, cometidos nesses laboratórios, bem como à sua investigação e construção de hipóteses.

Há, ainda, uma apreensão por parte da sociedade em relação à pesquisa: a sua necessidade, o seu destino e de que forma os seres humanos participantes deste serão envolvidos. Por isso, levando-se em consideração outras circunstâncias, consideramos oportuno revisar as Diretrizes dos Direitos Humanos, com vistas a reafirmar, nas condições atuais, a proteção aos direitos humanos e do bem-estar dos participantes de pesquisas biomédicas.

Assim, surge o documento Diretrizes Éticas Internacionais, para pesquisas biomédicas, nas quais estão envolvidos seres humanos, elaborado pelo Conselho para Organizações Internacionais de Ciências Médicas (CIOMS), em colaboração com a Organização Mundial da Saúde (OMS), Genebra em 1993.¹³⁸ Deve haver, por conseguinte, em toda pesquisa que envolve seres humanos, o respeito aos princípios éticos básicos: o respeito pela pessoa, pela autonomia, beneficência e justiça (tratados no item 3.6.2 eutanásia).

¹³⁸ PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. *Problemas atuais de bioética*, p. 139.

A utilização de seres humanos para experimento de pesquisa tem trazido benefícios à sociedade. É necessário, contudo, ter sempre seguir o Código de Ética e não submeter à experiência humana apenas aos interesses dos avanços científicos. É preciso buscar sempre o auxílio de outras áreas que não só da Medicina, como também da Filosofia, Teologia, Sociologia, Direito e outras, para que, de forma conjunta, haja um controle maior do uso de técnicas que envolvam a vida e o bem-estar do ser humano.

“As experiências científicas, médicas ou psicológicas em pessoas ou grupos humanos podem ocorrer para a cura dos doentes e para o progresso da saúde pública”.¹³⁹

“A ciência e a técnica são recursos preciosos, postos a serviço do homem e ordenados para a origem do seu crescimento; encontram-se na pessoa os seus valores morais e a sua finalidade, bem como a consciência dos seus limites”.¹⁴⁰

As pesquisas ou experiências no ser humano não podem legitimar atos em si mesmos contrários à dignidade das pessoas e à lei moral. O consentimento eventual dos sujeitos não justifica tais atos. A experiência em seres humanos não é moralmente legítima, se fizer a vida ou a integridade física e psíquica do sujeito correr riscos desproporcionais ou evitáveis.¹⁴¹

A seguir, expõe, a fé, num diálogo que comporta pelo menos um desafio dentro da pesquisa.

2.9 A FÉ

2.9.1 Acredita em Deus?

O Gráfico 31 demonstra a crença em Deus. Dos respondentes, 929 (84,1%) disseram que acreditam em Deus; e 157 (14,2%) que não. Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, 93,22% afirmaram que acreditam em Deus, enquanto 4,7% não acreditar. Houve, portanto, um acréscimo de 9,5% dos que não acreditam em Deus. O Gráfico 4 indica que

¹³⁹ CEC 2292.

¹⁴⁰ CEC 2293.

¹⁴¹ CEC 2295.

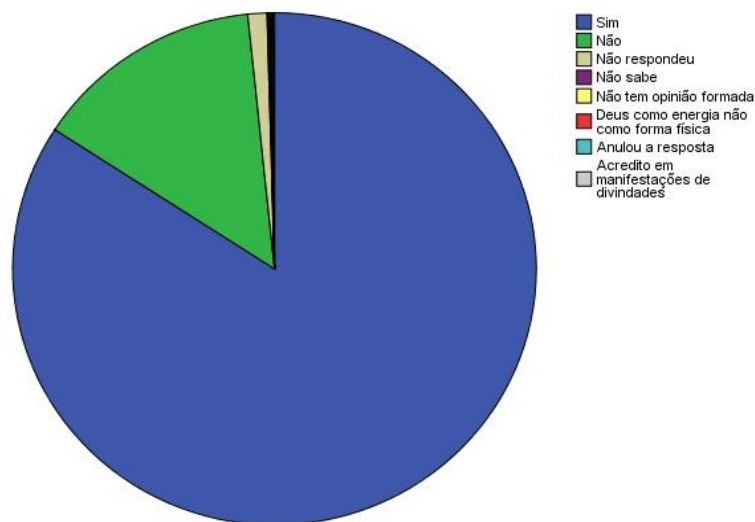
3,2% são ateus (negam a existência de Deus); e 6,3% demonstram a sua indiferença quanto a acreditar ou não em Deus.

Apesar de estarmos vivendo em um mundo hodierno e de ter havido uma diminuição dos que creem em Deus, ainda existe uma parcela considerável que acredita Nele. Há uma relação do homem com o mundo criado, quando este busca uma razão para a própria existência. Para muitos, não há outra explicação para a vida, elas examinam e analisam tudo que existe hoje e acreditam que tudo isto não “saiu do nada”. Dos pesquisados que acreditam em Deus, 61,2%, de acordo com o Gráfico 5, são da religião Católica.

Tabela 31: Crer em Deus

Acredita em Deus?	Frequência	Percentual
Sim	929	84,1
Não	157	14,2
Não respondeu	13	1,2
Não sabe	1	0,1
Não tem opinião formada	1	0,1
Deus como energia não como forma física	1	0,1
Anulou a resposta	1	0,1
Acredito em manifestações de divindades	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 31: Crer em Deus



“Para o cristão, o seu símbolo é o seu credo primeira pessoa do presente do indicativo do verbo *credere* que significa: Eu creio”.¹⁴² “Creio em Deus Pai. Com estas palavras, se

¹⁴² AQUINO, S. T. *O credo*: Santo Tomás de Aquino, p. 13.

anuncia o primeiro artigo da nossa fé e se abre o acesso a mais genuína oração cristã”.¹⁴³ Esta relação de Deus com o ser humano só pode acontecer a partir da fé (Capítulo I).

Então, partindo-se do pressuposto de que o batismo é o primeiro dos sacramentos da fé; “Quem crer e for batizado será salvo” (*Mc* 16,16), e, conforme o resultado do Gráfico 5, 89,6%, receberam o batismo, e a resposta quanto a se crer em Deus é coerente, e pode-se afirmar que a fé cristã e a modernidade são compatíveis. Os jovens estão sensíveis ao transcendente e buscam resposta para os seus questionamentos existenciais. Porém, segundo os dados obtidos, é um “crer” em Deus, embora, sem uma prática religiosa autêntica e fiel. Demonstra, também, uma necessidade de Deus para a vida, contudo, mais antropológica que teológica e mais objetiva do que subjetiva.

É muito comum escutarmos as expressões: “se Deus quiser”, “fique com Deus”, “graças a Deus” e outras. Para estes, tudo acontece a partir do olhar de Deus, e entende-se como na carta aos Hebreus que “a fé é a certeza de já possuírem as coisas que se esperam e a garantia das coisas que não se veem” (*Hb* 11,11).

A Igreja tem, assim, a missão de levar Deus a todos os homens, embora o conhecimento de Deus para nós seja limitado. Toda a linguagem é também limitada, no entanto a revelação divina se dá de dentro para fora a cada um, a partir do desenvolvimento da sua fé.

Desta forma, Deus não é objeto de ciências que se ocupam com medidas e números, nem obras de engenharia, ou fruto de tecnologias modernas, embora isso não seja motivo para pensarmos que Deus não existe. Mas a Matemática e as ciências naturais não exaurem o âmbito da realidade, especialmente da realidade do homem, de sua vida e da atividade, nem delimitam, pois, o âmbito do conhecimento. A realidade é múltipla e rica, não é unidimensional da medida e do número, e esta corresponde à multiplicidade dos meios e caminhos para descobri-lo, conhecê-lo e experimentá-lo.¹⁴⁴

Para os não crentes ou antirreligiosos, seria muita pretensão querer atingir a todos com uma explicação. “Parece que Deus é um rival do ser humano com a sua prepotência e onipresença”.¹⁴⁵ O argumento é que, se Deus existisse, o ser humano não teria a sua liberdade

¹⁴³ TORRES QUEIRUGA, A. *Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano*, p. 74.

¹⁴⁴ INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG. *Teologia para o cristão de hoje. A experiência de Deus*, p. 223.

¹⁴⁵ TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*, p. 32.

para decidir, julgar, agir, eis que seria dominado em suas ações. Por isso, Deus, então, não é entendido como a Verdade, salvação e realização plena do ser humano.

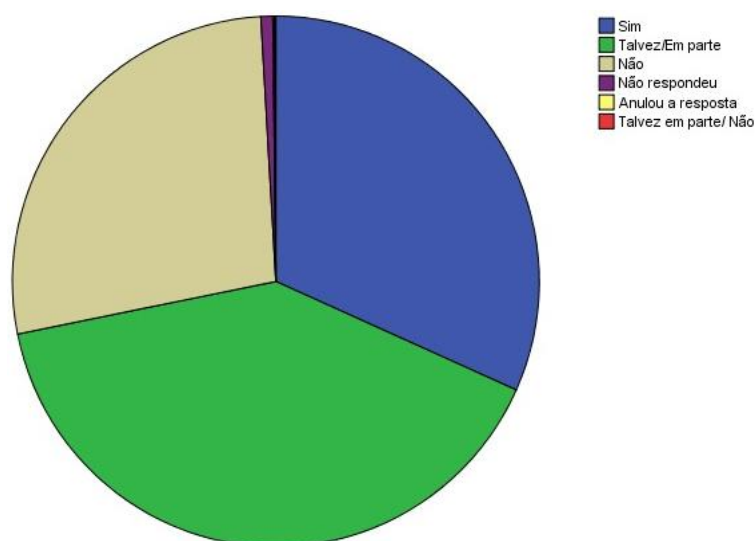
2.9.2 Construir/Transformar sua vida

No Gráfico 32, vemos a questão na qual solicitamos que os participantes refletissem sobre a possibilidade de ter ou não a interferência de Deus em nossas vidas. A essa pergunta responderam 350 (31,7%) de forma afirmativa; e 443 (40,1%), talvez e/ou em parte; 301 (27,3%) de forma negativa, ou seja, que não necessitam da interferência de Deus. Na pesquisa de 1998 de G. Hackmann e J. Bastiani, a pergunta foi: Em sua opinião, a Igreja é uma força que age significativamente em nossa realidade social? Responderam de forma afirmativa nesta pergunta 63,5%.

Tabela 32: Interferência de Deus em nossa vida

Acredita que o ser humano possa viver sem a interferência de Deus?	Frequência	Percentual
Sim	350	31,7
Talvez/Em parte	443	40,1
Não	301	27,3
Não respondeu	8	0,7
Anulou a resposta	1	0,1
Talvez em parte/Não	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 32: Interferência de Deus em nossa vida



Se somarmos os participantes que responderam sim e que necessitam da interferência de Deus e os que responderam “talvez/em parte”, somam-se 793 (71,8%). O número ultrapassa a metade dos participantes da pesquisa. Isto demonstra que, de uma forma ou de outra, a interferência de Deus é reconhecida e pensada em certos momentos pelos universitários que participaram desta pesquisa.

Vede que manifestação de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos! Se o mundo não nos conhece, é porque não o conheceu. Amados, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a ele, porque o veremos tal como ele é (1Jo,1-2).

Estamos em um momento de evolução no mundo e, com isto, mudanças radicais vêm surgindo em uma velocidade rápida, inclusive na mentalidade da vida cristã. Os cristãos estão se acostumando a imaginar um Deus passivo que está no céu e intervém de vez em quando.¹⁴⁶ O Gráfico 31 e a pesquisa de G. Hackmann e J. Bastiani mostram que, de 63,5% que concordam que a Igreja é uma força que age significativamente, 27,3% necessitam da intervenção de Deus. Acredita-se que o motivo, (e isto é demonstrável nas observações feitas no questionário) ou, pelo menos um deles, é que os alunos consideram a Igreja ultrapassada em alguns pontos da doutrina. Segundo os pesquisados, ela não se modernizou e tampouco acompanhou o desenvolvimento atual e as conquistas científicas.

Por outro lado, pelo número de conhecimentos adquiridos pelo ser humano, o mesmo é levado a ter um relacionamento com Deus mais distante e autônomo em relação à sua verdade. O bem e as normas morais, a partir das quais cada um pensa e sente de uma forma genérica, relativizando-os (Capítulo I), dá lugar só para a sua razão, abandonando a fé que outrora fazia parte da sua vida.

“Hoje o ser humano vive o princípio utilitarista e produzir unicamente o bem e estar para si parecem estar ameaçados por aquilo que ele mesmo produz. Isso nos leva a uma crise de sentido” (FR, 81), gera um individualismo e, ao mesmo tempo, um indiferentismo perante uma sociedade que pensa ser autossuficiente, deixando Deus de ser o único absoluto.

¹⁴⁶ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*, p. 30.

“Outro perigo a ser considerado é o cientificismo, considerando-se o conhecimento científico o único verdadeiro e real”.¹⁴⁷ Neste alega-se que o conhecimento religioso e teológico fica por conta da imaginação. Assim, a ciência se encarrega de dominar todas as características da existência humana, através do progresso científico. Para o cientificista, o sentido da vida é considerado irracional ou fruto da fantasia. Reconhece-se o desenvolvimento científico e tecnológico, bem como na área da bioética, nos quais houve um grande avanço. Porém, ultrapassaram fronteiras dentro de diversas culturas e criaram situações e mudanças radicais em uma sociedade.

2.9.3 Ressurreição/Reencarnação/Vida Após a morte

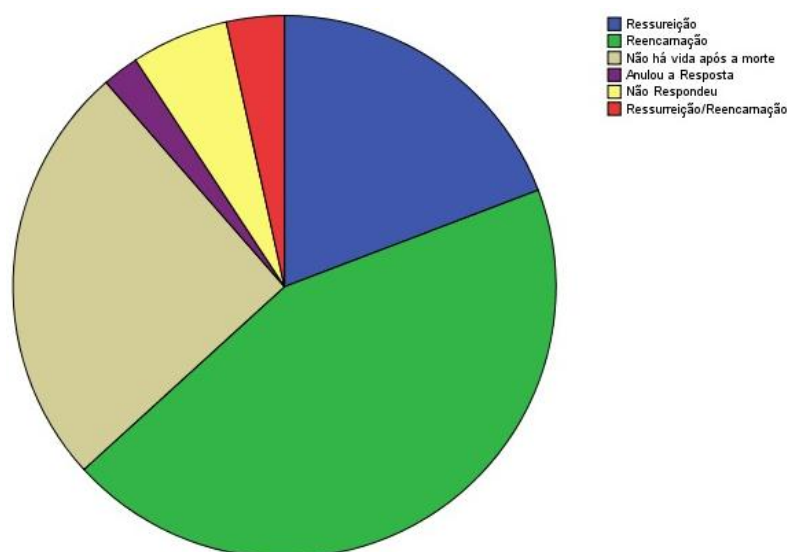
O Gráfico 33 mostra os resultados da pesquisa realizada com os universitários quanto à questão da morte. Dos respondentes, 212 (19,2%) disseram acreditar na ressurreição; 486 (44,0%), na reencarnação e 280 (25,4%) não acreditam que haja vida após a morte. Se somarmos os que acreditam na reencarnação mais os que não acreditam que haja vida após a morte, somam-se 766 (69,4%). Quando o Gráfico 4 mostra o resultado da pergunta “qual a sua religião,” os participantes responderam que a Católica, 676 (61,2%) e Espírita, 122 (11,1%). Logo, observando-se o Gráfico 32, constata-se uma incoerência na resposta.

Tabela 33: Ressurreição/reencarnação/vida após morte

Acredita na ressurreição/reencarnação/vida após a morte?	Frequência	Percentual
Ressurreição	212	19,2
Reencarnação	486	44,0
Não há vida após a morte	280	25,4
Anulou a Resposta	24	2,2
Não Respondeu	64	5,8
Ressurreição/Reencarnação	38	3,4
Total	1104	100,0

¹⁴⁷ TORRES QUEIRUGA, A. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*, p. 88.

Gráfico 33: Ressurreição/reencarnação/vida após morte



Para os que se dizem católicos, por alguma razão, eles não têm clareza na própria orientação da Igreja. Os resultados da pesquisa quanto à ressurreição e reencarnação confirmam isto. O jovem pesquisado não está, na sua maioria, convicto do dogma da ressurreição, porém a ressurreição de Jesus tem uma importância fundamental e decisiva para o cristianismo.¹⁴⁸

“E, se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação, vazia também é a vossa fé, pois ainda estais em vossos pecados e aqueles que adormeceram, estão perdidos” (1Cor 15,14.17s). Nas confissões da fé da Igreja, estão firmemente ancoradas a ressurreição de Jesus e a espera da ressurreição dos mortos.¹⁴⁹

O *Dicionário Bíblico* nos esclarece que a ressurreição dos mortos pode ser concebida de duas maneiras: a restituição de uma pessoa morta às condições da vida presente ou a dádiva ao morto de uma nova e permanente forma de vida; e a ressurreição que é propriamente o objeto da crença bíblica.¹⁵⁰

Talvez a dificuldade em entender a ressurreição seja porque ela não é possível de ser materializada. Isto quer dizer que o Cristo, visto na cruz, é aceitável, mas a ressurreição, que é obra de Deus, é transcendente. Pode ser que, na situação pré-moderna, a ação divina era concebida como interferindo, com toda naturalidade, nos processos do mundo, como pedir a

¹⁴⁸ EICHER, P. *Diccionario de conceptos teológicos*; FRANKEMÖLLE, H. *Igreja/Eclesiologia*, p. 370.

¹⁴⁹ DH 125, 150.

¹⁵⁰ MCKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*, p. 791.

chuva para uma lavoura, mandar ou afastar a peste, etc. Hoje, na modernidade, com uma consciência irreversível de autonomia das leis físicas que regem o mundo, não é possível pensar desta maneira.¹⁵¹

Atualmente, todos nós estejamos acostumados com as “coisas” do mundo, e nos parece óbvio que elas possam ser mensuradas ou até provadas. As relações com a religião e, por conseguinte, com Deus, partem de uma relação de fé e não estão condicionadas ao empírico. Se Deus agisse de outra maneira, que Deus seria este?

Acredita-se que os respondentes da pesquisa a não ser os que dizem não existir vida após a morte, como a maioria das religiões sugere, creem na alma imortal. O cristianismo, que é o herdeiro da revelação, sempre professou a sua fé na ressurreição. Talvez, na tentativa de explicar a ressurreição dos mortos, os teólogos de ontem e hoje não obtiveram muito sucesso, dada a muitas incompreensões e não tendo êxito principalmente com os jovens que, por sua vez, estão afastados dos grupos de Igrejas. Mas a fé cristã insiste, com ênfase, na convicção de que o homem vive uma única vez aqui na terra. A partir da ressurreição, nasceria um corpo idêntico, mas não igual ao corpo que conhecemos.¹⁵² O apóstolo Paulo é indagado de como ressuscitaremos.

Mas, dirá alguém como ressuscitam os mortos? Com que corpo volta? Insensato! O que semeias não readquire vida a não ser que morra. E o que semeias não é corpo da futura planta que deve nascer, mas, um simples grão, de trigo ou de qualquer outra espécie. A seguir, Deus lhe dá o corpo como quer; a cada uma das sementes ele dá o corpo que lhe é próprio. (1Cor 15, 35-38)

Para a fé cristã, a ressurreição dos mortos é o elemento essencial para ser um verdadeiro cristão. Com o decorrer do tempo, a esperança na ressurreição enfraqueceu. O Catecismo da Igreja Católica, acompanhando o que São Paulo diz, em (Rm 8,11), coloca que:

Creemos firmemente e assim esperamos que, da mesma forma que Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos, e vive para sempre, assim também, depois da morte, os justos viverão para sempre com Cristo ressuscitado e que Ele os ressuscitará no último dia. Como a ressurreição de Cristo, também a nossa será obra da Santíssima Trindade. (1Cor 15, 35-38)

¹⁵¹ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar a ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*, p. 93.

¹⁵² BLANK, R. J. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. Escatologia I, p. 134.

O medo da morte e do inferno ou, ainda, de um Deus que castiga pode estar no coração daqueles cristãos que não praticam a sua fé. Para muitos, esta pressão de imagem de inferno e de medo pode levar o cristão a buscar na reencarnação a possibilidade de ter sempre mais uma chance de se salvar pela repetição dos corpos encarnados. Esta visão poderia ser um dos motivos pelos quais um grande número de fiéis, e, sobretudo dos jovens, terem se distanciado sempre mais da Igreja.¹⁵³

A ressurreição e a reencarnação não estão colocadas como ciência, mas, como confissão de fé. A ressurreição de Jesus não é fato que se possa provar historicamente, mas uma realidade só atingível na fé, uma vez que não é retorno a formas de existir empiricamente constatáveis, mas, passagem para uma forma de existência que se nos escapa à percepção.¹⁵⁴ Não é possível acreditar ao mesmo tempo na reencarnação e na ressurreição, elas ficam no nível da contradição. Os jovens que responderam são católicos e acreditam na reencarnação desconhecem o que a sua religião ensina. “[...] quando tiver terminado o único curso de nossa vida terrestre, não voltaremos mais a outras vidas terrestres. “Os homens devem morrer uma só vez” (*Hb* 9,27). “Não existe reencarnação após a morte”.¹⁵⁵

“Mas como desconhecemos o dia e a hora, conforme a advertência do Senhor, vigiemos constantemente, a fim de que terminado o único curso de nossa vida terrestre, possamos entrar com Ele para as bodas e mereçamos ser contados com os benditos [...]”.¹⁵⁶

No que concerne à reencarnação em toda a América Latina, e de maneira especial no Brasil, há muitos que, indagados sobre o destino da pessoa após a morte, seguem as respostas dadas por Allan Kardec e pela linha de Espiritismo. O núcleo central desta resposta consiste na assim chamada Doutrina do Carma: a pessoa, depois desta vida, tem de nascer outra vez para uma nova vida aqui na terra.¹⁵⁷

¹⁵³ BLANK, R. J. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. Escatologia I, p. 62.

¹⁵⁴ EICHER, P. *Dicionário e Conceitos fundamentais de teologia*; KESSLER, H. *Ressurreição*, p. 786.

¹⁵⁵ CEC, 1013.

¹⁵⁶ CV II, LG, 48.

¹⁵⁷ BLANK, R. J. *Reencarnação ou Ressurreição: uma decisão de fé*, p. 14.

A palavra reencarnação re (designativo de repetição) e do verbo encarnar (tomar corpo), significa etimologicamente, tornar a tomar corpo. Indica que a alma humana passa por mais de uma existência corpórea ou terrestre, tendo à frente ainda longa série sempre de encarnações, para progredir sem cessar.¹⁵⁸

Hoje, na Pós-modernidade, nos confrontamos com milhões de pessoas que, na sociedade atual, têm a sua vida marcada por várias situações de profunda tristeza, sofrimento e vazio existencial. Há uma exagerada competição no âmbito profissional, um consumismo exagerado, uma busca por *status* social.

Todo ser humano, cremos, tende a buscar a sua felicidade e a dos seus próximos. Para muitos cristãos, a doutrina da reencarnação responde mais satisfatoriamente ao seu desejo de ter uma vida plena e realizada, quando acontecem sucessivas encarnações, em que o ser humano tem a possibilidade de chegar ao espírito perfeito.¹⁵⁹

Também, a religião cristã, para muitos, tende a tratar elementos por demais míticos, e uma deles ocorre, quando a Igreja coloca o inferno como destino daqueles que não se salvam. Como para os católicos só vivemos uma vez, a possibilidade de chegarmos á salvação é inferior àqueles que creem na reencarnação.

Então, a possibilidade de se “escapar” do inferno é a de ter várias oportunidades de vida. O inferno é a não-salvação, a negatividade¹⁶⁰ é o que Deus não quer. Podemos saber do inferno aquilo que se opõe a ele. Com a possibilidade de encarnarmos várias vezes, em tese, temos então mais oportunidades de salvação.

Pela pesquisa realizada, através de observações, há um grande número de jovens que não aceita a orientação da sua religião Católica, sobre o destino último do homem, muitas vezes, sem se dar conta disso. Fica mais fácil rejeitar esta e aceitar a resposta reencarnacionista, porque esta diminui o medo frente ao desconhecido.¹⁶¹

Observou-se que a reencarnação indica que cada um pode buscar a salvação sem depender de Deus. Isto vai contra a ressurreição, em que o Cristo morreu e ressuscitou para a salvação do homem. De certa forma, a reencarnação oferece uma esperança diferente da

¹⁵⁸ KLOPPENBURG, C. J. B.; OFM. *O Reencarnacionismo no Brasil: vozes em defesa da fé*, p. 7.

¹⁵⁹ BLANK, R. J. *Reencarnação ou Ressurreição: uma decisão de fé*, p. 21.

¹⁶⁰ TORRES QUEIRUGA, A. *O que queremos dizer quando dizemos "inferno"?*, p. 43.

¹⁶¹ BLANK, op. cit., p. 23.

ressurreição, mantendo a esperança de que a vida humana não se encerra com a morte, mas a possibilidade de continuar em outro corpo.

2.9.4 Sobre o mal

O questionário dirigido aos universitários buscou identificar e indagar a respeito do mal, portanto elaborou-se uma questão em que se questionava a opinião dos respondentes sobre a origem do mal. Poderíamos atribuir como responsabilidade do ser humano, de acordo com o Gráfico 34, a sociedade; o Gráfico 35, a natureza do mundo; o Gráfico 36, do castigo de Deus; o Gráfico 37, ou a fatalidade, Gráfico 38.

Tabela 34: Ser humano responsável pelo mal

Concorda que o mal é responsabilidade do ser humano?	Frequência	Percentual
Sim	898	81,3
Não	205	18,6
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 34: Ser humano responsável pelo mal

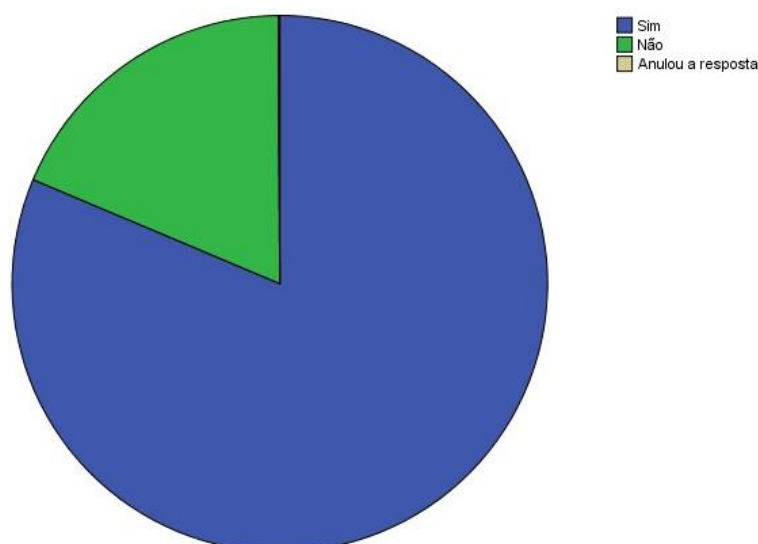


Tabela 35: Sociedade responsável pelo mal

Concorda que o mal é responsabilidade da sociedade?	Frequência	Percentual
Sim	595	53,9
Não	508	46,0
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 35: Sociedade responsável pelo mal

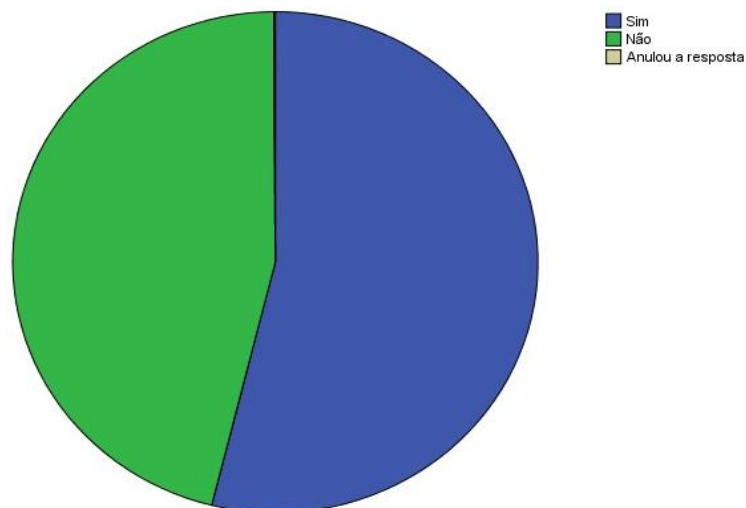


Tabela 36: A natureza do mundo responsável pelo mal

Concorda que o mal é da natureza do mundo?	Frequência	Percentual
Sim	318	28,8
Não	785	71,1
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 36: A natureza do mundo responsável pelo mal

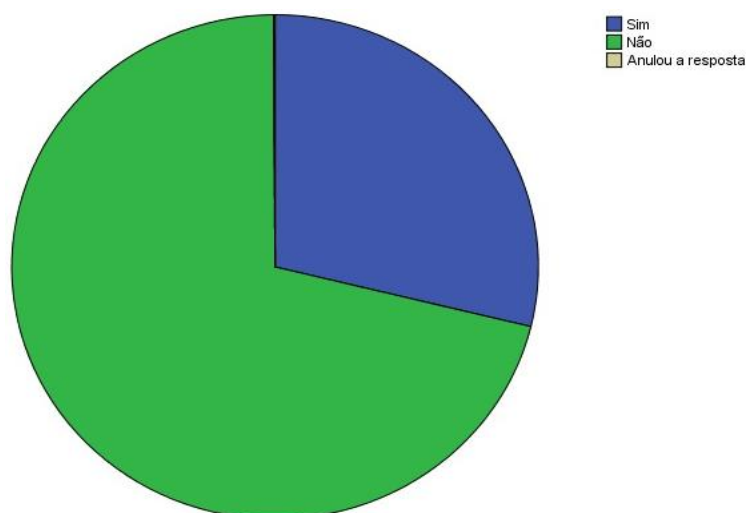


Tabela 37: O mal é castigo de Deus

Concorda que o mal é castigo de Deus?	Frequência	Percentual
Sim	29	2,6
Não	1074	97,3
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 37: O mal é castigo de Deus

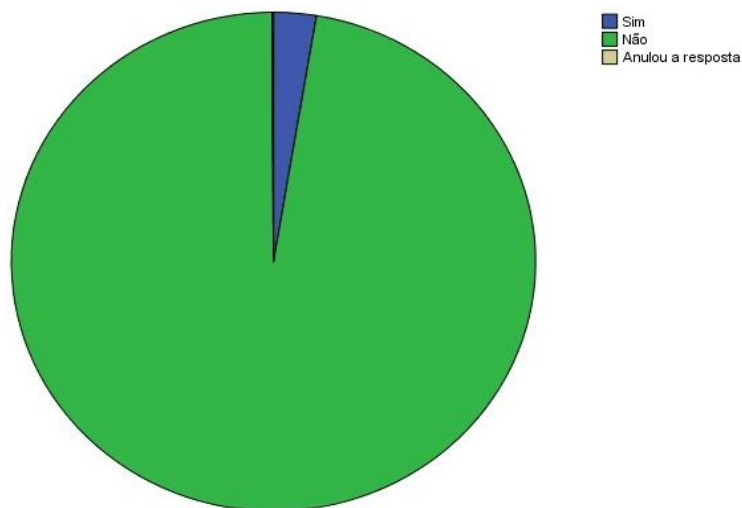
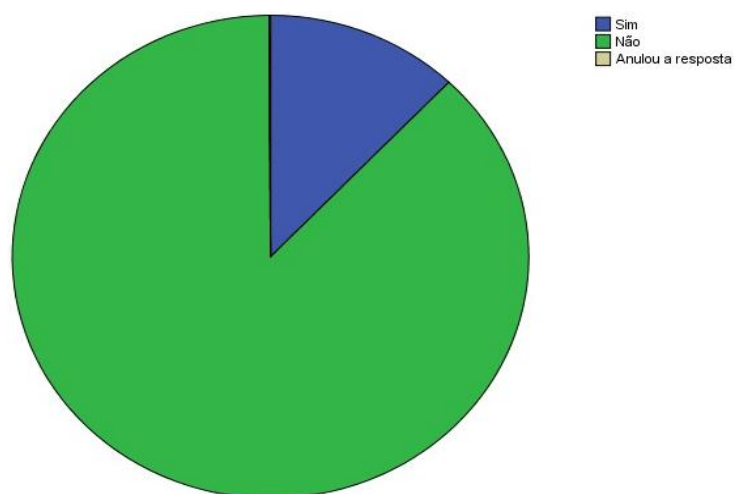


Tabela 38: O mal é fatalidade

Concorda que o mal é fatalidade?	Frequência	Percentual
Sim	134	12,1
Não	969	87,8
Anulou a resposta	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 38: O mal é fatalidade



A pergunta sobre o mal contemplava mais de uma resposta, se assim o pesquisado preferisse. Das respostas, obtidas em relação à responsabilidade do mal no mundo, 898 (81,3%) responderam que é da responsabilidade do ser humano, conforme o Gráfico 34. A segunda resposta que mais obteve a concordância dos respondentes foi a do Gráfico 35, onde 595 (53,9%) responderam que o mal provém da sociedade. Na questão “se o mal seria castigo de Deus?”, no Gráfico 37, verifica-se que 1074 (97,3%) disseram que não, ficando apenas um aluno sem responder e 29 (2,6%), que sim, que é castigo de Deus.

Uma breve interpretação mostra que quase a totalidade dos pesquisados respondeu que o mal não é castigo de Deus e acima da metade atribui a responsabilidade do mal ao ser humano, demonstrando, portanto, uma consciência de maturidade na resposta.

Mesmo que os jovens sejam menos tocados por tal sofrimento pessoal, na verdade, para eles, o problema apenas se desloca: escandalizam-se com o racismo, os preconceitos, a fome no mundo, a falta de diálogo entre os homens, as ameaças à continuação da vida nesta nossa terra.¹⁶²

“O mal está aí, mas está sempre em forma de contraste, posto que aparece como o que não deveria estar nem ser e, por isso, tentamos eliminá-lo”.¹⁶³ O mal então aparece como que dirigindo a raça humana, mesmo que ela não queira. Partindo desta reflexão, o ser humano vive a experiência do mal. Se o mundo vem da sabedoria e bondade de Deus, como então provém o mal e de que maneira? O que seria o responsável pela aparição do mal e como poderíamos nos livrar dele?

O Catecismo da Igreja Católica indica que:

desde os inícios, a fé cristã tem-se confrontado com respostas diferentes da sua no que diz respeito à questão das origens. Assim, encontram-se nas religiões e nas culturas antigas numerosos mitos acerca das origens. Certos filósofos afirmam que tudo é Deus, que o mundo é Deus, ou que o devir do mundo é o devir de Deus (panteísmo); segundo algumas dessas concepções, o mundo (pelo menos o mundo material) seria mau, produto de uma queda, e, portanto, deve ser rejeitado ou superado (gnose); outros admitem que o mundo tenha sido feito por Deus, mas à maneira de um relojoeiro que, uma vez terminado o serviço, o teria abandonado a si mesmo (deísmo); outros, finalmente, não aceitam nenhuma origem transcendente do mundo, vendo neste o mero jogo de uma matéria que teria existido sempre

¹⁶² EICHER, P. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*; LAURET, B. *Magistério*, p. 519.

¹⁶³ TORRES QUEIRUGA, A. *Repensar o mal: da Ponerologia à Teodiceia*, p. 60.

(materialismo). Todas essas tentativas dão prova da permanência e da universalidade da questão das origens. Esta busca é própria do homem.¹⁶⁴

O mal não é uma realidade em si, mas, qualificação de uma ação, um acontecimento, uma coisa ou um conjunto de coisas. Sendo ela, feita primariamente em relação à vida humana, à qual, de algum modo, causa dano ou contradiz, e que, por isto, chamamos de “má” ou “ruim”.¹⁶⁵

O mal é um juízo que se faz de algo, e é por este motivo que é chamado de mal do ser humano, ou mal da sociedade. O mal também é um mistério e, por isto, a Igreja fala em “*mysterium iniquitatis*”, o “mistério do mal”. Em algumas religiões, a responsabilidade do mal que praticamos não é nossa, mas, sim, de um “espírito maligno” que se apossou de nós.

Pode-se fazer uma reflexão quanto ao mal em relação ao homem e ao animal. O animal não é mau ou bom, ele apenas age sob seus instintos, entretanto a humanidade tem o pensamento, a sua consciência e, através dela, o discernimento de saber diferenciar o que é bom ou mau, exceto aqueles que não estão com suas faculdades mentais saudáveis.

“Deus cria um mundo ordenado e bom”.¹⁶⁶ Não “castigo”, mas “tragédia” para Deus. De nenhum modo se deve falar de inferno como *vingança ou castigo de Deus*.¹⁶⁷ [grifo nosso]. Não podemos transformar Deus em um juiz que fica fiscalizando a cada um e esperando o momento de cairmos no mal e, assim, recebermos o devido castigo. Cada um condena a si mesmo para o seu próprio mal. “Que diremos? Que há injustiça por parte de Deus? De modo algum. Pois, ele diz a Moisés: “Farei misericórdia a quem fizer misericórdia e terei piedade de quem tiver piedade” (*Rm* 9, 14-15). “Deus consiste em estar amando” (*1Jo* 2,5) de sorte que, criando por amor, não tem outro interesse que o bem e a salvação das suas criaturas. Esta é a grande verdade central do cristianismo.¹⁶⁸ Tudo o que for mal ou negativo vem da criatura. A parábola do filho pródigo lembra o amor do pai pelo filho, a alegria do encontro (*Lc* 15,11-32).

¹⁶⁴ CEC 285.

¹⁶⁵ TORRES QUEIRUGA, op. cit., p. 90.

¹⁶⁶ CEC 299.

¹⁶⁷ TORRES QUEIRUGA, A. *O que queremos dizer quando dizemos "inferno"?*, p. 26.

¹⁶⁸ Idem. A. *Repensar o mal: da Ponerologia à Teodiceia*, p. 77.

Nunca mais haverá maldições. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro, e seus servos lhe prestarão culto; verão sua face, e seu nome estará sobre suas fontes. Já não haverá noite: ninguém mais precisará da luz da lâmpada, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e eles reinarão pelos séculos dos séculos (Ap 22, 3-5).

Na seção a seguir, é apresentada a motivação para a pertença religiosa.

2.10 MOTIVAÇÃO PARA PERTENÇA RELIGIOSA

2.10.1 Sobre a Religião

Dos pesquisados sobre religião, o Gráfico 39 indica que 934 (84,6%) não acreditam em religião por cura; e 168 (15,2%) dizem que acreditam. Por negócios, 1053 (95,4%), como é mostrado no Gráfico 40, dizem não acreditar e 49 (4,4%), que acreditam. Na questão de “realização do seu ser profundo”, no Gráfico 41, constata-se que responderam afirmativamente 471 (42,7%) e 631 (57,2%) de forma negativa, ou seja, que não acreditam. Não acreditam na religião por conquista do amor 968 (87,7%), de acordo com o Gráfico 42, e acreditam por conquista do amor, 134 (12,1%).

No Gráfico 43, (não se especificou que tipo de segurança, se contra a violência, a seu estado de saúde, emprego, etc.) 799 (72,4%) não acreditam na religião por segurança e 303 (27,4%) acreditam. Na questão que indaga se o participante acredita na religião por ideal de viver, 562 (50,9%) responderam que não acreditam, como está demonstrado no Gráfico 44, e 540 (48,9%) que sim.

Analisando-se os Gráficos e respectivamente os seus resultados, verifica-se que há uma tendência mais forte, de os jovens não acreditarem na religião por *cura, negócios, amor e segurança*, e a diferença entre o sim e o não são mais distantes. Sendo que, por negócios, o resultado foi 95,4% dos que não acreditam. Os resultados que mais se aproximam da religião são quanto à realização do *seu ser profundo e ideal de viver*.

Tabela 39: Religião por cura

Acredita em sua religião por cura?	Frequência	Percentual
Sim	168	15,2
Não	934	84,6
Anulou a resposta	2	0,2
Total	1104	100,0

Gráfico 39: Religião por cura

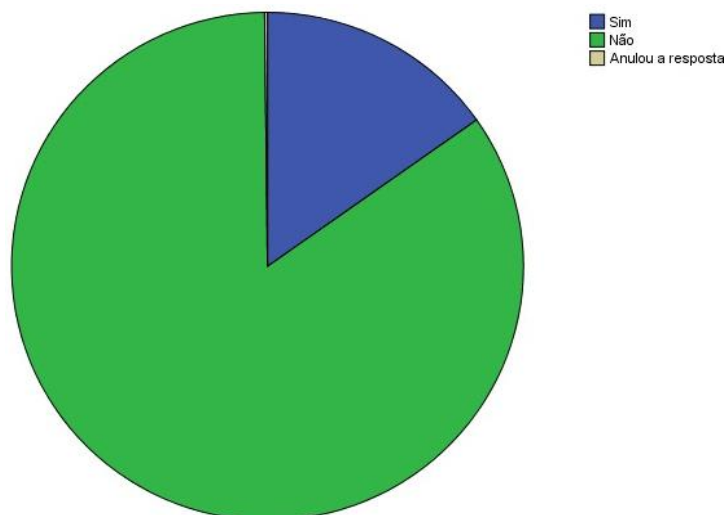


Tabela 40: Religião por negócios

Acredita em sua religião por negócios?	Frequência	Percentual
Sim	49	4,4
Não	1053	95,4
Anulou a resposta	2	0,2
Total	1104	100,0

Gráfico 40: Religião por negócios

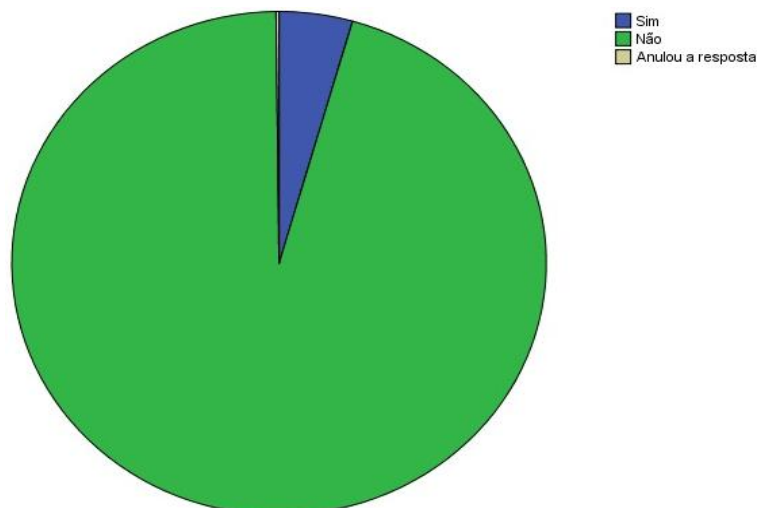


Tabela 41: Religião realização do seu ser profundo

Acredita em sua religião por realização do seu ser profundo?	Frequência	Percentual
Sim	471	42,7
Não	631	57,2
Anulou a resposta	2	0,2
Total	1104	100,0

Gráfico 41: Religião realização do seu ser profundo

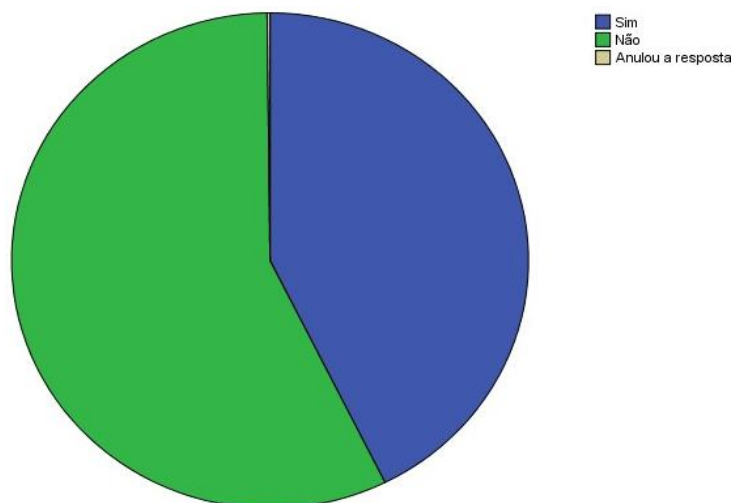


Tabela 42: Religião pela conquista do amor

Acredita em sua religião por conquista do amor?	Frequência	Percentual
Sim	134	12,1
Não	968	87,7
Anulou a resposta	2	0,2
Total	1104	100,0

Gráfico 42: Religião pela conquista do amor

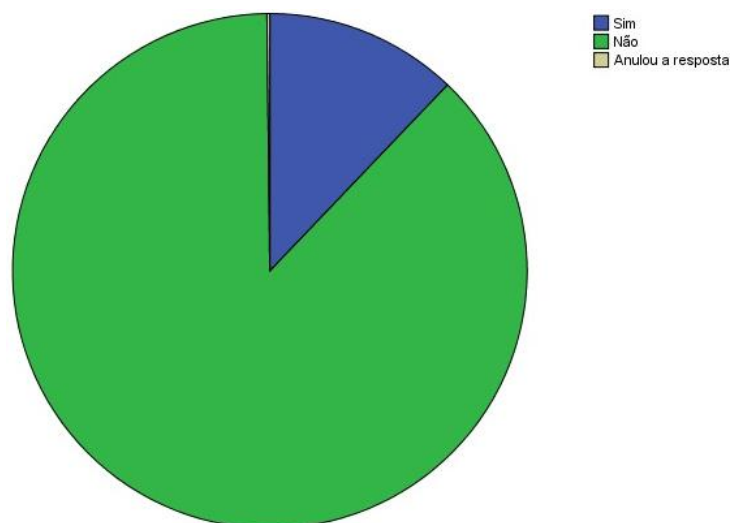


Tabela 43: Religião por segurança

Acredita em sua religião por segurança?	Frequência	Percentual
Sim	303	27,4
Não	799	72,4
Anulou a resposta	2	0,2
Total	1104	100,0

Gráfico 43: Religião por segurança

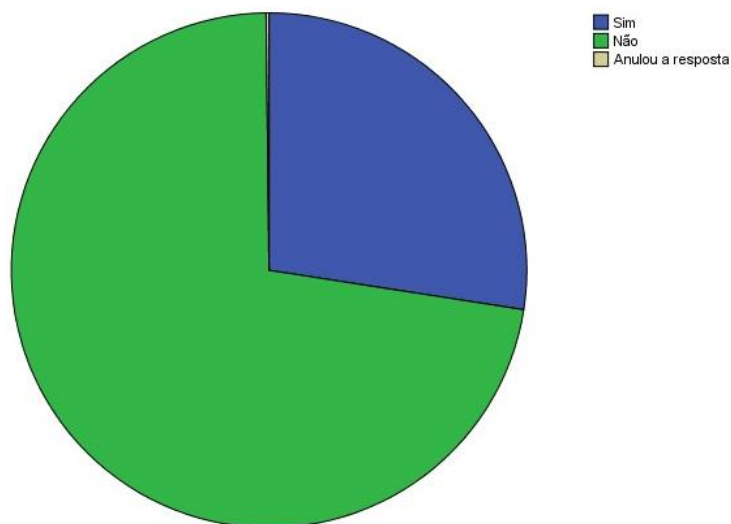
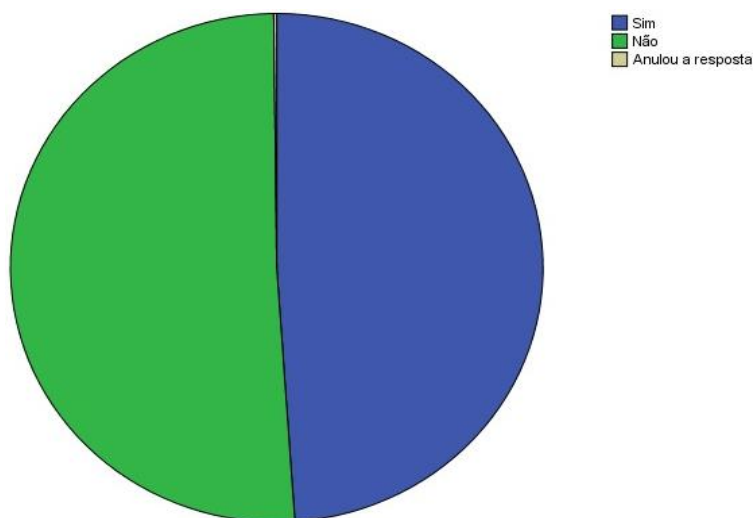


Tabela 44: Religião por ideal de viver

Acredita em sua religião por ideal de viver?	Frequência	Percentual
Sim	540	48,9
Não	562	50,9
Anulou a resposta	2	0,2
Total	1104	100,0

Gráfico 44: Religião por ideal de viver



A motivação de sua religião aparece com um dado interessante entre os jovens. Menos de a metade respondeu que a sua motivação está associada à realização do seu ser profundo e um pouco acima da metade, ao ideal de viver. É uma motivação muito particular e uma resposta interior, com uma proximidade de Deus em sua vida. Crê-se que não há uma motivação familiar, para o jovem mais representa uma busca individual. A pesquisa indica uma resposta à questão existencial.

O Gráfico 2 mostra que os jovens de 17 a 22 anos somam-se 794 (72,0%), os quais, no mundo moderno, reduz-se a religião ao particular, individual, à convicção pessoal, não havendo prática religiosa. Estes apontam para uma necessidade de Deus, mas os restantes demonstram um indiferentismo religioso.

As mudanças na sociedade moderna provocam uma transformação na cultura religiosa. Surge o pluralismo religioso e também um abandono religioso (secularismo), se uns que chegam próximos à metade dos pesquisados ainda sentem a sua religião como realização do ser profundo e um ideal de viver, tantos outros estão longe de sentir a religião como fazendo parte do seu projeto de vida.

“Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los”.¹⁶⁹

A Universidade pode ajudar a propor um diálogo que estimule a juventude a viver mais o sagrado e que este esteja inserido em sua vida. Salienta-se que os jovens são influenciados pela Modernidade e Pós-modernidade, e os valores a serem tratados com eles estão relacionados com a religião. É preciso incentivá-los para a busca pela espiritualidade para dar um sentido para sua vida. A cada instante em que o jovem vai adquirindo conhecimentos nas áreas de sua realização profissional, a religião deve acompanhar este desenvolvimento, com seus métodos que exigem uma atualização.

Na universidade, junto à juventude, temos um lugar privilegiado de diálogo e também de desafios. A religião pode e deve estar presente entre eles, propondo uma espiritualidade e como caminho que dê sentido à sua vida. “A característica juvenil é de alegria, expressão corporal, música, símbolos, convivência, amizade, espontaneidade”.¹⁷⁰

¹⁶⁹ CNBB, *Evangelização da Juventude*, 10.

¹⁷⁰ *Ibid.*, 73.

Segundo a análise dos gráficos, a religião pode ser enquadrada como peso ou libertação?¹⁷¹ Livre do peso que a religião pressupõe, aflora-se a espontaneidade da vida e do jovem. O autor também coloca em outra das suas obras a suspeita no peso da religião, quando se é capaz de pensar em um Deus que “castigou”, durante milênios, milhões e milhões de seres humanos, por um “pecado” que cometeram nossos “primeiros pais”, quando nenhuma pessoa decente é capaz de maltratar uma criança. Outra comparação feita é a referente a este mesmo Deus que exige a morte violenta do seu Filho para perdoar os pecados da humanidade.¹⁷²

Este desafio atual da universidade com os jovens exige uma preparação. Após a realização destas pesquisas, muitas indagações surgiram entre os pesquisados. Se não há uma resposta adequada, também não se resgata alguém que está afastado da religião. Estes se localizam no grupo dos que creem e não creem ou os indiferentes. Mudaram os parâmetros culturais no mundo e mudou, por conseguinte, o entendimento da compreensão da religião e, por isto, há uma urgente necessidade de um novo estilo teológico.

Cresce a “dessacralização” (Capítulo I) e é crucial retomar valores do sagrado e igualmente ter uma nova mentalidade moderna de evangelização. Na crise religiosa, tenta-se considerar algumas ideias de antes, como inferno, vingança, penalização, bem como perdão incondicional e de amor gratuito, mas não sem antes pagar o preço da penitência.¹⁷³

A não compreensão da própria religião faz com que os jovens universitários, muitas vezes, tirem conclusões precipitadas e erradas sobre a vida. Para dar um exemplo, se não é concebível que Deus “se vingue”, castigando com o inferno, não se pode continuar afirmando que, “se o homem e a mulher foram criados para a glória de Deus, isto induz concepção errônea de possível egoísmo divino”.¹⁷⁴ Estas colocações levam a um afastamento da religião, por serem mal interpretadas. Daí a necessidade elementar de esclarecimento da religião entre os jovens e uma correta compreensão dos textos bíblicos.

A universidade vai se avançando nas descobertas das ciências e da tecnologia, e os jovens também estão se desenvolvendo psíquica e intelectualmente. Ela também é

¹⁷¹ TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a salvação*: por uma interpretação libertadora da experiência cristã, p. 14.

¹⁷² Idem. *Recuperar a criação*: por uma religião humanizadora, p. 14.

¹⁷³ TORRES QUEIRUGA, A. *Recuperar a criação*: por uma religião humanizadora, p. 24.

¹⁷⁴ Ibid., p. 25.

responsável pela formação do futuro profissional, além de uma transformação da própria sociedade que está produzindo e evoluindo. Muitos universitários experimentam e buscam a dimensão espiritual, mas tantos outros não. Por isso, no Gráfico 41 e Gráfico 44, percebe-se que menos da metade respondeu que acredita na sua religião, por realização do seu ser profundo e ou ideal de viver.

A religião precisa dar esperança aos jovens: “antes, santificai a Cristo, o Senhor, em vossos corações, estando sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-lo pede” (1Pd 3,15).

Isto é investir pastoralmente em uma universidade, estar aberta ao diálogo, acompanhar a juventude e adequar o equilíbrio entre fé e razão. Organizar equipes ecumênicas, entre as instituições de ensino superior confessionais, para contribuir na preparação de assessores que trabalharão com os jovens nas ações pastorais.¹⁷⁵

É preciso igualmente buscar, em outras religiões, ações e ensinamentos para os jovens universitários, e a universidade é um lugar teológico e ao mesmo tempo um espaço oportuno para as discussões e os esclarecimentos da dimensão religiosa que está no mundo, a qual dirige, algumas vezes, as pessoas e outras, não. O jovem é muito vulnerável às mudanças e o Pós-modernismo trata de temas que estão na comunicação diária, alimentando a sociedade que, no geral, está marcada por profundas desigualdades sociais, e a esperança de transformação, por consequência, está diretamente ligada ao jovem que participa do desenvolvimento e do crescimento do saber, bem como do desenvolvimento político e econômico da sua cidade, estado e país.

2.10.2 Religião deve se envolver com questões sociais, políticas e econômicas?

No Gráfico 44, demonstra-se a posição dos pesquisados sobre a religião, se esta deve se envolver em questões sociais, políticas e econômicas. Responderam que sim 319 (28,9%); às vezes, 408 (37,0%); nunca, 216 (19,6%); e indiferente, 139 (12,6%). Somando-se os que concordam mais os que disseram às vezes, ficam 727 (65,9%); e somando-se os indiferentes com os que responderam nunca, ficam 355 (32,2%). Isto significa que, pelo

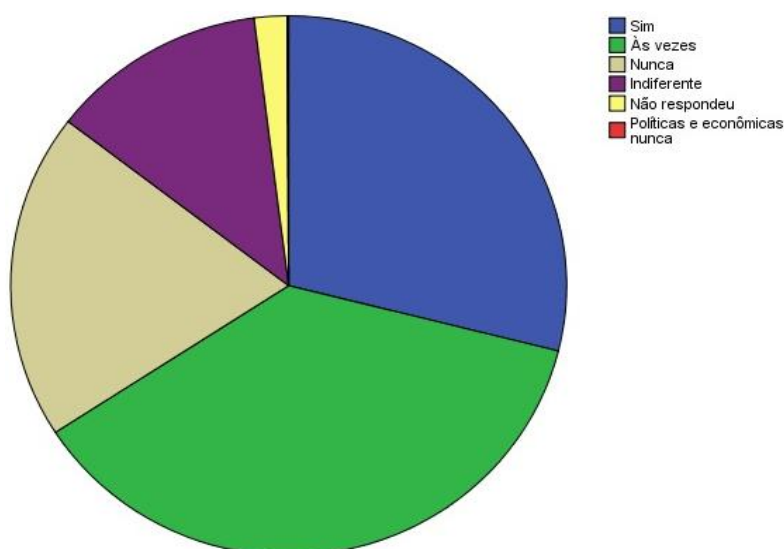
¹⁷⁵ CNBB, *Evangelização da juventude*, 227.

menos, mais de a metade concorda que, em determinados aspectos, a religião deve se envolver nestes temas. Existe um indiferentismo de 12,6%, que nem concorda nem discorda com esta afirmativa, e os que dizem nunca, 19,6%. Neste caso, uma parcela considerável não aceita o envolvimento da religião ou está alienada.

Tabela 45: Religião questões sociais e políticas e econômicas

A favor que sua religião se envolva com questões sociais, políticas e econômicas?	Frequência	Percentual
Sim	319	28,9
Às vezes	408	37,0
Nunca	216	19,6
Indiferente	139	12,6
Não respondeu	21	1,9
Políticas e econômicas nunca	1	0,1
Total	1104	100,0

Gráfico 45: Religião questões sociais e políticas e econômicas



A pergunta 25 do questionário se referiu à religião dos respondentes e não, à sua Igreja, ficando claro que se buscava uma resposta quanto às várias confissões de fé que poderiam existir entre os universitários. A religião Católica já há muito tempo tem se manifestado em favor dos mais necessitados, bem como outras religiões ou doutrinas têm feito o mesmo. O desejo e a necessidade de estar atento ao bem comum e a dignidade da pessoa humana têm sido a missão da religião.

Em 15 de maio de 1891, a sua Santidade o Papa Leão XIII publica a sua Carta Encíclica *Rerum Novarum* sobre a questão operária. A encíclica preocupou-se com a questão social, lutando contra a desigualdade econômica entre os operários oprimidos pelo liberalismo econômico dos mais fortes sobre os mais fracos.¹⁷⁶

Em comemoração aos 40 anos da *Rerum Novarum*, Santidade, o Papa Pio XI, escreve a Carta Encíclica *Quadragesimo Anno* (1931), na qual é ressaltado que:

entre outras coisas, quer denunciar a injustiça social, diminuir ou aumentar demasiadamente os salários, em vista só das próprias conveniências e sem ter em conta o bem comum; e a mesma justiça exige que, em pleno acordo de inteligências e vontades, quanto seja possível, se regulem os salários, de tal modo que o maior número de operários possa encontrar trabalho e ganhar o necessário para o sustento da vida. (QA, 74)

Para um desenvolvimento integral do homem, para a sua libertação da miséria, a busca da saúde, da subsistência e do emprego, surge a *Populorum Progressio* (1967) de sua Santidade, o papa Paulo VI, sobre o desenvolvimento que não é apenas econômico, mas também integral, promovendo o homem todo, além de, ao mesmo tempo, ser solidário. “Deus destinou a terra e tudo o que nela existe ao uso de todos os homens e de todos os povos, de modo que os bens da criação afluam, segundo a regra da justiça e caridade”. (PP, 22)

Carta Encíclica *Mater et Magistra* (1961) de sua Santidade o Papa João XXIII acerca d A Evolução da Questão Social à luz da Doutrina Cristã foi redigida, focando-se nos novos aspectos da questão social, na questão da propriedade particular, na renovação das relações de convivência na verdade, na justiça e no amor.

Qualquer que seja o progresso técnico e econômico, não haverá, no mundo, justiça nem paz, enquanto os homens não tornarem a sentir a sua verdadeira filiação de Deus. O homem não pode estar separado de Deus, senão acabará se tornando desumano consigo e com todos, porque as relações bem ordenadas consigo e com os outros pressupõem relação ordenada com o próprio Deus que é a fonte de verdade, justiça e de amor. (MM, 212)

Com o superdesenvolvimento e a evolução das descobertas e da própria economia de muitos países em detrimento da miséria de outros, faz-se uma leitura teológica dos problemas modernos. Sua Santidade, o Papa João Paulo II, na Carta encíclica, *Sollicitudo Rei Socialis*, afirma que só não é suficiente abordar as causas econômicas e, guardadas as devidas

¹⁷⁶ Sobre a condição dos operários, introdução, p. 5.

proporções, também é necessário individualizar as causas de ordem moral que, no plano dos homens, há um impedimento irresponsável para um desenvolvimento pleno e justo que deve ser alcançado.

Com o empenho missionário, a Igreja tenta alcançar a consciência da humanidade e o seu compromisso com a justiça, a solidariedade e o amor. Utiliza-se da sua doutrina social que não é uma ideologia, mas, a formulação acurada dos resultados de uma reflexão atenta sobre a existência do homem, cuja finalidade principal é estar em conformidade ou desconformidade com as linhas do ensinamento do evangelho sobre o homem e sobre sua vocação terrena e, ao mesmo tempo, transcendente.

O ensino e a difusão da doutrina social fazem parte da missão evangelizadora da Igreja, tratando-se de uma doutrina destinada a orientar o comportamento das pessoas e tem de levar uma delas, com consequência, ao “empenho pela justiça” segundo o papel, a vocação e as circunstâncias pessoais. (SS, 41)

Este pequeno indicativo das encíclicas demonstra que a religião católica há muito tempo vem se preocupando com o ser humano, cumprindo a verdadeira missão que lhe foi confiada. Os princípios da doutrina social da Igreja são permanentes e constituem o princípio da dignidade da pessoa humana, que são do bem comum, da subsidiariedade e da solidariedade.¹⁷⁷

Assinala-se ainda que o processo de globalização interliga as economias nacionais em tempo real e necessário se faz que a economia tire do sufoco os menos favorecidos em uma atitude humanitária de promoção do bem comum. “Em primeiro lugar, o respeito pela pessoa como tal. Em nome do bem comum, os poderes públicos são obrigados a respeitar os direitos fundamentais e inalienáveis da pessoa humana”.¹⁷⁸

Com o decorrer do tempo, a religião, através de sua doutrina (e não só a católica), vem acompanhando e contribuindo com a sociedade em geral, particularmente, a Igreja Católica com suas constituições e, de forma especial, a *Gaudium et Spes* no Capítulo IV Função da

¹⁷⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da igreja*, p. 99.

¹⁷⁸ CEC 1907.

Igreja no Mundo de Hoje. “A vida cristã não se expressa somente nas virtudes pessoais, mas também, nas virtudes sociais e políticas”.¹⁷⁹

Portanto, é missão o envolvimento de todos para a promoção do bem com, da solidariedade e da justiça. Não poderá ficar de fora das decisões políticas econômicas e sócias nenhuma religião que deseja ardentemente atender aquilo que Deus quer para o homem. Todas as decisões, em relação aos seres humanos, exigem uma fiscalização e uma denúncia das injustiças sociais. E, se assim for necessário, para proteger todos aqueles que, com muito sacrifício e desigualdade, seja na educação, saúde, bem como no trabalho, devam ter os mesmos direitos como cidadãos. É fundamental também respeitar a natureza hoje tão agredida pela ganância econômica.

A participação é o desenvolvimento voluntário e generoso da pessoa nas relações sociais. É necessário que todos participem, cada um conforme o lugar que ocupa e o papel que desempenha, na promoção do bem comum. Este dever é inerente à dignidade da pessoa humana.¹⁸⁰

Hoje existe um grande aumento da violência, da corrupção, do egoísmo, do individualismo, entre outras negativas. Nas grandes cidades, é cada vez maior o número das pessoas que vivem na rua. O Documento de Aparecida diz, em uma de suas discussões, que há que se ter um cuidado especial e atenção na promoção humana, de tal modo que, enquanto se proporciona a elas ajuda no que é necessário para a vida, que também sejam incluídas em projetos de reinserção social.¹⁸¹ A Igreja deve sempre se manifestar em questões políticas, econômicas e sociais todas as vezes que houver necessidade de defender o direito ao bem comum de todos. “Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância” (*Jo 10,10*).

¹⁷⁹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*, p. 256: discurso inaugural do Papa Bento XVI por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, maio 2007.

¹⁸⁰ CEC 1913.

¹⁸¹ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, nota 407.

CONCLUSÃO

Nessa pesquisa, constatou-se quanto à religião dos universitários da PUCRS, pode-se dizer que mais da metade dos alunos entrevistados se diz pertencer à religião Católica. Constata-se, assim, um desconhecimento da própria religião e da sua própria doutrina social.

O saber religioso se percebe a partir de uma comunidade, seja ela atuante ou não, e o seu testemunho vivido. No que tange aos sacramentos da iniciação cristã, o acento está no Batismo se comparado à Eucaristia e Crisma. Verifica-se, então, que, a partir dos sacramentos da Eucaristia e Crisma, que tradicionalmente os jovens eram levados pelos pais e padrinhos, nos dias atuais, eles buscam estes sacramentos pela sua própria inclinação. Há pouca prática de oração, presença nas missas, cultos, sessões, etc.

Percebe-se ainda que a religiosidade dos universitários segue uma vivência de pós-modernidade, na qual a resposta da própria religião já não atinge mais adequadamente aos estudantes.

Embora os estudantes, na sua maioria jovem, digam estar satisfeitos com a comunicação da sua religião e com as suas expectativas, desconhecem os seus ensinamentos, pois não têm o hábito de ler livros, artigos, ou publicações a respeito dos temas a ela associados.

A partir dos Gráficos 15, 16 e 17 observou-se que a maior parte dos estudantes não teve contato com o ensino religioso na escola, mas isso nos leva a perguntar e se tivessem? Seria então suficiente para que pudessem ter uma maior participação e uma prática religiosa? Seu engajamento religioso é insuficiente à medida que há pouca contribuição para a sua própria Igreja, bem como a sua participação em grupos nela mesma. O que pode ter sido no que concerne à participação em movimentos religiosos em um passado recente, a partir da universidade, é que há um afastamento considerável destes movimentos dos estudantes universitários.

Isto leva-nos a crer que a situação atual da Modernidade afasta o jovem da sua vivência religiosa, os quais têm como prioridade os seus estudos profissionalizantes, deixando para trás o que antes era razão de sua proposta existencial.

Na prática moral, constatam-se, mais uma vez, o desconhecimento da sua religião e da sua doutrina social, já que mais da metade dos alunos respondeu que pertencia à Igreja Católica.

As questões mais relevantes na pesquisa e que geram mais discussões são as de ordem moral, como a questão do divórcio, a pesquisa genética, o controle artificial da natalidade e o sexo antes do casamento, entre outras. Nestas questões, os alunos questionam a Igreja por não concordar com o divórcio, já que as pessoas podem, em determinado momento de sua relação, concluir que não estão mais em condições de viver um relacionamento juntas. São a favor da pesquisa genética, porém não foi abordado de que forma e para que, bem como do controle artificial da natalidade (não se especificou o método), mas pode se entender “preservativo”, haja vista a divulgação deste método nos meios de comunicação e outros.

A importância da religião no meio universitário não responde necessariamente ao seu ideal de viver, tampouco significa o seu ideal profundo. Há uma divisão nas respostas dos alunos, se observarmos os gráficos do capítulo dois.

A maioria diz acreditar em Deus, no entanto não liga a religião diretamente a Deus. Podem pensar em um Deus sem religião ou que esta é pouco significativa na sua prática diária.

Entra neste argumento a questão da fé na vida humana, principalmente em se tratando em vida após a morte, sobre a qual há pouco entendimento, principalmente, no que se diz respeito à ressurreição. Muitos responderam que não compreendem muito bem a questão da vida após a morte, demonstrando ter muitas dúvidas a este respeito. Buscam, assim, na reencarnação uma melhor compreensão às suas indagações existenciais.

Os alunos pesquisados dizem ter noção de que o mal é responsabilidade do ser humano e, por consequência, da própria sociedade, isentando (na grande maioria) Deus desta responsabilidade.

A Igreja é especialista em humanidade, e a sua missão primeira é o anúncio do Evangelho de Jesus Cristo, e isto leva a se envolver necessariamente em questões sociais, políticas e econômicas, não ficando restrita apenas à sacristia.

A inquietação da fé cristã leva o autor Andrés Torres Queiruga a perguntar se *somos os últimos cristãos e se é o fim do cristianismo?* Esta questão nos remete a dar uma resposta baseada no resultado da pesquisa, que nos leva a refletir e dizer que não somos os últimos cristãos, nem este é o fim do Cristianismo.

O Cristianismo tem mais dois mil anos de existência, e bem sabemos que passamos por várias crises, mas isto não nos leva a pensar que sejamos os últimos. Nos leva, sim, a algumas pistas pastorais que podem ser aplicadas na universidade, onde sabemos ser um lugar privilegiado do saber e das discussões entre fé e razão.

O resultado de nossa hipótese de trabalho confirma a pouca prática religiosa dos universitários, demonstrado nos dados aferidos no segundo capítulo.

A universidade é o lugar da busca da verdade, a qual é transmitida aos jovens estudantes tanto na área da formação profissional, como na perspectiva teológica, no diálogo entre fé e razão e na preocupação com a ética.

Dentro da própria universidade, contamos com a Pastoral Universitária, que pode e deve propor o encontro com os jovens e buscar as respostas que tanto os afligem, sendo este o fruto de tantas questões da nossa pesquisa, como a ressurreição/vida além da morte, a eutanásia, as pesquisas genéticas, a questão da própria religião, como sentido da nossa existência, etc. Há tantos outros questionamentos pelos quais os alunos esperam respostas bem como o diálogo fraterno e maduro com outras confissões de fé.

“Eu espero, Iahweh, eu espero com toda a minha alma, esperando tua palavra; minha alma aguarda o Senhor mais que os guardas pela aurora” (Sl 130, 5-6).

REFERÊNCIAS

- A PALAVRA de Deus na Missa. *Liturgia e Teologia*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- AGOSTINHO, Santo. *O livre-arbítrio*. Traduzido por Nair de Assis Oliveira. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- AQUINO, Santo Tomás de. *O Credo*: Santo Tomás de Aquino. Traduzido por Armindo Trevisan como O Credo. Tradução, prefácio, introdução e notas de Armindo Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2006.
- ASSMANN, Hugo. *A Igreja Eletrônica e seu impacto na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1986.
- BERNARD, Claude. *Introduction à l'étude de la médecine expérimentale*. Paris: J. B. Baillière et Fils, 1865.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social*. Petrópolis: Vozes; Rio de Janeiro: Koinomia, 2003.
- BLANK, Renold J. *Escatologia da pessoa: vida, morte e ressurreição*. Escatologia I. São Paulo: Paulus, 2000.
- _____. *Reencarnação ou Ressurreição: uma decisão de fé*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1995.
- BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja perplexa: a novas perguntas, novas respostas*. São Paulo: Paulinas, 2004. (Col. Soter).
- CATECISMO da Igreja Católica (*Catechismus Ecclesiae Catholicae*) (CEC). 11. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Em busca de uma ética universal: novo olhar sobre a Lei natural*. São Paulo: Paulinas, 2008.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Nostra Aetate: sobre as relações da Igreja com as religiões não-cristãs*. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *Presença Pública da Igreja no Brasil*. Instituto Nacional de Pastoral. São Paulo: Paulinas, 2003. (Jubileu de Ouro da CNBB).

_____. *Código de Direito Canônico*. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006. (Col. Igreja e Direito).

_____. *Diretório da Pastoral Familiar*. Comissão Nacional da Pastoral Familiar (CNPf). (Comissão Episcopal Pastoral para a Vida e a Família). 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. *Evangelização da juventude: Desafios e perspectivas pastorais*. Estudos da CNBB. n.85; n.93. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____. Igreja Católica diante do pluralismo religioso no Brasil (III). *Estudos da CNBB*, São Paulo: Paulinas, n. 71, 1994.

_____. Pastoral do dízimo. *Estudos da CNBB*, São Paulo: Paulinas, n. 8, 9. ed, São Paulo: Paulus, 2006.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Consideração sobre os projetos de reconhecimento legal das uniões entre pessoas homossexuais*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: discurso inaugural do Papa Bento XVI por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*, maio 2007.

_____. *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A FAMÍLIA. *Família, matrimônio e “uniões de fato”*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

COPPI, Paulo De; BESEN, José Artulino; HEERDT, Mauri Luiz. *O universo religioso. As grandes religiões e tendências religiosas atuais*. Florianópolis: Mundo e Missão, 2005.

CORBÍ, Marià. *Para uma espiritualidade leiga: sem crença, sem religiões, sem deuses*. Barcelona: Paulus, 2010.

DALL’PISSOL, Dalvina. *Ensino religioso: método e vivência*. Porto Alegre: EST, 1978.

DECRETO INTER MIRIFICA. Concílio Vaticano II. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1972.

DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. Traduzido com base na 40ª edição alemã (2005) aos cuidados de Peter Hünermann, por † José Marino Luz e Johan Konings. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2007.

DREIFUSS, René Armand. *A época das perplexidades: mundialização, globalização e planetarização: novos desafios*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

EICHER, Peter. *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. *Diccionario de conceptos teológicos*. Tomo II: Magistério-Verdad. Traduzido (do alemão) por Cláudio Gancho. Barcelona: Herder, 1990.

ENGELHARDT JR, H. Tristam. *Fundamentos da bioética*. Tradução de Hubert Lepargneur et al. São Paulo: Loyola, 1998.

EVANS, Gillian R. *Agostinho sobre o mal*. Tradução de João Resende. São Paulo: Paulus, 1995.

FERNÁNDEZ, Aurélio. *Compendio de teologia moral*. 3. ed. Madrid: Palabra, 2002. (Col. Pelicano).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

FORTE, Bruno. *A essência do cristianismo*. Traduzido de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. *Jesus de Nazaré, História de Deus, Deus da História: ensaio de uma Cristologia como História*. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____. *Para onde vai o Cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2003.

GALIMBERTI, Umberto. *Rastros do sagrado*. São Paulo: Paulus, 2003.

GASQUES, Jerônimo. *O dízimo em cada dia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2002.

GOEDERT, Valter Maurício. *Culto eucarístico fora da missa*. São Paulo: Paulinas, 1987.

GRINGS, Dadeus. *Casamento, amor e sexo*. Aparecida, São Paulo: Santuário, 2000.

GRUEN, Wolfgang. *O ensino religioso na escola*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A Amada Igreja de Jesus Cristo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges; BASTIANI, Jovane Luis De. O Perfil Religioso dos Estudantes da PUC. *Teocomunicação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, v. 29, n. 124, p. 211-219, 1998.

HAMMES, Érico João (Org.). *Fé & Cultura*. Temas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

HARTMANN, Attilio. *Espaço da festa, espaço de Deus*. São Paulo: Paulinas, 1987.

HERRMANN, Horst. *Igreja matrimônio divórcio*. Porto Alegre: Sulina, 1977.

INSTITUTO DIOCESANO DE ENSINO SUPERIOR DE WÜRZBURG. *Teologia para o cristão de hoje*. A experiência de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 1979. v. 7.

_____. *Teologia para o cristão de hoje*. A Resposta de Deus em Jesus Cristo. São Paulo: Paulinas, 1983. v. 4.

_____. *Teologia para o cristão de hoje: teologia e fé*. São Paulo: Edições Loyola, 1979. v. 6.

_____. *Teologia para o cristão de hoje: vivência cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 1981. v. 10.

JACOB, Cesar R.; RODRIGUES HEES, Dora; WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. *Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil*. São Paulo: Loyola, 2003.

JOÃO PAULO II. *A validade permanente do mandato missionário*. Carta Encíclica de João Paulo II. *Redemptoris Missio*. 9. ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

_____. *Carta às famílias*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.

_____. *Carta Encíclica Fides et Ratio do Sumo Pontífice João Paulo II aos bispos da Igreja Católica sobre as relações entre fé e razão*. São Paulo: Paulinas, 1998.

_____. *Constituição Apostólica Ex Corde Ecclesiae do Sumo Pontífice João Paulo II sobre as Universidades Católicas*. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_15081990_ex-corde-ecclesiae_po.html>. Acesso em: 01 fev. 2012.

_____. *Evangelium Vitae*. Carta Encíclica de João Paulo II Sobre o Valor e a Inviolabilidade da Vida Humana. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

_____. *Homilia do Papa João Paulo II para os Catequistas em Porto Alegre*. Porto Alegre: 5 jul. 1980. Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/homilies/1980/documents/hf_jp-ii_hom_19800705_portoalegre-brazil_po.html>. Acesso em: 01 fev. 2012. (Viagem Apostólica do Santo Padre ao Brasil).

_____. *O esplendor da verdade*. *Carta Encíclica de João Paulo II*. 10. ed. São Paulo: Veritas Splendor- Paulinas, 2011.

_____. *Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*. Declaração sobre a Eutanásia. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19800505_euthanasia_po.html>. Acesso em: 13 fev. 2012.

_____. *Sollicitudo Socialis*. Carta Encíclica de João Paulo II *Sollicitudo Rei Socialis*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2003.

_____. *Veritatis Splendor*. Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa João Paulo II: O Esplendor da Verdade. 10. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

JOÃO PAULO VI. *Humanae Vitae*: Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Paulo VI sobre a Regulação da Natalidade. 12.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

_____. *Mysterium Fidei*: Carta Encíclica de Sua Santidade o Papa Paulo VI sobre o Culto da Sagrada Eucaristia. São Paulo: Paulinas, 1965.

_____. *Populorum Progressio*. Carta Encíclica de Sua Santidade O Papa Paulo VI sobre o Desenvolvimento dos Povos. 13.ed. São Paulo: Paulinas, 2006.

JOÃO XXIII. *Mater Et Magistra*. Carta Encíclica de Sua Santidade O Papa João XXIII sobre a Evolução da Questão Social à Luz da Doutrina Cristã. 12.ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

KLOPPENBURG, Carlos José Boaventura. *O reencarnacionismo no Brasil*. Vozes em Defesa da Fé. Petrópolis: Vozes, 1961.

KONINGS, Johan M. H.; ZILLES, Urbano. *Religião e Cristianismo*. 7. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dicionário crítico de teologia*. Tradução de Paulo Meneses. 2. ed. São Paulo: Paulinas / Loyola, 2004.

LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. *Dicionário teologia fundamental*. Tradução de Luiz João Baraúna. Aparecida, São Paulo: Santuário, 1994.

LEÃO XIII. *Rerum Novarum*. Carta Encíclica de sua santidade o Papa Leão XIII sobre a condição dos operários. Tradução de Manuel Alves da Silva. 18. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

LIBÂNIO, João Batista. *Caminhos de existência*. São Paulo: Paulus, 2009.

_____. *Olhando para o futuro*: perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina. São Paulo: Loyola, 2003.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Traduzido por Miguel S. Pereira; Ana L. Faria. Lisboa: Relógio D'Água, 1983.

MATOS, Olgária C. F. *A Escola de Frankfurt*: luzes e sombras do iluminismo. São Paulo: Moderna, 2003.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha; Elsa Maria Berredo Peixoto; Gaspard Gabriel Neerick; I. F. L. Ferreira; Josué Xavier; Honório Dalbosco (Rev. Téc.). 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005. [Tradução de: *Dictionary of The Bible*].

MOSER, Antônio. *O enigma da esfinge*: a sexualidade. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. *O pecado*: do descrédito ao aprofundamento. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MURAD, Afonso; GOMES, Paulo Roberto; RIBEIRO, Susie. *A casa da teologia*. Introdução ecumênica à ciência da fé. São Paulo: Paulinas, 2010.

NETO, Rodolfo Gaede; BRANDENBURG, Laude Erandi; MEURER, Evandro Jair. *Teologia da prosperidade e Nova Era*. IEPG - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, RS: 1998.

OLIVEIRA, Paulo José F. de. *Desmistificando o dízimo*. Santa Catarina: ABU Editora, 1996.

PACOMIO, Luciano; PADOVESE, Luigi; FISICHELLA, Rino et al. *Lexicon: dicionário teológico enciclopédico*. São Paulo: Loyola, 2003.

PEDRINI, Alírio. *Os jovens descobrem o Cristo na missa*. São Paulo: Paulinas, 1975.

PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul de. *Problemas atuais de bioética*. 5. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

PIO XI. *Quadragesimo Anno*. Carta Encíclica de Sua Santidade Pio XI sobre a Restauração e Aperfeiçoamento da Ordem Social em Conformidade com a Lei Evangélica. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

PIO XII. *Discurso de Su Santidad PÍO XII*. A los participantes en el IV CONGRESO INTERNACIONAL DE MÉDICOS CATÓLICOS. (29 set. 1949). Disponível em: <http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/speeches/1949/documents/hf_p-xii_spe_19490929_votre-presence_sp.html>. Acesso em: 01 fev. 2012.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. *Bíblia e Moral – Raízes Bíblicas do Agir Cristão*. São Paulo: Paulinas, 2008.

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da doutrina social da igreja*. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RATZINGER, Joseph (Bento XVI). *Compreender a igreja hoje*. Vocação para a Comunhão. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. *Fé, verdade, tolerância: cristianismo e as grandes religiões do mundo*. 4. ed. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2007.

_____. *Fe y Ciencia: um diálogo necessário*. Cantábria: Sal Terrae, 2011.

_____. *Introdução ao cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. Com um novo ensaio introdutório. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SAGRADA CONGREGAÇÃO DA DOCTRINA DA FÉ. *Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

SAMUEL, Albert. *As religiões hoje*. São Paulo: Paulus, 1997.

SCHNEIDER, Theodor (Org.). *Manual de dogmática*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 2.

SCHÖNBORN, Christoph (Org.). *YOUTCAT - Catecismo Jovem da Igreja Católica*. Lisboa: Paulus, 2011. [Tradução do original de: *Youth Catechism of the Catholic Church*].

SEBASTIANI, L. *Dicionário teológico enciclopédico*. Tradução de João Paixão Netto; Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Loyola, 2003.

SESBOUE, Bernard; THEOBALD, Cristoph. *A palavra da salvação (XVIII – XX)*. São Paulo: Loyola, 2006.

SILVA, Wadna Audiane Salles da. *Religião e Sociedade contemporânea* - Uma análise da religião no mundo atual. Mato Grosso do Sul: Sec. Mun. de Educação, Cultura, Desporto e Lazer de Aparecida do Taboado, 2007.

SOARES, Afonso Maria Ligorio; PASSOS, João Décio (Orgs.). *Teologia e Ciência: diálogos acadêmicos em busca do saber*. São Paulo: Paulinas, EDUC, 2008.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de; FERNANDES, Sílvia Regina Alves; ANTONIAZZI, Alberto et al. *Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo, Rio de Janeiro: Paulus, 2002. Coleção CERIS (Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais).

SUSIN, Luiz Carlos (Org.). *Teologia para outro mundo possível*. São Paulo: Paulinas, 2006.

TABORDA, Francisco. Instituto Diocesano de Ensino Superior de Würzburg: *Teologia para o cristão hoje*. Vol. VII: A experiência de Deus. São Paulo: Edições Loyola, 1979 (Adaptação).

TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Creio em Deus Pai. O Deus de Jesus como afirmação plena do humano*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

_____. *Do terror de Isaac ao Abbá de Jesus: por uma imagem de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Fim do cristianismo pré-moderno: desafios para um novo horizonte*. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. *O que queremos dizer quando dizemos "inferno"?* São Paulo: Paulus, 1997. [Tradução do original de: *Que queremos decir cuando decimos "infierno"?*]

_____. *Pelo Deus do mundo pelo mundo de Deus: sobre a essência da vida religiosa*. São Paulo: Loyola, 2003.

_____. *Recuperar a criação: por uma religião humanizadora*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003. [Tradução do original de: *Recuperar la creacion: por una religion humanizadora*].

_____. *Recuperar a Salvação: por uma interpretação libertadora da experiência cristã*. Tradução de Afonso Maria Ligorio Soares. São Paulo: Paulus, 1999. (Col. Teologia Hoje).

_____. *Repensar a Ressurreição: a diferença cristã na continuidade das religiões e da cultura*. Traduzido por Afonso Maria Ligorio Soares; Anuar Jarbas Provenzi. São Paulo: Paulinas, 2004. [Tradução do original de: *Repensar la resurrección: la diferencia cristiana en la continuidad de las religiones y de la cultura*, 1940].

_____. *Repensar a revelação: a revelação divina na realização humana*. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. *Repensar o mal: Da Ponerologia à Teodiceia*. São Paulo: Paulinas, 2011.

VALADIER, Paul. *A anarquia dos valores; será o relativismo fatal?* Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

VIER, Frederico (Coord.). *Compêndio do Vaticano II: constituições decretos declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VIGIL, José Maria. *Teologia do pluralismo religioso: para uma releitura pluralista do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2006.

ZILLES, Urbano. *Antropologia teológica*. São Paulo: Paulus, 2011.

_____. *Religiões: crenças e credences*. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

ANEXO A - Aprovação da Pesquisa pela Comissão de Ética

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

OF.CEP-017/11

Porto Alegre, 07 de janeiro de 2011.

Senhor Pesquisador,

O Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS apreciou e aprovou seu protocolo de pesquisa registro CEP 10/05313 intitulado **"A religiosidade dos universitários da PUCRS"**.

Salientamos que seu estudo pode ser iniciado a partir desta data.

Os relatórios parciais e final deverão ser encaminhados a este CEP.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Rodolfo Herberto Schneider
Coordenador do CEP-PUCRS

Ilmo. Sr.
Prof. Geraldo Luiz Borges Hackmann
FATEO
Nesta Universidade

PUCRS

Campus Central
Av. Ipiranga, 6690 – 3º andar – CEP: 90610-000
Sala 314 – Fone Fax: (51) 3320-3345
E-mail: cep@pucrs.br
www.pucrs.br/prppg/cep

ANEXO B - Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

Nome do Estudo: A Religiosidade dos Universitários da PUCRS
 Instituição: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
 Orientador Responsável: Prof. Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann
 Fone: (51) 33203613
 Pesquisador (Mestrando): Edson Roberto Pedron Frizzo
 Fone: 99712852
 CEDIPUCRS: Fone: 33203345

Nome do participante: _____
 Data: Maio/2011

I - OBJETIVO DO ESTUDO:

O estudo visa examinar a religiosidade e a prática religiosa dos estudantes universitários. Para tal fim, vamos recorrer a uma pesquisa científica entre os estudantes da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). A pesquisa tem por objetivo se aprofundar nesta questão religiosa buscando descobrir as crenças que mais estão se desenvolvendo no meio dos universitários da PUCRS.

II - PROCEDIMENTO:

Responder um questionário com 25 perguntas objetivas.

III - A partir dos resultados, se necessário serão propostas mudanças no programa de Humanismo e Cultura Religiosa e alterações no método de evangelização da Pastoral da própria Universidade.

IV - Os procedimentos, para tanto, serão avaliados com professores de Teologia, Sociologia, Humanismo e Cultura Religiosa.

V - Você terá a garantia de responder com total liberdade e abandonar a pesquisa se assim desejar.

VI - As informações obtidas neste estudo poderão ser divulgadas em trabalhos, com fins científicos, preservando-se o anonimato dos participantes. O (a) Senhor (a) não será identificado.

VII - Aceito participar voluntariamente desse estudo, reconheço que a minha participação será sigilosa e meu nome não será divulgado em nenhum momento.

 Assinatura Participante

 Assinatura Pesquisador (Mestrando)

 Assinatura Pesquisador Responsável

ANEXO C - Parecer

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Comitê de Ética em Pesquisa

PARECER

Cadastro do Projeto CEP/PUCRS
10/05313

Título:
A religiosidade dos universitários da Pucrs

Pesquisador Responsável:
Geraldo Luiz Borges Hackmann, Edson Roberto Pedron Frizzo.

Aspectos Científicos e Metodológicos

No projeto se prevê entrevistar todos os estudantes da Pucrs que estiverem cursando a disciplina Cultura Religiosa e Humanismo no primeiro semestre de 2011, estimados em 1900 indivíduos, como representativos para o conjunto do estudantado. Os custos serão pagos pelo pesquisador.

Aspectos Éticos

O estudo prevê a aplicação de um questionário de 23 perguntas fechadas que, além dos dados do perfil, versam sobre hábitos e crenças religiosas e sobre valores prezados pelo entrevistado. Todas as perguntas seguem a prática usual de pesquisa nessa área. O Termo de Consentimento está redigido de modo claro, oferece a opção de não participar, esclarece adequadamente o/a entrevistado/a e contém telefones para contato. No projeto foram tomados todos os cuidados pertinentes sob a ótica da ética em pesquisa.

Recomendação
Aprovar

Considerações Gerais

Data do Parecer 18/01/2011

ANEXO D - Questionário

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL PROJETO DE PESQUISA PÓS-GRADUAÇÃO TEOLOGIA

Questionário nº: _____

Convidamos você a participar desta pesquisa com grande alegria! Você não será identificado e as suas respostas, quaisquer que sejam, não lhe trarão nenhum prejuízo. Você tem a liberdade para decidir não participar.

Gostaria de começar fazendo algumas perguntas sobre você e sobre sua prática religiosa.

1 - Curso _____ 2- Idade ____ 3- Sexo: () 1. M () 2. F

4 – A sua religião é?

() 1. Católica () 2. Evangélica () 3. Espírita () 4. Outra _____

5 - Você acha que a sua religião responde as suas expectativas?

() 1. sim () 2. em parte () 3. não

6 - Você já recebeu o(s) sacramentos? (*Pode ter mais de uma resposta*).

() 1. Batismo () 2. Eucaristia () 3. Crisma () 4. Matrimônio

7 - Costuma frequentar a Missa, ou Culto, ou Reunião ou Sessão de sua religião?

() 1. Todos os dias () 4. Algumas vezes ao ano
() 2. Aos domingos () 5. Nunca
() 3. Duas a três vezes ao mês

8 - Você costuma ler publicações (livros, periódicos ou artigos) sobre sua religião?

() 1. Sim () 2. Eventualmente () 3. Não

9 - Você reza/ora?

() 1. Diariamente () 3. Às vezes
() 2. Sempre que preciso pedir algo () 4. Nunca

10 - Você teve ensino religioso até:

() 1. 5ª série
() 2. Da 6ª a 8ª série
() 3. No ensino médio
() 4. Nunca teve

11 – Você contribui financeiramente com a sua religião?

() 1. Regularmente () 2. Às vezes () 3. Nunca

12 – Você participou/participa de algum movimento de sua religião?

() 1. Participo
() 2. Já participei
() 3. Nunca

13 - Dê um conceito para a comunicação de sua religião com os fiéis:

1. Ruim 2. Regular 3. Bom 4. Ótimo

Agora gostaria de saber algo sobre suas crenças e suas opiniões:

14 – Você acredita em Deus? 1. Sim 2. Não

15 – Você é a favor do(a): *(Pode ter mais de uma resposta).*

a) Divórcio 1. Sim 2. Não d) Pena de morte 1. Sim 2. Não

b) Eutanásia 1. Sim 2. Não e) Controle artificial da natalidade 1. Sim 2. Não

c) Aborto 1. Sim 2. Não

16 – Você acredita que o ser humano, hoje, possa construir/ transformar a sua vida sem a interferência de Deus?

1. Sim 2. Talvez/em parte 3. Não

17 – Você acredita na:

1. Ressurreição

2. Reencarnação

3. Não há vida após a morte

18 – Você concorda que o mal é: *(Pode ter mais de uma resposta).*

1. Responsabilidade do ser humano 4. Castigo de Deus

2. Responsabilidade da sociedade 5. Fatalidade

3. Da natureza do mundo

19 – Você acredita em sua religião por: *(Pode ter mais de uma resposta).*

1. Cura 4. Conquista do amor

2. Negócios 5. Segurança

3. Ideal de viver 6. Realização do seu ser profundo

20 – Você é a favor do casamento de religiosos (as)?

1. Sou a favor 2. Sou contra 3. Indiferente

21 – Você é a favor da pesquisa científica da genética humana?

1. Sou a favor 2. Sou contra 3. Indiferente

22 – Você é a favor da união (casamento) de pessoas do mesmo sexo?

1. Sou a favor 2. Sou contra 3. Indiferente

23 – Você é a favor da fecundação artificial humana?

1. Sou a favor 2. Sou contra 3. Indiferente

24 - Você é a favor do sexo antes do casamento?

1. Sou a favor 2. Sou contra

25 - Você é a favor que sua religião deva se envolver com questões sociais, políticas e econômicas?

1. Sim 2. Às vezes 3. Nunca 4. Indiferente